

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LARISSA ROYER SALVADOR

A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA: OS DISCURSOS PRODUZIDOS

Florianópolis
2019

LARISSA ROYER SALVADOR

A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA: OS DISCURSOS PRODUZIDOS

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Christofari.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra

--

LARISSA ROYER SALVADOR

A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA: OS DISCURSOS PRODUZIDOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia.

Florianópolis, Dezembro de 2019.

Profa. Dra. Jocemara Triches
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Carolina Christofari
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Ma. Carolina Votto
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Márcia Buss Simão
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meu pais, Soely Royer e Eduardo Salvador, por terem me dado a vida, proporcionado condições de chegar aonde tenho chegado, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo conselhos e dando-me suporte. Agradeço imensamente por estarem sempre presentes na minha vida, independente dos acontecimentos do dia-a-dia ou de qualquer distância. Sou eternamente grata por tudo isso!

A minha família. A minha querida irmã, Letícia, que mesmo com nossas diferenças, sempre esteve comigo e, através de conversas e conselhos, ajudou-me a chegar aqui. A minha avó Florinda, meu exemplo de mulher, que nunca mediu esforços para me ajudar e me apoiar. A minha madrinha, meu padrinho, minha 'boadrasta', aos meus irmãos, meus avós, minhas tias e tios. Agradeço a todos vocês!

Ao meu companheiro, Guilherme Azzolini, que, com todo seu afeto, apoiou-me incondicionalmente do início ao fim desta etapa, e em tantas outras, mesmo quando eu pensava não ter mais forças, sempre esteve me encorajando e me fazendo enxergar possibilidades. Agradeço todo companheirismo, amor, paciência, força e respeito!

As minhas queridas amigas e queridos amigos, do intercâmbio, do ensino médio, do curso de Pedagogia, em especial à mana (Clara), Caroll, Ingrid e Mari e aquelas/aqueles em que a vida me deu de presente. Agradeço por todo apoio, encorajamento, suporte e compreensão pelos momentos em que estive ausente para dedicação deste trabalho.

Especialmente, agradeço a minha orientadora Ana Carolina, que foi essencial, não só para a construção deste trabalho, mas também por ser um exemplo de profissional para mim. Agradeço por toda sua atenção, dedicação, pelos momentos em que precisei ser ouvida e pelas nossas conversas e discussões, que se transparecem na escrita deste trabalho. Muito obrigada!

Por fim, agradeço à banca examinadora deste trabalho, pois são mulheres que fizeram parte do meu percurso acadêmico e que contribuíram imensamente nesse processo. Agradeço a todo corpo docente do curso de Pedagogia por terem contribuído em minha formação. E agradeço a todos que direta ou indiretamente influenciaram na conclusão desta etapa acadêmica. Obrigada!!!

Dedico este trabalho a todas as pessoas, crianças, jovens, adultos ou idosos, que têm sua integridade reduzida à discursos simplificadores. Em especial, dedico às crianças com autismo.

RESUMO

A mídia, através dos veículos de comunicação, é encarregada pela circulação de notícias, informação e entretenimento, promovendo discursos e construindo verdades. Nesse contexto, o autismo aparece representado pela mídia em diversos veículos de comunicação e entretenimento. Deste modo, o presente trabalho aborda a temática das representações do autismo em revistas impressas brasileiras e tem como o objetivo analisar e problematizar os discursos que estão sendo produzidos por essas revistas. Esta pesquisa é caracterizada como exploratória com abordagem qualitativa, utilizando como instrumento a análise de discurso. A construção da metodologia deu-se a partir da análise bibliográfica de trabalhos e artigos que abordam o tema, seguindo da apresentação e contextualização de quatro revistas que foram analisadas e por fim é apresentada a análise e problematização dos conteúdos que compõem capas das revistas e das matérias, bem como a relação delas com as imagens que acompanham a escrita. O referencial teórico desse trabalho encontra apoio, principalmente nos estudos de Eni Orlandi, no que tange a análise do discurso e nos auxilia a compreendê-la como possibilidade de leitura mais analítica e crítica da linguagem, percebendo os discursos como produtores de subjetividade. E ainda, buscamos dialogar com o pensamento de Adorno que, ao problematizar a indústria cultural, instiga-nos a refletir sobre a relação da construção de nossas verdades a partir daquilo que é transmitido pelos diferentes meios de comunicação de massas. Ao realizarmos a análise das revistas, compreende-se como os discursos veiculados pela mídia mostram-se e produzem modos de pensar e de agir em diversos espaços da sociedade, principalmente, nas escolas. Como resultado desta pesquisa é importante destacar a grande frequência de discursos que ressaltam o diagnóstico ao invés da potencialidade dos sujeitos, o que favorece o fortalecimento de uma visão médica em relação ao desenvolvimento humano, e a grande oferta de terapias que prometem garantir o bem-estar da criança com autismo.

Palavras-chave: Autismo. Representação. Mídia. Discurso.

ABSTRACT

The media, through the communication tools, is responsible for circulating news, information and entertainment, promoting speeches and building ideas. In this context autism is represented by the media in various communication and entertainment vehicles. Thus, this final paper discuss the theme of the autism representations in Brazilian print magazines and aims to analyze and to problematize the discourses that are being produced by these magazines. This research is characterized as exploratory with qualitative approach, using discourse analysis as an instrument. The construction of the methodology took place from the bibliographical analysis of works and articles that discuss the theme, following the presentation and contextualization of the four journals that were analyzed and finally the analysis and problematization of the contents that make up the covers of the magazines as well their relationship with the images that accompany the writing. The theoretical framework of this work finds support especially in the studies by Eni Orlandi, regarding discourse analysis and helps us understand it as a possibility of more analytical and critical reading of language, perceiving the discourses as subjectivity producers. Yet we seek to dialogue with Adorno's thoughts that, when problematizing the cultural industry, urges us to reflect on the relationship of the construction of our truths from what is transmitted by the different mass media. When we analyze the magazines we understand how the discourses conveyed by the media show themselves and produce ways of thinking and acting in various areas of society, especially in schools. As a result of this research it's important to highlight the high frequency of discourses that emphasize the diagnosis rather than the potentiality of the subjects and the wide range of therapies that promise to guarantee the well being of children with autism.

Keywords: Autism. Representation. Media. Discourse.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	12
1.2 Pressuposto	16
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo geral	16
1.3.2 Objetivos específicos.....	16
2. O QUE A MÍDIA TEM A NOS OFERECER?	17
2.1 Mídia impressa: revista	21
2.2 Representação do autismo: produto midiático	24
2.2.1 O que apresenta o DSM-V	26
2.2.2 Os discursos sobre o autismo	29
3. METODOLOGIA	33
3.1 Levantamento bibliográfico	35
3.2 Como as revistas serão analisadas?	38
3.3 O que nos dizem as imagens e as palavras?	42
3.3.1 Investigação dos bancos de imagens: Shutterstock - Getty Images	43
4. ANÁLISE DAS REVISTAS	48
4.1 As capas	48
4.1.1 As capas e os discursos: possibilidades de leitura.....	50
4.2 Os discursos	64
4.2.1 Revista 1	64
4.2.2 Revista 2.....	80
4.2.3 Revista 3	89
4.2.4 Revista 4.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	113

1. INTRODUÇÃO

A globalização produz novas formas de pensar o mundo e se relacionar com ele, a qual reflete diretamente no funcionamento do sistema econômico, religioso, cultural e mercadológico. Nesse contexto da sociedade globalizada, a mídia torna-se um instrumento de muita influência na vida das pessoas.

A mídia está presente, por diferentes vias, cotidianamente na vida de cada um, seja na televisão, rádio, internet, jornais ou revistas e é resultado da expansão da indústria cultural que sustenta a veiculação da informação com amplo poder de alcance e rapidez divulgando a informação praticamente no momento em que um determinado fato ocorre. Assim, o discurso veiculado pela mídia hegemônica se torna objeto de poder das classes dominantes, que reúnem as pesquisas de mercado e tecnologias disponíveis para formar produtos seletivos, impressos ou eletrônicos, direcionados à massa com a finalidade de construir e fortalecer um determinado discurso produtor de uma determinada mentalidade, através do entretenimento e informação.

Segundo o sociólogo Octavio Ianni (1993), a audiência é alcançada por mensagens que imitam a realidade, criando a ilusão de que essa reprodução seria a própria obra. Além disso, pode-se afirmar, que o público memoriza muitas informações e, conseqüentemente, entende essa informação como conhecimento, julgando-se grandes conhecedores de um determinado assunto. Estar informado não significa ter conhecimento, uma vez que este provém de um árduo processo intelectual de hipótese, pesquisa, análise e questionamento, resultando, assim, em novas informações. Ler, apropriar-se e disseminar uma informação ou notícia sem averiguar a fonte ou o objetivo, problematizando seu contexto, configura em perpetuar a lógica hegemônica recorrente, pois a informação é a simulação do fato real.

É necessário analisar o comportamento estratégico da mídia na produção mercadológica, ou seja, a empresa midiática leva em consideração as demandas de seus clientes para produzirem o que eles têm interesse em consumir, mas, também, produzem demandas, ainda que não saibam o que querem consumir. Nessa lógica, o lucro se sobressai diante do produto, que é a informação.

Para compreender o processo da produção de conteúdo das revistas que abordam o autismo no regime do capital, sustentamos este trabalho nos estudos de Eni Orlandi, a qual discute a Análise do Discurso, possibilitando “uma relação menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2001, p.9). Segundo a autora, analisar o discurso produzido é compreender a língua fazendo sentido. A partir desta ideia e dos estudos de semiótica, que abordam os

elementos básicos da interpretação de dada situação ou conceito, é possível entender como é construída a subjetividade dos sujeitos (autistas) e como essa abstração interfere no nosso olhar perante esses sujeitos, além de afetar diretamente a conduta para e com eles.

No artigo de Clarice Rios *et al.* (2015), discute-se a propagação da temática do autismo nas mídias impressas e audiovisuais, além do aumento significativo, nos últimos tempos, de personagens autistas em filmes, séries de televisão e livros. De acordo com os autores, “o autismo tem sido cada vez mais objeto de atenção e discussão na mídia, na forma de notícias e em matérias de caráter eminentemente jornalístico” (RIOS *et al.*, 2015, p.326).

Este fato é confirmado constantemente em bancas de revistas e propagandas televisivas, o que nos leva a indagar de que maneira esses sujeitos são representados nos meios de comunicação. Queremos compreender quais elementos em uma imagem, por exemplo, criam a ideia de um indivíduo com autismo, pois foi essa a sensação que tivemos ao observar as capas das revistas selecionadas para compor o desenvolvimento deste trabalho e outras mídias que nos perpassaram ao longo da escrita.

Os avanços tecnológicos possibilitam a otimização dos segmentos pertencentes à indústria cultural, tornando os produtos cada vez mais aprimorados para os desejos do público consumidor, alcançando o maior número de pessoas, ou seja, o público de massa. Entretanto, nem sempre se preocupam com a qualidade do produto que oferecem, visando somente os efeitos causados na vida das pessoas e da sociedade. A lógica mercadológica objetiva a venda, não apenas de um determinado produto, mas também de conceitos, de verdades. Seguindo esta lógica e partindo do pressuposto que a informação também se torna um produto produzido por grandes empresas midiáticas que visam o capital, é de fundamental importância analisarmos criticamente aquilo que é oferecido sob o risco de aceitarmos toda e qualquer informação ou produto como uma “verdade”. O leitor lê, através das palavras, o sentido que é dado no ato da leitura, que está agregado na informação (ORLANDI, 2001), ou seja, ele a armazena e a reproduz.

Além disso, é importante diferenciarmos informação de conhecimento. Jorge Larrosa Bondía (2002) afirma que nossa sociedade atualmente é a sociedade da informação. Sabe-se muito de muitas coisas, mas pouco se conhece, analisa-se criticamente, problematiza-se aquilo que é apresentado, sobretudo, pelas mais variadas formas de mídia. Os diferentes meios de comunicação como jornais, programas de televisão, revistas impressas e online, difundem constantemente informações e opiniões que atingem diretamente e rapidamente as pessoas. Assim, a mídia produz determinados discursos enfocando certos assuntos, colocando em visibilidade aquilo que considera naquele momento ser importante fazendo com que as

peessoas construam seus modos de ver o mundo a partir daquilo que ela apresenta.

Diante dos parâmetros atuais de veiculação da informação e das recentes pesquisas acerca do Transtorno do Espectro Autista, faz-se necessário uma ampla análise sobre como as mídias apresentam tais conteúdos, englobando o formato da discussão, os objetivos e o público a que são destinadas determinadas matérias. Por exemplo, quando selecionamos as revistas para analisar detalhadamente, percebemos que os conteúdos eram direcionados aos pais de crianças com desconfiança sobre o transtorno ou para os já diagnósticos com autismo e havia a apresentação de várias terapias em que profissionais das áreas da saúde detinham a autoridade para se pronunciar sobre o transtorno, enquanto a participação dos profissionais da educação foi mínima ou ausente.

Neste trabalho serão analisadas as mídias impressas hegemônicas que circulam em território nacional, porém, devemos lembrar que a representação sobre sujeitos com diagnóstico de autismo está presente em novelas, filmes, seriados, jornais e internet. Assim, a análise das revistas relaciona-se, também, com esses veículos de comunicação, uma vez que representam uma concepção tradicional, universalizante e estigmatizante construída em nossa sociedade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A partir do exposto é que o presente trabalho foi inserido, pois considerando o caráter de produção de modos de ver o mundo e se relacionar com ele que a mídia produz, analisá-la em seus aspectos constitutivos de subjetividades é fundamental para problematizarmos os discursos que ela provoca.

Conforme Rios *et al.* (2015), o “autismo se tornou objeto de crescente atenção na mídia [...]”. Ao mesmo tempo em que há possibilidade de um número maior de pessoas terem acesso ao conhecimento e compreenderem o significado do Transtorno do Espectro Autista (TEA), devemos, por outro lado, questionar os conteúdos que circulam. E foi com esse intuito que o presente TCC foi desenhado.

Diante de uma breve observação de capas de revistas que tratam o tema, percebeu-se que, maioritariamente, elas apresentavam o TEA como uma tragédia, excluindo a voz dos sujeitos diagnosticados com autismo, infantilizando as pessoas que têm o transtorno e impondo limites em relação aos modos de vida, sem dar a oportunidade das pessoas que têm esse diagnóstico se manifestarem sobre o que sentem, como sentem, o que pensam, como percebem o que dizem delas. Com isso a complexidade e heterogeneidade da condição de

uma pessoa com autismo reduz-se a simplificação de um fenômeno patológico que precisa ser “tratado”.

Desde as leituras iniciais percebeu-se que o discurso apresentado pelas revistas, bem como a maneira como o autismo estava sendo retratado, denotam a criança com autismo como se fosse universal. Nota-se que se anuncia em primeiro lugar, a condição do autismo e não a criança, ou seja, como se todas as crianças com autismo fossem iguais, como se todas tivessem o mesmo comportamento, mesmo modo de se expressar e de se relacionar com o mundo.

Os enunciados apresentados nessas revistas, tais como “mundo autista” ou “comportamentos típicos do TEA”, ou ainda, “saiba tudo sobre o autismo”, anunciam que o autismo é encarado como uma patologia enquadrada em padrões e discursos universais, além de preestabelecerem um conceito estereotipado e excludente sobre esses sujeitos. Orlandi (2001) defende a concepção de que “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta [...]” (ORLANDI, 2001, p. 111). Assim, podemos dizer que as palavras escolhidas nas expressões enunciadas pelas revistas, evidenciaram o discurso tipificado dos sujeitos diagnosticados com TEA.

A mídia tem um papel essencial para veiculação da informação na sociedade globalizada. É através dos veículos de comunicação atrelados à tecnologia, que temos acesso aos fatos ocorridos do outro lado do mundo, praticamente em tempo real. Além da rapidez, é necessário enfatizar que em pouco tempo, circula uma vasta gama de notícias, sem que tenhamos tempo hábil para acompanhar e processar cada uma delas. A partir disso, apresenta-se o problema da pesquisa, questionando, que tipo de discurso está sendo produzido pelas revistas impressas sobre a representação do autismo? De que maneira o autismo tem sido representado na mídia? A discussão permeia-se pela problematização do papel da mídia na difusão e na manutenção do que se veicula sobre o autismo.

Por questões pessoais, apresenta-se grande interesse em compreender a temática que abrange o Espectro Autista. Desde 2016, quando iniciei a graduação em Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), esperava estudar essas questões no curso. Quando percebi que, somente, nos semestres finais da graduação teria a possibilidade de cursar as duas disciplinas que discutem sobre a Educação Especial, escolhi buscar estudos que me auxiliassem a compreender o que era dito, estudado e pesquisado no campo do TEA. Além disso, cursei uma disciplina optativa no primeiro semestre de 2016, oferecida no curso

de Psicologia da UFSC, chamada “Estudos sobre Deficiência”, a qual teve total influência no meu interesse em pesquisar o Autismo.

Na época, acompanhava alguns *blogs* e páginas do *facebook* que divulgavam o tema em uma perspectiva de inclusão social dos sujeitos diagnosticados com autismo. Inicialmente, a leitura desses conteúdos foram importantes para estruturar minhas ideias, além de consolidar meu entendimento acerca daquilo que compreendia como inclusão¹ de pessoas com deficiência.

Ao longo do processo, identifiquei um padrão que orientava majoritariamente os conteúdos lidos. O tema do autismo acabava sendo enfatizado em detrimento de uma discussão mais contextual em relação ao sujeito e sua história. Além disso, raramente as pessoas com autismo apareciam fazendo depoimentos, falando o que sentiam em relação ao modo como eram compreendidos e tratados socialmente, quais suas percepções sobre como se relacionam com o mundo.

Durante a disciplina de “Estudos sobre Deficiência”, os professores apresentaram pessoas com diagnóstico de autismo que se destacavam por seu trabalho ou estudo. A exemplo disso, podemos citar a Temple Grandin. Procurei o filme que trata sobre a vida dela (Temple Grandin, 2010), assisti e achei o filme fantástico, pois sua condição de mulher com diagnóstico de autismo foi retratada a partir de como ela se sentia e como se via na sociedade. Sucessivamente encontrei, na biblioteca universitária da UFSC, o livro “Emergence: Labeled Autistic (Temple Grandin, Margaret M. Scariano)²” escrito por ela, no qual contava sobre sua vida, desafios sociais, acadêmicos e profissionais. Mais uma vez achei incrível e surpreendentemente diferente de todos aqueles estereótipos que encontrava nos conteúdos anunciados na mídia hegemônica.

Ainda que é notório que nem todas as pessoas com diagnóstico de autismo tem condições sociais que as possibilite desenvolverem-se com autonomia, ter conhecimento de histórias que rompem com os discursos já instituídos sobre a pessoa com autismo, possibilita outras formas de analisar e problematizar as histórias de vida de quem tem esse diagnóstico. É preciso tornar visível a potência das pessoas com autismo se constituírem autônomas, sujeitos participativos da sociedade.

¹ Não é o objetivo deste trabalho entrar nas discussões sobre o que é inclusão, por isso, para efeitos desta pesquisa, considero inclusão um movimento social que está diretamente atrelado às políticas públicas e que está em constante processo de construção. Considero também que esse movimento pode transformar a compreensão sobre as pessoas com deficiência de modo que elas possam participar de todos os espaços sociais com suas necessidades específicas, sem que tenham que se adequar aos locais para que sejam acolhidas.

² Obra traduzida: Uma Menina Estranha: Autobiografia de Uma Autista - Temple Grandin e Margaret M. Scariano (2016).

Nesse movimento de saber mais sobre a vida das pessoas com autismo, fui a uma livraria e passei os olhos pelas revistas e encontrei duas que abordavam o tema. A primeira revista, “O mundo secreto do CÉREBRO” (2016), enunciava em sua chamada principal a seguinte frase: “CÉREBRO E AUTISMO – Um defeito nos neurônios pode influenciar diretamente no transtorno. Saiba por quê”.³ Já a segunda revista intitulada “Ler & Saber AUTISMO”, trazia integralmente conteúdos sobre o TEA, ambas revistas da mesma editora: Alto Astral. Comprei as duas.

Fiquei frustrada ao folhear a revista “Ler & Saber AUTISMO” e me deparar com os conteúdos essencialmente nos mesmos padrões das reportagens e páginas da internet. Não cheguei a ler a revista toda e, cansada de encontrar sempre o mesmo padrão, pausei minhas buscas.

Dois anos depois, retomei minhas buscas, porém, em outras fontes: *Scientific Library Online* (SCIELO) e banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os descritores foram: “mídia e autismo”, “autismo” e “mídia”. Na busca, cujo descritores foram “mídia e autismo”, não foi encontrado nenhum trabalho/artigo. No entanto, apesar de mudar a fonte de pesquisa, ainda assim não estava satisfeita, pois boa parte das pesquisas eram relacionadas aos campos da saúde, destacando diagnósticos e tratamentos.

Ao longo das buscas, encontrei o artigo “Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira”, escrito pela Clarice Rios, Francisco Ortega, Rafaela Zorzanelli e Leonardo Fernandes Nascimento, onde discutia-se a narrativa do autismo. A leitura do artigo fez muito sentido, pois retratava exatamente aquilo que tinha verificado em páginas da internet e nas revistas anteriormente citadas:

Os relatos sobre autistas que aparecem nesse contexto cumprem uma função ilustrativa, mantendo uma relação próxima com descrições psiquiátricas e neurocientíficas a respeito do transtorno. [...] A segunda forma de visibilidade alcançada pelo autismo, ao longo desse período, destaca-se pelo efeito dramático que produz nos leitores. As matérias que fazem críticas às políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde e de educação, trazem casos limites de pais desesperados e de autistas desassistidos pelo poder público (RIOS *et al.*, 2015, p.333).

Assim, apoiei-me nos estudos já realizados acerca do tema para que pudesse iniciar as investigações sobre a temática.

³A escrita é fiel a como se apresenta na revista, ou seja, caixa alta nas palavras cérebro e autismo.

1.2 PRESSUPOSTO

A mídia, através dos veículos de comunicação, é encarregada pela circulação de notícias, informação e entretenimento. Atrelado a isso, pressuponho que a mídia promove discursos construindo subjetividades, produz verdades e constrói sujeitos tipificados.

Presumo que a ideia do que é o autismo e o que é ser autista tem grande influência das informações veiculadas pela mídia, das representações desses sujeitos em canais de entretenimento e pelo próprio senso comum, que é confirmado com a constante rede de informações e notícias divulgadas por revistas. Ou seja, considero que o autismo segue um caminho que vai para além do diagnóstico, segue um imaginário coletivo construído por sujeitos produtores e produzidos pelo discurso, reafirmado pelos conteúdos midiáticos que visam alcançar o público de massa.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

O presente trabalho objetivou analisar e problematizar os discursos que estão sendo produzidos por revistas brasileiras impressas sobre o autismo.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Analisar como aparece a produção do conceito de autismo nas revistas;
2. Problematizar de que maneira os discursos são construídos, transmitidos e em que aspectos ocasionam visibilidade ao Transtorno do Espectro Autista (TEA);
3. Analisar a quais os profissionais que a mídia tem dado voz para falar sobre o TEA.

Para tanto, analisou-se revistas levando em consideração de que forma a mídia produz o conceito de autismo e, também, a maneira como os discursos estão sendo construídos e enfatizados, ganhando destaque quando a temática é o autismo.

2. O QUE A MÍDIA TEM A NOS OFERECER?

Desde os primórdios, o ser humano adquire maneiras de se comunicar e é a partir desse momento que começam a surgir as primeiras manifestações da linguagem. Ao longo do desenvolvimento da sociedade, maneiras diferenciadas de disseminar mensagens foram se instalando, sobretudo, em espaços comerciais e industriais. Os grandes e rápidos avanços tecnológicos proporcionaram a elaboração de novos meios de comunicação, cujo a esse conjunto, chamamos de mídia. Não só aumentou a diversificação desses meios, como também, a própria informação tornou-se mais um produto do sistema econômico capitalista.

O lema atual, principalmente com as mudanças na sociedade estabelecidas pela Revolução Industrial (século XVIII), é “tempo é dinheiro”, desta forma, quem produz mais produtos, informação e serviços em menos tempo, encontra-se dentro da corrida pelo sucesso no sistema capitalista. Novas configurações foram desenvolvidas para acelerar a produção, o que antigamente era feito manualmente, agora é manufaturado, por meio da produção padronizada e em série, visando o alto rendimento e resultado. Como já mencionado anteriormente, a informação também é consumida como um produto, o que torna esse fato uma grande oportunidade para manufaturá-la.

Vinculando esses dois grandes marcos históricos e sociais: a necessidade da transmissão da informação e a informação como um produto, é que se desperta a oportunidade da comunicação para grandes públicos, em que a mesma mensagem é transmitida rapidamente e afeta os seus receptores. Esse processo é definido como comunicação de massa e utiliza as mídias tradicionais para emitir a mensagem, através de livros, jornais, revistas, internet, filmes e televisão.

Além disso, é notável que essa rapidez advinda do modelo econômico capitalista, mencionado anteriormente como “tempo é dinheiro”, faz com que essas mensagens enviadas pelo campo jornalístico, sejam cada vez mais resumidas e sintéticas, uma vez que o consumidor/leitor tem o tempo limitado para realizar a leitura. Consequentemente, são rapidamente informados por mensagens muitas vezes superficiais que transmitem a notícia sem a possibilidade de reflexão. O filósofo alemão Walter Benjamin (1892 - 1940) defendia que a experiência, juntamente com a reflexão, só podia ser apreciada se viesse acompanhada de uma narrativa:

Em seu belíssimo texto, *O Narrador* (1936), Benjamin nos fala da crise da experiência. Ao discorrer acerca do assunto, aponta o caráter artístico da narrativa, situando-a como uma experiência. Para o autor, a chegada dos tempos modernos colocou em xeque a capacidade de contar histórias, facultada essa que, aos olhos do

filósofo, parecia ser inalienável. De acordo com o escrito, ao sermos privados de tal possibilidade, instaura-se a incapacidade de intercambiar experiências (FERRARESI, 2017, p. 118).

Posteriormente, Vanessa Ferraresi (2017) segue explicando que, para o filósofo foi a propagação das informações que enfraqueceu a narrativa e, conseqüentemente, tudo o que ela tinha a oferecer, como é o caso da reflexão, indagação e do esgotamento do assunto. Ou seja, notícias instantâneas tendem a ser simplificadoras e impedem a capacidade de análise crítica daqueles que têm acesso a ela e, principalmente, de se transformarem, de repensarem suas certezas ao refletir sobre elas. Desse modo, a experiência não é vivida (FERRARESI, 2017, p. 119).

A autora enfatiza que a leitura se torna apenas informativa e não construtiva e modificadora de modos de se relacionar com o mundo. Enquanto a informação se instaura em um formato breve e efêmero, só tem valor quando é atual, assim, ele apresenta o conceito de *short story*, que “aparece como comprovação da sua denúncia em relação à efemeridade do mundo atual. Ela pode ser definida como uma abreviatura da narrativa, um encurtamento necessário mediante dinâmica reducionista do mundo moderno” (FERRARESI, 2017, p. 119). Ou seja, para evidenciar o que Walter Benjamin propôs como *short story* (histórias curtas), basta abrir uma notícia, em algum noticiário de massa disponibilizado na internet, que iremos deparar-se com informações relevantes para o momento, rápidas e resumidas.

O conceito de experiência baseado nos escritos de Walter Benjamin, também problematizado pelo espanhol Jorge Larrosa, ajuda a compreender como esse novo formato de veicular informação se fortalece cada vez mais diante das configurações sociais atuais, porque:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p.21).

A necessidade de estarmos informados o tempo todo está atrelada a falsa ideia de que informação é conhecimento e que é mais fácil (e rápido) acessar milhões de informações do que se aprofundar em um tema e estudá-lo. Na realidade, o tempo investido na leitura de tantas informações e notícias, faz com que não sobre espaço para escolher um tema, ler, analisar, refletir sobre, pois quando se termina de ler uma notícia, em seguida já se tem outra diferente, e depois mais outra. É menos complicado escolher a superficialidade das informações do que iniciar o árduo processo de conhecimento sobre algo. Facilmente temos

acesso às notícias rápidas e superficiais, entretanto, isso inviabiliza o acesso à experiência propriamente dita, ou seja, são escritas que não nos passarão, não nos acontecerão e não nos tocarão. Estamos rodeados de notícias efêmeras e rasas.

A função da veiculação jornalística, atualmente, é transmitir conteúdos alheios a narrativas, conteúdos que tenham importância momentânea, mas que rapidamente caem no esquecimento, tornam-se sem relevância, sem evidências e cada vez mais resumidos, com poucas palavras. Essa produção jornalística será evidenciada, no Capítulo 4, nas análises das revistas que abordam a representação do autismo, em que veiculam conteúdo sem muitas evidências científicas, fartos de instruções sobre como “lidar com o autismo”, sem nem ao menos se referirem a um sujeito, mas sim, ao diagnóstico como se fosse igual para todos os sujeitos. Além disso, ainda são revistas que aparecem acompanhadas de mensagens que confortam os leitores, afirmando que o conteúdo por elas oferecidos são suficientes para que o leitor não tenha a preocupação em procurar outras literaturas que também abordem o transtorno.

De acordo com Flávia Biroli (2011), não podemos deixar de mencionar a importância que a mídia exerce sobre a sociedade quando se encarrega de difundir as representações do mundo social. A correspondência com a humanidade é permeada por representações “produzidas e difundidas em escala industrial, fazendo com que nossas referências sejam uma fusão entre o mundo com o qual temos contato diretamente e o mundo que conhecemos pelas telas da TV, pela *internet* e pelas páginas de revistas e jornais” (BIROLI, 2011, p. 85). Entretanto, problematizamos o fato de que quando o sujeito só tem acesso às representações divulgadas pela mídia, ele pode acreditar que só existem aquelas formas vistas por ele. Diante disso, a autora aponta em seu trabalho que:

Os meios de comunicação de massa consistem numa arena na qual estão em disputa representações diversas da realidade social. Estão em disputa, mais precisamente, a validação de valores e julgamentos que estão na base dessas representações. E essa disputa se coloca em vários níveis e graus, daí o fato de que os discursos colocados em circulação pela mídia recorram a tipificações, tenham como efeito potencial a naturalização de determinados estereótipos, mas não se restrinjam a uma versão coerente e linear dos grupos sociais e das relações de poder em que se inserem (BIROLI, 2011, p.95).

Entendendo as representações midiáticas como disputas de poder econômico e social, faz-se necessário, segundo Cremilda Medina (1988), examinar as consequências do campo: “informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada” (MEDINA, 1988, p. 16). Por isso, discutiu-se a indústria cultural através das

críticas de Adorno e Horkheimer, no texto *A Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das massas*⁴, que apresentam pontos que favorecem e apoiam as concepções presentes neste trabalho.

O termo Indústria cultural foi elaborado pelos filósofos alemães Theodor Adorno (1903 - 1969) e Max Horkheimer (1895 - 1983), para se referirem ao processo de produção da cultura como recursos padronizados, através da música, cinema, rádio e revistas, que fizessem a função de manipular o público de massa. Além disso, os produtos elaborados na indústria cultural, buscam ser os mais padronizados possíveis, a “cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança” (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 7), pois assim têm o potencial de serem usufruídos por um número maior de consumidores.

As mídias impressas analisadas adiante, possuem a característica mencionada acima. Também, partindo da ideia dos autores de que: “Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A ou B, ou entre histórias em revistas de diferentes preços, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los” (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 12).

Tais revistas são direcionadas a um público-alvo específico, àqueles que apresentam interesse e dúvidas sobre o assunto. Prometem apresentar “tudo sobre o autismo”, entretanto apresentam informações generalizadas acompanhadas de consultorias superficiais, dotadas de imagens estereotipadas que pertencem a determinados grupos sociais. Sabe-se que esse discurso não é neutro, há muitas produções envolvidas: de subjetividades, de lugares de sujeito, de mentalidades, de difusão da informação em detrimento da possibilidade de construção do conhecimento.

Outra relevante característica da contribuição dos filósofos para este trabalho é entender como o público consumidor das mídias impressas (nesse caso, revistas) podem se manifestar diante da leitura delas. Segundo Adorno e Horkheimer:

Senso crítico e competência são banidos como presunções de quem se crê superior aos outros, enquanto a cultura, democrática, reparte seus privilégios entre todos. Diante da trégua ideológica, o conformismo dos consumidores, assim como a imprudência da produção que estes mantêm em vida, adquire uma boa consciência. Ele se satisfaz com a reprodução do sempre igual [...] (2002, p.28).

Será possível observar, posteriormente, como se efetiva o apontamento acima, pois levando em consideração a informação jornalística como produto de comunicação de massa, é esperado que os consumidores também se manifestem. Oras, se as revistas apresentam

⁴ Este texto também é conhecido pelo título *A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas*.

constantemente os mesmos assuntos e os consumidores continuam a comprando, a indústria jornalística manterá a produção nesses mesmos moldes. O que seria diferente se o leitor, indignado com a mesmice, com a superficialidade, cessasse o consumo, porém ele “se satisfaz com a reprodução do sempre igual”.

2.1 MÍDIA IMPRESSA: REVISTA

Como visto anteriormente, as revistas e jornais pertencem ao conjunto das mídias tradicionais impressas, responsáveis por transmitirem mensagens aos receptores, ou seja, seu público. Apesar de ambos serem veículos de comunicação, jornais e revistas apresentam formatações e características bastante diferentes, além da distinção no formato sobre como as informações são apresentadas. “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (BOAS, 1996, p. 9).

Conforme Cristiane Modólo (2008) aponta em seu trabalho, existem três pontos que fazem as revistas se divergirem entre si: “apresentação física (configurações estético-formais, padrões técnicos de qualidade gráfica, periodicidade e duração), tratamento da informação (conteúdo) e público-alvo (público-leitor)” (MODÓLO, 2008, p.91). É a harmonia entre esses itens que garantirá maior sucesso editorial e comercial. Para além dessas características, segundo Vilas Boas (1996), as revistas são produtos mais duráveis que os jornais e mais literários, uma vez que é permitido o uso atraente das palavras e recursos gráficos mais aprimorados.

Nas questões que tangem aos recursos textuais escritos, Vilas Boas (1996) aponta que o “estilo gráfico e a linguagem tendem para uma *gramática própria* do gênero da revista” (BOAS, 1996, p.71). O autor segue explicando que além do estilo tradicional do jornalismo, “a revista toma expressões da literatura e as transpõe para o uso corrente. Da mesma forma, o faz com expressões populares (jargões, neologismos, coloquialismos etc.)” (BOAS, 1996, p.71-72).

Nas análises das revistas, pode-se observar, o uso constante de termos como “mundo autista”, “mundo paralelo”, “tudo sobre o autismo”. Apesar dessas expressões serem uma forma própria das revistas, como anunciado pelo autor, discutiremos exatamente como esses termos anunciados podem afetar as concepções dos leitores no que diz respeito ao autismo.

As capas são uma das mais importantes partes das revistas, pois têm a “função de executar o papel capitalista do jornalismo na sociedade industrial. Isso significa que é delas o

papel de garantir a venda do jornalismo enquanto produto, ou seja, de chamar a atenção do leitor” (CUNHA, 2007, p.11). O autor Vilas Boas (1996) ainda complementa a explicação: “produzir uma capa com os atrativos de uma embalagem, e não apenas um julgamento de importância jornalística” (BOAS, 1996, p.72). De acordo com o exposto, percebe-se que essas características aparecem com frequência nas capas analisadas, por exemplo, pelo uso constante de frases como “como tornar a socialização mais fácil?”, ou ainda, “como estimular o autista?”.

Para assegurar a leitura das matérias, as revistas podem usar um artefato específico durante a elaboração das aberturas das matérias, as antíteses⁵. “Geralmente é uma estrutura baseada em antíteses: o fato e a sua circunstância, do fato e sua consequência. Criado o clima de tensão e angústia, que é a própria motivação para a leitura, logo depois vem a explicação da antítese” (BOAS, 1996, p. 72). Isso pode ser percebido no exemplo a seguir: “Muitas famílias que descobrem o autismo em uma criança não conhecem o transtorno e, por essa razão, se *desesperam*. Por isso, em primeiro lugar, o importante é manter a *calma*” (Ler & Saber, 2016, p. 12, grifo nosso).

Para finalizar a discussão do estilo das revistas, faz-se necessário discutir a interpretação dos fatos que faz parte do conjunto de suas características:

Em jornalismo, submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica e depois transformá-los em matéria significa interpretar. [...] De modo geral, o jornalismo interpretativo deve ser um trabalho coordenado. O produto (ou a notícia) que será publicado é a informação em toda sua integridade. Captada, analisada e selecionada pelo jornalista. A ele cabe o diagnóstico (BOAS, 1996, p. 77).

A maioria das matérias analisadas aparecem difundidas com apoio em consultorias com especialistas. Sem entrar na significância de que profissionais são esses, pois será discutido adiante, é notável que a matéria apareça com as concepções e perspectivas do jornalista que a escreveu, haja vista que cada sujeito tem a sua identidade – composta por atravessamentos múltiplos que fazem com que leia e interprete o mundo de determinada maneira – que é expressa na sua escrita. Diante disso e com o enunciado de Vilas Boas (1996), em que é o próprio jornalista que faz o diagnóstico sobre a escrita, pode haver discordância entre conceitos que têm significados dentro do contexto específico e que fora, significam apenas o que a semântica das palavras prevê.

⁵ A figura de linguagem antítese consiste na aproximação de palavras que expressam ideias opostas. Tal aproximação produz um contraste que enfatiza os sentidos das duas palavras, ressaltando-os de uma forma que não seria possível se os termos fossem empregados isoladamente. Fonte: LINGUAGEM, Figuras de ANTÍTESE. Disponível em: <www.figurasdelinguagem.com/antiteze>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Dependendo de cada contexto histórico, social ou científico, existem termos e palavras que podem ter múltiplas compreensões, conceitos diferenciados. Em cada conjuntura essas palavras, carregadas de conceitos, inserem-se e se produzem sob modos específicos de leitura. Por exemplo, as palavras inclusão e integração.

A palavra inclusão, por si só significa, segundo o dicionário Dicio⁶: “Introdução de algo em; ação de acrescentar, de adicionar algo no interior de; inserção”. Entretanto, em discussões na área da educação especial, inclusão é o termo usado para designar um movimento no qual a arquitetura, a concepção das pessoas e a formação específica de profissionais se transformam, tendo em vista que precisam estar aptos a receberem pessoas com deficiência, ou seja, o objetivo da inclusão é que os sujeitos que tenham alguma necessidade específica sejam atendidos.

Diferentemente do termo, também utilizado na educação especial, “integração”, que retrata o processo no qual os sujeitos com deficiência (ou com alguma necessidade específica) precisam se adequar ou se adaptarem ao ambiente para que, então, possam estar integrados, inseridos dentro do contexto. Entretanto, segundo o dicionário Dicio⁷, “integração” significa: “Incorporação; ação de incorporar, de unir os elementos num só grupo”. Ou seja, as duas palavras, segundo o dicionário Dicio, podem ser consideradas sinônimos. Porém, quando essas duas palavras estão inseridas dentre de discussões na área da educação especial, tornam-se conceitos que, neste caso, significam movimentos diferenciados.

Em uma das revistas analisadas, observou-se a discussão sobre o processo de inclusão escolar. A jornalista, a partir de sua transcrição, afirma que o profissional consultado indica a investigação sobre a integração das crianças nas escolas. Como visto, dentro das discussões na área da educação especial, o termo integração significa um movimento sobre as pessoas com deficiência se adaptarem/integrarem ao ambiente escolar modificando seu modo de ser para, então, poderem ser incluídas.

Atualmente, o movimento que tem objetivo de construir uma sociedade mais acessível, equitativa e democrática, trata-se da inclusão. Nesse processo, entende-se que os espaços são adaptados para receberem as pessoas, acolhendo suas singularidades, suas especificidades, tendo deficiência ou não e não o contrário. Não apenas os espaços, mas uma concepção de sujeito e de sociedade precisa ser modificada para que as práticas também mudem. Aos olhos de um público geral pode parecer sutil o uso do termo, entretanto, para

⁶ INCLUSAO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/inclusao/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

⁷ INTEGRACAO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/integracao/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

peças que estão a par dos movimentos relacionados ao processo de inclusão escolar, mostra-se bastante contraditório o uso desta palavra.

Considerando o que foi exposto, estamos cientes de que as revistas possuem suas próprias características, que são próprias do seu gênero. Entretanto, procurou-se investigar quais são as consequências para os leitores (famílias e profissionais que se relacionam com pessoas com autismo) e a sociedade, de uma forma geral, ao terem acesso às informações relacionadas ao autismo da maneira que são difundidas nas revistas. São matérias que enunciam um sujeito alheio ao seu corpo, sem voz e sem vontades próprias, informações carregadas de estereótipos e apoiadas constantemente nos discursos médicos e questões orgânicas.

2.2 REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO: PRODUTO MIDIÁTICO

Como vimos anteriormente, os avanços tecnológicos possibilitaram a difusão da informação em um tempo ínfimo. O que acontece do outro lado do mundo, é noticiado em questões de segundos. Além disso, consideramos que a notícia e a informação são produtos de consumo inseridas na lógica do nosso sistema econômico capitalista, por isso atribuímos a este fato que os discursos acerca do autismo veiculados por essas mídias aparecem não só como produtores de sentidos, mas também acompanhadas da função de mercadológica, oferecendo serviços para “tratar” as questões orgânicas e comportamentais dos sujeitos diagnosticados com autismo.

É recorrente o fortalecimento do discurso médico para orientar pais, famílias, amigos e profissionais sobre “como conviver com um autista”. Nesse tipo de discurso, aparecem questões generalizadoras e estereotipadas, acompanhadas por afirmações⁸ do tipo: “Como qualquer criança, os autistas também sentem fome e cansaço” (p.34) ou “pois o contato físico realmente faz mal a eles” (p.47). Além disso, o discurso sobre o autismo ou crianças com autismo, geralmente é produzido por um adulto, entretanto dificilmente se presencia um sujeito com autismo falando sobre sua própria condição, sobre seu próprio diagnóstico. Para além disso, raramente se encontram pessoas diagnosticadas com autismo falando sobre temas que lhes interessam ou sobre qualquer outra coisa.

Marina Bialer (2015), em uma pesquisa, analisou a produção autobiográfica de escritores autistas. Todos os 14 escritores, sem exceção, apresentavam escritas que

⁸ Fragmentos retirados da revista *Ler & Saber Autismo* da editora Astral, ano 1, nº 1 de 2015.

denunciavam a não-inclusão dentro das escolas. Alguns relatavam o quanto se sentiam presos dentro das condições do autismo e sobre os profissionais que sempre sabiam o que estava bom ou não. Dentre esses autores, Ido Kedar é um menino diagnosticado com autismo, não é falante e só conseguiu se comunicar através da escrita na adolescência. Ido tem um *blog*⁹ e lá ele escreve como é ser autista, registra:

Desde meu programa em casa quando era uma criança pequena, até dos meus acompanhantes terapêuticos, dos fonoaudiólogos, dos professores e de muitos dos meus avaliadores (não todos), fui bombardeado com especialistas que falam sobre mim com tanta convicção, que supunham quem estava certo e quem não estava (KEDAR, 2011, 20 de março, tradução nossa)¹⁰.

Um artigo publicado analisa as concepções sobre o autismo publicadas no Brasil de 2000 a 2012, a partir de matérias coletadas em um banco digital de quatro veículos de mídia impressa nacionais. O que se percebe é “uma escassez de relatos de autistas em primeira pessoa (6,1%) e um número ainda menor de relatos de autistas brasileiros (1,7%)” (RIOS et al., 2015, p.330).

O que é apresentado pelos autores tem relação na fala de Ido Kedar, pois, muito raramente aparecem os sujeitos com autismo falando sobre eles mesmos. Os autores seguem explicando que esses 6,1% de relatos em primeira pessoa são de estrangeiros conhecidos internacionalmente e que “a maior parte dos relatos pessoais não trata de biografias extraordinárias, mas cumpre uma função ilustrativa, servindo como exemplo singular para algum tema tratado na matéria em questão” (RIOS et al., 2015, p.330).

Os discursos que aparecem sobre o autismo chegam carregados de questões médicas e consequentemente, os profissionais que normalmente os apresentam são médicos ou outros especialistas que passaram por alguma capacitação na área da saúde, assim têm a total autoridade (*status* de verdade científica) para falar sobre o assunto. Nota-se que são a partir desses discursos que se constrói o olhar médico diante dos sujeitos diagnosticados com autismo fortalecendo as ofertas de tantos tipos de terapias e “tratamentos”. Ana Rêgo defende que:

No autismo, na maioria das vezes, o começo da intervenção se dá pelo olhar do médico e, muitas vezes, o paciente segue sob esse olhar para qualquer tipo de assistência ao longo da vida. É como se fizesse parte dos protocolos de atendimento referir que aquela pessoa, que está sendo então assistida, pertence a um grupo, a uma categoria. Ela não pode ser tida como singular, pois faz parte de uma categoria, a

⁹ KEDAR, Ido. **Ido in Autismland**. Disponível em: <www.idoinautismland.com>. Acesso em: 21 nov. 2019.

¹⁰ Trecho original: From my home program as a little kid to my OT therapists to my speech therapists to my teachers to many of my evaluators (not all), I have been bombarded with experts who talk about me with such conviction, who assume they are right, and who are not.

categoria dos TEA. Nesta categoria, o saber médico, ou saber do mestre, é colocado sobre o saber do sujeito (RÊGO, 2016, p.95).

O discurso médico no que tangem às discussões relacionadas ao autismo é embasado em pesquisas científicas e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), por isso, faz-se necessário analisar e compreender o que é apresentado nessa publicação, pois evidencia-se, nas análises adiante, o fortalecimento dessas questões.

2.2.1 O que apresenta o DSM-V

O primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) foi elaborado em 1953 pela Associação de Psiquiatria Americana (APA), com o objetivo de documentar padronizadamente os transtornos mentais e de assessorar as condutas médicas no processo de diagnósticos.

O DSM-I consistia basicamente em uma lista de diagnósticos categorizados, com um glossário que trazia a descrição clínica de cada categoria diagnóstica. Apesar de rudimentar, o manual serviu para motivar uma série de revisões sobre questões relacionadas às doenças mentais (ARAÚJO; NETO, 2014, p.69).

Em 1968 foi publicada sua segunda edição, porém não houve muitas modificações de acordo com a primeira. Com o passar dos anos, o manual foi passando por modificações terminológicas, até que em “1980, a APA publicou a terceira edição do seu manual introduzindo importantes modificações metodológicas e estruturais que, em parte, se mantiveram até a recente edição” (ARAÚJO; NETO, 2014, p.69). Depois de passar por mais atualizações decorrentes de pesquisas e revisões bibliográficas, em 1994, foi lançada a quarta edição, o DSM-IV. E, por fim, em maio de 2013 foi publicada a sua versão mais recente e atual, o DSM-V.

Como já foi exposto, o DSM-V é a consolidação de inúmeras atualizações das versões anteriores, além da apresentação de muitos novos transtornos. Por isso, levando em consideração a temática deste trabalho, deteremo-nos a observar o que ele relata sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como as possíveis características que servem para descrevê-lo e os critérios utilizados para a avaliação. Uma das principais diferenças em relação às versões anteriores para a quinta edição é que:

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento, que incluíam o Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett foram absorvidos por um único diagnóstico, Transtornos do Espectro Autista. A mudança refletiu a visão científica de que aqueles transtornos são na verdade uma mesma condição com gradações em dois grupos de sintomas: Déficit na comunicação e interação social;

Padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos (ARAUJO; LOTUFO NETO, 2014, p. 70-72).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está englobado dentro do capítulo de Transtornos de Neurodesenvolvimento. É descrito conforme os seguintes critérios diagnósticos:

- A. Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia [...]
- B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia [...]
- C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).
- D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.
- E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50-51).

Percebe-se que as atribuições para descrever os diagnósticos são de origens comportamentais relacionadas com as questões: da comunicação, interação, comportamentos restritivos e prejuízos no funcionamento social. Além disso, o DSM-V ainda especifica os níveis de gravidade para o transtorno do espectro autista de acordo com a imagem da tabela de níveis de gravidade do espectro (Figura 1), retirada do manual:

TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Exigindo apoio muito substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Figura 1 – Níveis de gravidade para TEA
 Fonte: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.52.

A Figura 1 apresenta possibilidades para descrever os níveis de gravidade 1, 2 e 3, os quais possuem palavras deterministas, como anormal, limitação, prejuízo, estranha, dificuldade. Tais palavras identificam incapacidade e impotência dos sujeitos diagnosticados. Refletindo sobre as consequências associadas ao uso dessas palavras, é possível perceber que elas se apresentam de formas negativas/depreciativas.

Imagine um sujeito crescendo e se desenvolvendo (envoltos em discursos) ao som de palavras que o limita e o coloca na posição de inferioridade ou de diferente. É possível para essa pessoa, criança, jovem ou adulta, alcançar circunstâncias favoráveis ao seu desenvolvimento e acreditar em sua potencialidade diante da vida?

Conforme o exposto, fica notável que boa parte das declarações sobre o autismo estão associados aos critérios e características apresentados pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Arelado a isso, temos que considerar que os médicos e profissionais da área da saúde têm uma intensa autoridade no que diz respeito aos diagnósticos por eles proferidos. A partir disso, é necessário problematizar como esses discursos são produzidos e reverberados pelas famílias, amigos, profissionais e pessoas, em geral, que se relacionam com os sujeitos diagnosticados com autismo e como a produção dessas declarações podem afetá-los em diversos âmbitos da vida.

O diagnóstico adequado, realizado a partir de um estudo amplo em relação às condições do sujeito e suas características, com uma rede multiprofissional e não aligeirado, pode ser um relevante promissor para entender as condições do sujeitos e, então oferecer-lhes

oportunidades, intervenções e estímulos e desafios necessários que visem o desenvolvimento humano, autonomia, autoconhecimento, possibilidade de participação social crítica e qualidade de vida.

É necessário levar em consideração que o mesmo diagnóstico que pode vir a possibilitar melhores condições de vida, é o mesmo diagnóstico que pode rotular, estigmatizar, que pode colocar os sujeitos em caixas e impedir suas constantes transformações. Além disso, dentro da esfera escolar, pode ser usado, também, como a explicação, justificativa, pretexto da não-aprendizagem do aluno (ou não-ensinagem do professor), tirando a responsabilidade escolar, deixando-a para o diagnóstico.

Foi o que percebemos em relação aos discursos proferidos pela mídia, pois as questões biológicas acabam se sobressaindo às questões sociais e, além disso, considerando que os profissionais que têm voz nas revistas analisadas são majoritariamente da área da saúde, observamos que as revistas estão em consonância com uma visão difundida pelo DSM, que é aquela que não considera o sujeito em suas relações, o sujeito produzido também no âmbito social; a ênfase está no modelo médico que individualiza, pois o foco está no corpo ou no desvio do cérebro em relação aos neurotípicos, indicando formas de corrigi-lo, oferecendo técnicas para adequá-lo ao padrão de normalidade.

2.2.2 Os discursos sobre o autismo

Este tópico tem objetivo de problematizar alguns discursos presenciados por mim, ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional, principalmente durante a escrita deste trabalho. São enunciados, olhares e ações que descendem do princípio patologizante que traz o DMS-V (e também das versões anteriores) sobre o sujeito diagnosticado com TEA. De maneira alguma, torna-se objetivo deste tópico julgar ou desqualificar qualquer um dos profissionais autores das falas adiante. Pelo contrário, tratamos de apresentá-los para entender como os discursos e enunciados pela mídia, que também são heranças do que apresenta o DSM, são produzidos e se manifestam no cotidiano dos sujeitos com TEA e dos profissionais que se relacionam com eles.

Lucelmo Lacerda, doutor em educação pela PUC-SP, publicou um trabalho, em 2017, que analisa a representação social do autismo em séries de televisão: *Parenthood*, *The Bridge*, *Alphas* e *Touch*. Ele indica que as séries apresentadas seguem, no mínimo, dois padrões de representação: são personagens que lhe foram retirados o papel de sujeitos; e a condição de autismo com uma ascendência dos demais seres humanos. E conclui que as séries analisadas:

[...] construíram a representação social dos personagens autistas baseados em características genéricas componentes de qualquer descrição sumária sobre o autismo. Os personagens analisados não podem ser considerados como sujeitos, são esvaziados de personalidade e repletos um preenchimento genérico. A operação realizada pelos estúdios e diretores das séries não é a de desconhecimento, invenção ou mentira, mas de deformação da realidade, promovendo uma representação mistificadora da condição autística. Aspectos salientes da conduta da pessoa com TEA, como uma propensão ao isolamento, são transmutadas em qualidades quase místicas que remetem ao monstro herói da literatura romântica (LACERDA, 2017, p. 21-22).

A conclusão de Lacerda (2017) apresenta pontos que são evidenciados também nas relações de profissionais da educação e crianças com autismo, como foi o caso de uma cena presenciada em um estágio obrigatório do curso de pedagogia.

A situação aconteceu em um núcleo de educação infantil, no primeiro semestre de 2019. Todas as crianças estavam no horário do parque e o menino com autismo (quatro anos) estava se balançando sozinho. Quando bateu o sinal para as crianças entrarem, a maioria das crianças se movimentaram com suas professoras, porém várias delas ignoraram o sinal e ainda continuavam a brincar pela extensão do parque, inclusive o menino com autismo. Então, sua professora auxiliar de educação especial chegou por trás dele e, sem avisar ou conversar, retirou-o repentinamente do balanço. Este menino deu um pulo com o susto que levou pelo ato acontecido.

A cena descrita pode revelar um ato de desrespeito com a criança, pois foi retirada do balanço repentinamente sem ser comunicada e sem que houvesse uma explicação sobre a necessidade de parar de brincar naquele momento. Pelo susto que o menino tomou, percebe-se que ele não estava esperando aquela ação. O questionamento a ser feito acerca do ocorrido é entender qual era a concepção da professora em relação ao autismo e em relação àquela criança, além de refletir se a professora teria tido a mesma postura se fosse uma criança sem diagnóstico. Como não houve um diálogo com essa profissional, não foi possível entender o que a motivou a tomar tal atitude.

Se levarmos em consideração o que Lacerda (2017) expôs anteriormente, sobre as séries retratarem personagens que não são sujeitos, se essa é uma concepção da professora, facilmente se explicaria tal atitude.

Em setembro de 2018, em uma instituição de educação infantil privada, local em Florianópolis onde realizei um estágio não-obrigatório, a turma em que eu estagiava começou a atender um menino de três anos diagnosticado com autismo. Passado alguns dias em que o menino havia começado, a professora comenta comigo e as outras auxiliares de sala: “eu acho que ele não tem nada, porque ele consegue *até* ficar na roda com a gente, acho que ele *só* é muito mimado pelos pais”. Novamente é necessário pensar qual é a lógica que se encontra

atrelada aos pré-julgamentos realizados pela professora e qual a sua concepção sobre o autismo. O fato dela duvidar sobre a existência do diagnóstico, apoiada na ideia de que se o menino consegue ficar na roda, logo ele não tem autismo, abre um caminho que nos leva a pensar que esse sujeito autista idealizado por ela, pode ser uma das crianças estampadas nas revistas analisadas adiante, crianças que aparecem isoladas do mundo.

E também é necessário considerar como a questão do diagnóstico é delicada. Parece interessante o fato da professora poder colocar em questão o diagnóstico médico a partir de sua experiência com a criança, no entanto, o critério de conseguir ficar ou não na roda torna-se muito frágil para construir uma concepção em relação a essa criança, pois baseia-se, única e exclusivamente, em um comportamento padrão que os professores esperam que a criança tenha.

A última situação que menciono aqui aconteceu em outubro de 2018, em decorrência de uma observação de campo realizada em uma escola particular com propostas alternativas. Ao perceber que a escola não era arquitetonicamente preparada para atender as demandas de um aluno com deficiência, fiz algumas perguntas para uma das professoras, entre elas, questionei se havia alguma criança com deficiência matriculada na escola. A professora respondeu: “já tivemos um aluno com Down, agora estamos diagnosticando um deles com dislexia e já tivemos, também, um aluno [fica pensativa]”. E me questionou: “Como é o nome quando eles ficam no mundo deles?”. Questionei se ela se referia ao autismo. Ela afirmou: “sim, isso mesmo”.

O relato exposto mostra como, frequentemente, toda a diversidade do espectro autista é resumida ao que é apresentado no primeiro critério de diagnóstico do TEA, “déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.50) e como essa característica vem apresentada por meio de uma caricatura do autismo, o que era um déficit na interação social se transforma no “mundo deles” ou, como as revistas preferem utilizar, “mundo paralelo”. Esse enunciado também demonstra como os discursos facilmente se relacionam e se apoiam uns nos outros, tanto pelo exemplo que o Lacerda (2017) apresenta em seu trabalho, quanto nas revistas analisadas neste trabalho.

A partir das falas, questões e situações cotidianas que foram apresentadas nesse estudos, é possível inferir que as representações da mídia e a construção de uma mentalidade social sobre como são os sujeitos com esse diagnóstico, estão em consonância e refletem uma visão estereotipada, produz-se um lugar de sujeito expropriado do humano, pois não é visto como histórico, social e em constante transformação. A visão se conduz de maneira arraigada

em raízes que enlaçam concepções de incapacidade, dependência eterna, tragicidade e mística.

Com isso, podemos compreender que as mídias de massa têm produzido um efeito de simplificação do que é ser um sujeito com esse diagnóstico e tem agido, de modo geral, de maneira a manter uma visão assistencialista, biologicista e capacitista, afastando-se de um modelo social para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. Oferece-se cura, correção e assistência formando um abismo na construção de ações que possibilitam o exercício da cidadania desses sujeitos.

Para finalizar, destaca-se que a mídia, através de seus veículos de comunicação, exerce um papel fundamental no andamento da sociedade. É possível acessar rapidamente notícias que ocorrem do outro lado mundo, difundir a circulação de estudos científicos, a fim de relacioná-los em diferentes localidades, comunicar-se com pessoas distantes e outras situações que permitem simplificar processos complexos. Porém, é indispensável ter em mente que a mídia não é neutra, juntamente com uma informação chega uma concepção, uma visão de mundo.

Apenas quando essa ideia ser compreendida, é que ela será usada conscientemente. A representação midiática, independentemente do tema, é o fortalecimento de um discurso ou o enfraquecimento de outro. O percurso da mídia está diretamente relacionado com a intenção que deseja-se produzir no público (de massa).

3. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho apresenta cunho exploratório com abordagem qualitativa. Realizou-se, primeiramente, um levantamento bibliográfico para verificar a existência de trabalhos e artigos que abordam o tema relacionado à representação do autismo na mídia impressa brasileira. Em seguida, foram anunciadas as categorias de análise, bem como uma breve contextualização das revistas escolhidas para análise. Também, de acordo com a necessidade de entender melhor as imagens ilustrativas das revistas, investigou-se a disponibilidade das ofertas fotográficas nos bancos de imagens que foram citados como fontes e utilizados nas revistas.

A pesquisa é finalizada com a análise sobre o discurso apresentado nas capas e nas reportagens anunciadas das revistas que abordam o autismo, relacionando a escrita com as imagens de acordo com a discussão em torno análise do discurso de Eni Orlandi (2001).

Segundo a autora Maria Cecília Minayo (2002), a pesquisa de abordagem qualitativa: “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO *et al.*, 2002, p. 21-22). Desenvolver a pesquisa através desta abordagem possibilita a compreensão de um processo que está em constante movimento, como é o caso do discurso veiculado pela mídia acerca do autismo.

Para compreender esse discurso é necessário considerar o contexto social e histórico no qual ele está sendo analisado, e, além disso, observar de quem e quais são os interesses atrelados a ele, pois como defende Michel Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2001, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Um discurso bastante difundido nos anos 40 e 50, foi de que o autismo era causado pelas “mães geladeiras”. A hipótese elaborada pelo psiquiatra Leo Kanner dizia que o autismo era causado pelas mães que não interagiam ou brincavam o suficiente com seus filhos. Posteriormente, nos anos 60, o psicólogo Bruno Bettelheim reforçou essa teoria afirmando que a frieza da mãe em relação à criança era a causa do autismo. Graças aos avanços na ciência é que essas teorias foram refutadas, pois atualmente, estudos apontam que as causas do autismo estão ligadas à questões orgânicas, apesar de haver controvérsias em relação a essa questão.

A partir desse discurso, pode-se imaginar o sofrimento das mães que eram julgadas como as culpadas por causar o transtorno. Além disso, como na época a teoria da mãe geladeira era aceita, pois entendia-se a causa do autismo era o comportamento frio das mães, pode-se entender que as elas ficavam frustradas ao tentarem mudar seu comportamento com os filhos e mesmo assim o transtorno se manter (atualmente essa teoria é desaprovada, por isso que mesmo que as mães mudassem a atitude com seus, não mudaria o autismo, pois não eram elas que o ocasionavam).

Ao analisar o contexto da mãe geladeira, entende-se que os dois profissionais, Leo Kanner e Bruno Bettel eram ligados à área da saúde, o que significa que cientificamente são pessoas com autoridade para falar sobre assuntos relacionados a questões médicas. Além disso, historicamente, era uma teoria que fazia sentido dentro daquele contexto, mas que somente com pesquisas e estudos foi possível considerar que era uma concepção culpabilizadora, moralizante e que não havia fundamento científico para definir que a falta de carinho e atenção materna era a causa do autismo.

Abrangendo esse exemplo para outras questões como as características do espectro autista, tais como alimentação, comportamento, limitações, barreiras, saúde e outros aspectos ligados à vida, é possível concluir que existem diversos discursos que fazem sentido no contexto atual, mas que pode ser que daqui a 50 anos sejam apenas hipóteses derrubadas pela ciência. O fato é que o discurso atual a respeito do autismo faz sentido na realidade e na vida das pessoas, também, alguns são reforçados por evidências. O que queremos expor, sobretudo, é que um discurso pode tanto ajudar a reforçar uma determinada lógica quanto enfraquecê-la.

No caso das revistas analisadas neste trabalho, percebemos discursos atrelados a valores diferentes, dependendo do ponto de vista mercadológico e pessoal, como é o fato dos sujeitos diagnosticados com autismo não apresentarem voz nas reportagens ou o fato da maioria das revistas apresentarem temáticas que englobam a infância e terem como público-alvo os cuidadores dessas crianças ou profissionais, sobretudo da área da saúde, que trabalham com elas.

Os autores Bogdan e Biklen (1994) defendem que uma das cinco características escritas por eles é a que “a *investigação qualitativa é descritiva* (grifo dos autores)”, ou seja:

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. [...] A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão

mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. [...] Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48-49).

Conforme o objetivo geral deste trabalho, analisar e problematizar o discurso que está sendo produzido pelas revistas impressas sobre o autismo, apresenta-se estudos sobre a análise de discurso que ajudam a compreender o que é apresentado sobre o autismo em revistas de massa, o porquê de tal discurso ser um e não outro, quais pessoas têm o espaço da fala sobre o autismo nas revistas, quais profissionais são chamados a terem voz e, ainda, como o discurso produzido afeta a vida dos sujeitos na sociedade, principalmente nos espaços escolares, uma vez que produz uma subjetividade: o sujeito com autismo.

3.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Com a finalidade de conhecer os estudos publicados até o momento acerca da temática envolvendo o autismo e a mídia, realizamos um levantamento bibliográfico nas bases eletrônicas de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Para tanto, utilizamos os seguintes descritores, que foram usados isoladamente e, também, combinados entre si: autismo, transtorno do espectro autista, TEA, mídia, representação, discurso e meio de comunicação. Devido ao número elevado de pesquisas encontradas em áreas não convenientes para este trabalho, restringimos a busca para que as palavras-chave fossem encontradas apenas nos títulos dos trabalhos publicados.

Na plataforma da Scielo¹¹, selecionou-se a opção “português”. Depois, na categoria de “artigos”, foi selecionada a “pesquisa de artigos”. A interface mostra as caixas para inserir os descritores e é possível escolher o campo de busca (no autor, assunto, resumo, título), bem como, fazer as combinações entre as palavras. Primeiramente, utilizamos a palavra autismo isoladamente e como resultado obtivemos 217 artigos de diversas áreas que empregaram “autismo” no título.

Na segunda parte da busca, utilizamos os descritores autismo, Transtorno do Espectro Autista e TEA, combinados com as demais palavras-chave, porém obtivemos um resultado quase nulo se comparado com a busca utilizando apenas o termo autismo. Foram encontrados três trabalhos, cada um pertencente a uma combinação diferente: autismo e mídia; autismo e representação; autismo e discurso. Vale ressaltar que deste total, o artigo encontrado com a

¹¹ SCIELO. **Scielo**: The Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

busca utilizando a combinação de autismo e mídia já era conhecido por nós: ‘Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira’ (2015), ou seja, esta parte da pesquisa proporcionou o conhecimento de apenas dois novos trabalhos relacionados ao tema discutido. Para melhor visualização dos resultados, o Quadro 1 pode ser consultado.

Com a finalidade de manter um padrão na pesquisa, utilizamos os mesmos procedimentos realizados com a plataforma da Scielo, porém agora na plataforma da BDTD¹². Abriu-se a busca avançada, usando primeiramente o descritor autismo e restringiu-se a busca apenas aos termos presentes nos títulos. Como resultado, obteve-se um total de 258 dissertações de mestrado e 86 teses de doutorado, totalizando 344 trabalhos, que continham a palavra autismo no título, pertencentes às diversas áreas do conhecimento.

Posteriormente, a busca com as mesmas combinações de termos utilizadas na plataforma da Scielo continuou. O resultado final foi de 11 trabalhos publicados (Quadro 1).

Quadro 1 - Trabalhos encontrados com os descritores determinados

PLATAFORMA x DESCRITOR	Scielo	BDTD
Autismo	217	344
autismo + mídia	1	0
autismo + representação	1	2
autismo + meio de comunicação	0	1
autismo + discurso	1	5
TEA + mídia	0	0
TEA + representação	0	1
TEA + meio de comunicação	0	0
TEA + discurso	0	0
Transtorno do Espectro Autista + mídia	0	0
Transtorno do Espectro Autista + representação	0	1
Transtorno do Espectro Autista + meio de comunicação	0	0
Transtorno do Espectro Autista + discurso	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de ser um número maior que na plataforma anterior, fez-se necessário levar em consideração que a quantidade de trabalhos utilizando apenas a palavra autismo também foi maior, ou seja, se comparando com este total, o resultado ainda é baixo. Além disso, das duas

¹² BDTD. **BDTD**: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

dissertações de mestrado que apresentaram autismo e representação no título, apenas em uma delas a palavra representação estava ligada ao sentido da representação do autismo. Também, ocorreu que o mesmo trabalho entrou na contagem duas vezes, pois continha três termos no mesmo título: representação, TEA e Transtorno do Espectro Autista

Ao finalizar o levantamento bibliográfico, constou-se um número ínfimo de trabalhos relacionando o autismo com a mídia e sua representação, uma vez que ele é discutido com frequência em veículos de comunicação e representado regularmente na mídia televisiva. Por isso, o resultado de apenas uma pesquisa publicada encontrada ao usar a combinação de termos que considero pontos chave para analisar este trabalho, como no caso de ‘mídia e autismo’, causou surpresa. Inclusive, houve trabalhos que se repetiram por haver mais de um descritor em comum, como no caso do ‘TEA e representação’ com ‘Transtorno do Espectro Autista e representação’ que entram na contagem duas vezes. Ainda, ressalta-se que o único trabalho encontrado com o descritor ‘autismo e mídia’, já era conhecido por mim, bem como um dos três resultados de trabalho usando o descritor ‘autismo e representação’.

Analisando o descritor combinatório com maior número de trabalhos, autismo e discurso, constatei alguns pontos importantes que devem ser ressaltados. Após uma investigação detalhada nas informações que tangem a esses trabalhos, percebi que os seis trabalhos (soma dos resultados das plataformas Scielo e BDTD) foram realizados em dois campos de conhecimento: psicologia e linguística. Nenhum deles utilizou como uma de suas palavras-chave o termo mídia.

Considera-se que o levantamento bibliográfico nas plataformas da Scielo e da BDTD foi importante para obter maior clareza sobre os trabalhos que têm sido publicados referentes a essa temática. Consta-se que as poucas produções descobertas estão ligadas maioritariamente à área da psicologia e linguística, mas também, a educação aparece na constituição das pesquisas que discutem temáticas relacionadas ao autismo.

Dos 14 resultados da busca utilizando as combinações tanto na plataforma da Scielo quanto na BDTD, foram encontrados quatro trabalhos publicados pelos programas de pós graduação em educação, sendo eles: Representação social dos professores de aluno com autismo sobre os processos de ensino e aprendizagem (2016), de Claudia Lemos; Do organismo ao corpo: um estudo sobre a representação do autismo nos meios de comunicação (2017), Vanessa Ferraresi; Desenvolvimento do pensamento algébrico de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): um estudo à luz da teoria dos registros de representação semiótica (2019), de Mateus Francisco; Para além do discurso oficial das

políticas públicas: possibilidade de (re)pensar o paradigma de inclusão escolar para o educando com transtorno do espectro autista na cidade de Manaus (2013), de Raimunda Silva.

3.2 COMO AS REVISTAS FORAM ANALISADAS?

Esta parte do trabalho mostra a análise minuciosa de três elementos presentes nas revistas: a capa, as imagens e a escrita. Para tanto, selecionou-se quatro revistas de venda da Editora Astral que foi possível acessar e que possuem o mesmo nome: Ler & Saber, sendo três delas com a temática do autismo e a outra de deficiência intelectual, mas que tem destacado o autismo em sua capa. Além dessas, que são o foco da análise, também foi analisado um outro conjunto de revistas que tivemos acesso ao longo da pesquisa, algumas delas de outras editoras e outras que são distribuídas gratuitamente. Apesar de não serem as principais fontes de análise, uma vez que as quatro revistas já mencionadas exercerão esse papel, é importante mencioná-las e analisá-las, pois exercem impacto nos leitores tanto quanto as quatro que serão detalhadas ao longo do trabalho.

Ao longo da investigação deste trabalho reunimos, ao todo, 11 revistas que apresentavam em alguma etapa a temática do autismo parcial ou integralmente: Leitura & Conhecimento, Ler & Saber, Tudo Sobre Autismo, O Mundo Secreto do Cérebro, Educar, Época, Veja e Revista Autismo. De alguma maneira, cada uma dessas revistas influenciou no desenvolvimento deste trabalho, mesmo que indiretamente. Devido ao tempo determinado à escrita desta pesquisa, precisávamos selecionar um número reduzido dessas 11 revistas para que fossem analisadas.

Para analisar detalhadamente, optou-se pela escolha das edições que pertenciam a mesma revista. Sendo assim, os únicos exemplares que estavam no mesmo grupo eram as quatro revistas Ler & Saber, da editora Astral, e por isso elas foram selecionadas. Para tanto, é importante apresentar ao leitor um breve histórico da editora responsável pelas revistas que serviram de base a essa pesquisa.

A Editora Alto Astral é uma empresa que entra no mercado em 1988, produzindo revistas. Segundo consta o site da empresa:

Há 31 anos, as revistas deram origem a Alto Astral. Revistas de qualidade e compromisso com o leitor são marcas registradas da Editora Alto Astral. Todos os meses, lançamento sem segmentos editoriais como comportamento feminino, decoração, culinária, saúde e bem-estar, religiosidade, astrologia, infantil, entre outros (GRUPO ALTO ASTRAL, 2019)¹³.

¹³ ASTRAL, Grupo Alto. **EDITORIA ALTO ASTRAL**. Disponível em: <<http://altoastralcomunicacao.com.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Com exceção da citação anterior, a editora não fornece outras informações sobre a empresa em seus meios de comunicação, ocasionando nossa incompreensão, assim como dos seus clientes, sobre qual é a visão da empresa, quais são os seus valores e objetivos. Em abril e, posteriormente, maio de 2019, escrevemos um e-mail com perguntas relacionadas ao funcionamento da empresa e sobre as revistas selecionadas para a editora através dos endereços de e-mail fornecidos para os leitores nas revistas, entretanto esses e-mails nunca foram respondidos (até o final da escrita deste trabalho), o que demonstra a falta de comunicação da empresa com os leitores, uma vez que eles fornecem o e-mail para contato e não respondem.

Com a finalidade de consolidar informações para esse trabalho, tentamos mais uma vez o contato com a editora, entretanto, utilizando outro meio de comunicação, visto que não obtivemos sucesso com os e-mails. No dia 5 de agosto de 2019 fizemos contato por meio de uma informal ligação telefônica com a Editora Astral. Conversamos com a responsável pela administração geral das revistas, no entanto, não conseguimos obter informações específicas sobre a produção das revistas. Por isso, nos atemos a perguntar os dados técnicos e escutar outras possíveis informações que a atendente pudesse nos passar.

O nome da revista é *Ler & Saber*, que aborda temas específicos diferentes, sendo um deles sobre o autismo. Essa revista apresenta temática sobre autismo e tem 10 edições publicadas desde 2015 até a escrita desse trabalho, ocorrendo duas publicações por ano, com exceção do ano de 2018 que tiveram três edições publicadas. A partir da edição número 9, do ano de 2018, houve uma mudança no design da revista que passa a impressão de ter mudado o título da revista para *Ler & Saber Autismo*, entretanto, por meio da ligação, fomos informados que a mudança foi apenas para reestruturar o design. Além disso, perguntamos sobre a frequência das publicações, e verificamos que eles publicam as revistas depois de fazerem pesquisas e terem acesso à demanda.

Outra informação sobre a editora apareceu a partir de uma pesquisa sobre a produção de infográficos na mídia impressa (2008), de Cristiane Modólo, em que tivemos acesso ao dado que afirma que a revista *Guia Astral*, da editora *Alto Astral*, estava em 15º posição do ranking das revistas que lideraram circulação no ano de 2007. Essa revista é do segmento de astrologia e, pelo dado anterior, foi o destaque de vendas no ano de 2007, ou seja, a editora tem um histórico de sucesso com as vendas de uma revista que veicula conteúdo de cunho não científico.

Iniciamos a análise deste trabalho pelas capas das revistas por se tratarem do primeiro contato com o leitor. Atrelado a isso, a capa retém uma função específica, que é “justamente

chamar a atenção do leitor e estabelecer um contrato fiduciário, que vai garantir a aquisição do produto jornalístico (quando essa etapa ocorre nas bancas) e a leitura de seu conteúdo” (CUNHA, 2007, p.3). Ou seja, a capa precisa chamar atenção do leitor e instigá-lo a efetivar a compra, para então descobrir o que há de conteúdo em seu interior. Assim são utilizados termos e imagens que transmitem a ideia do que será encontrado no interior, porém de uma forma exagerada e intensa, estando presentes mensagens sensacionalistas e polêmicas.

Destaca-se que são a partir dessas imagens e frases de efeito que a pessoa inicia imediatamente o processo de elaboração de uma concepção sobre a temática. Por exemplo, em uma das capas da revista com temática específica sobre o TEA, há a imagem de um menino sentado de costas, sozinho e ao seu lado, um brinquedo sem ser manipulado. Abaixo está escrita a seguinte frase “Como estimular o AUTISTA?”. O interessado em comprar a revista (interessado, pois não necessariamente comprará a revista) pode interpretar que a pessoa com autismo não brinca (o brinquedo aparece ao lado da criança), sempre está sozinho e que a revista ensinará a estimular a criança para que ela não seja como o menino da capa. Além dessas, há uma infinidade de outras interpretações que podem ser ocasionadas após o primeiro contato do leitor com a temática, produzindo uma subjetividade e reforçando a concepção estereotipada do indivíduo com autismo.

A segunda categoria a ser analisada é a das imagens, tanto as que compõem as capas quanto as que estão no interior das revistas. A imagem, que também é uma forma de texto, pertence à categoria de linguagem não-verbal, tem o poder de transmitir uma ideia e criar sensações mais rapidamente que a linguagem verbal. Através da imagem o indivíduo usa seus conhecimentos pré-concebidos e experiências para compreender aquilo que está sendo exposto. Diante disso, nota-se que a forma como a imagem é apresentada, pode intensificar a ideia de que o autista é um sujeito que não interage com o mundo ou que ele vive em um mundo que lhe é próprio, alheio daqueles que não tem esse transtorno. Além disso, também destaca-se que questões de gênero, classe social e etnia são agravadas nas imagens, que, inclusive tem um certo padrão de criança excluindo sujeitos que pertençam a determinados grupos.

De forma isolada, as imagens apresentam uma concepção, entretanto quando expostas em conjunto com a escrita elas podem propagar outra ideia. Por isso, as imagens serão analisadas em consonância com a última categoria, que é destinada à análise das palavras, termos, frases e expressões apresentadas nas revistas. Assim, objetivou-se compreender por que os termos são apresentados em determinado formato e não em outro, bem como quais expressões e palavras se encarregam de intensificar e promover a formação da lógica atual,

em que os autistas têm o seu próprio mundo. Ainda, propôs-se discutir quem são os profissionais que aparecem como locutores das reportagens e o que eles discutem.

Em uma sociedade moderna, em que tudo se passa e não nos passa (LARROSA, 2002), é natural o comportamento das pessoas em quererem tudo para agora, de imediato, pois entendem que tempo é dinheiro, nesta lógica, quanto mais informações tiverem acesso mais se acharão conhecedoras de um determinado assunto (ou de vários), entretanto, o saber superficial não garante o conhecimento aprofundado. Pelo contrário, é provável que passemos a nos questionar com menos frequência sobre as informações e notícias que nos são colocadas, pois a quantidade de informações que circula diariamente é tão grande que quando achamos que entendemos uma, logo em seguida aparece outra. Assim, sem esse tempo de processá-las e pensar sobre elas, acabamos caindo em um discurso do senso comum.

A pressa das indústrias midiáticas em serem as primeiras a publicar e espalhar uma notícia para ganhar notoriedade faz com que nem sempre a notícia esteja de acordo com os padrões éticos estabelecidos pelo jornalismo, podendo acarretar em interpretações equivocadas e proceder com a propagação delas. Segundo Vanessa Ferraresi:

É o desdobramento do discurso do capitalista que incorpora tudo sobre o que toma conhecimento, transmutando as revistas e jornais em espaço privilegiados de propagação de sua lógica. O enfraquecimento da capacidade humana de pensar [...] é reiterada pelos periódicos que interpretam o indivíduo, não como um leitor intelectualmente capaz de articular a reportagem aos contextos pessoal, social e político de seu tempo, mas como um consumidor sedento de informações rápidas, compactadas e voláteis que lhe permitam opinar de forma superficial sobre tudo, sem, no entanto, conhecer nada (FERRARESI, 2017, p. 173).

É a partir desta lógica capitalista que as revistas são formatadas, vendidas e lidas. Por isso, englobando todas as categorias apresentadas, pretendemos compreender como essa configuração das revistas pode contribuir para a reafirmação do estereótipo autístico representado: “Não há braços, mãos, olhos, pele, boca e, muito menos, fala: é um puro organismo silenciado por um discurso que sabe” (FERRARESI, 2017, p. 180). E, também, pensar o motivo pelo qual o foco das reportagens é majoritariamente o diagnóstico de autismo e não o sujeito.

Partiu-se do pressuposto de que todas as categorias de produção das revistas (capa, reportagens, palavras, cores, número de páginas, posicionamentos e tamanho dos elementos) têm uma intenção, pois visam a venda e consumo, não apenas do produto, mas de uma concepção. Principalmente, quando observamos as imagens usadas para compor a ilustração da revista, pois é um elemento que transmite rapidamente uma ideia. Aliás, com frequência lê-se a imagem antes mesmo de ler as palavras.

3.3 O QUE NOS DIZEM AS IMAGENS E AS PALAVRAS?

Assim como já foi mencionado, não é sempre o que está sendo divulgado na capa é mostrado exatamente da maneira como é ou pertence aos valores éticos esperados pelo jornalismo, por isso, a seguir, realizou-se a investigação sobre o que tem sido veiculado pelas revistas nos assuntos que tangem a temática do autismo. Há interesse em analisar questões específicas que julgamos essenciais para compreender a lógica na qual essas revistas estão enquadradas e como esse formato pode influenciar a construção dos conceitos elaborados pelo público-alvo após a leitura da revista.

Para tanto, foram analisados os seguintes elementos: o discurso que está nos textos e o discurso das imagens que ilustram as reportagens. Esses dois elementos não poderiam deixar de ser analisados no seu conjunto, pois a imagem por si só já nos diz algo, porém quando faz papel da ilustração de uma reportagem, podemos dizer que ela é duplamente significativa. A tendência é que a imagem seja observada antes da leitura do texto, nessa lógica ela narra antecipadamente o que o leitor encontrará adiante. Dessa forma, quando a imagem é lida isoladamente ela remete a determinadas ideias, reflexões e concepções de acordo com as experiências prévias do sujeito que as lê.

No entanto, ao relacionar a imagem com a escrita, as referências passam a ser outras e a leitura da imagem pode ser bastante diferente daquela feita sem a relação com a escrita. Por exemplo: uma imagem como a da segunda capa que será analisada, em que há um menino de costas para a câmera, sozinho e parado ao lado de um brinquedo sem brincar, quando lida isoladamente, pode ser interpretada como uma criança que está emburrada, brava ou contrariada com algo e quer um tempo para ficar sozinha ou pensar, porém, quando lida juntamente com o título (autismo), esta mesma imagem passa a ter relação com a palavra, e então, assume outros significados.

A escrita induz a leitura da imagem de uma forma determinada, relacionando os dois conteúdos textuais. O leitor, antecipadamente, tenta encontrar indícios do que trata a escrita a partir da imagem apresentada. Neste exercício, o leitor tende a fazer uma leitura da imagem para reafirmar aquilo que trata o texto, por isso, após o término da leitura, o leitor pode retomar a imagem e encontrar novos significados, fazendo uma fusão de conceitos entre o discurso apresentado pelo texto e o discurso apresentado pela imagem.

A necessidade de analisarmos detalhadamente o que o conjunto dos textos e das imagens apresentam é resultado do que a autora Eni Orlandi (2001) afirma em seus estudos, que as palavras que entramos em contato cotidianamente já vêm repletas de sentidos, mesmo

que não os conhecemos, e que esses sentidos nos representam e nos mostram algo. Além disso, Orlandi (2001) ainda realça que esses sentidos não estão somente nas palavras, mas também encontram-se nas relações com a exterioridade, o que nos leva a considerar que as imagens, linguagens textuais não-verbais, aparecem carregadas sentidos e que esses sentidos podem influenciar os leitores a reafirmarem seus conceitos estereotipados acerca do autismo.

Durante um determinado período desta pesquisa, foi realizado um levantamento geral das imagens e fotografias que estão presentes nas revistas da editora Astral, incluindo as quatro edições escolhidas para serem analisadas detalhadamente. Isso foi realizado devida a percepção da padronização das imagens, principalmente por não serem fotografias de situações que nos pareciam reais, mas sim extraídas de dois grandes bancos de imagens: Getty Images e Shutterstock. Como as imagens foram retiradas desses bancos facilmente acessados através de navegadores de internet, esses bancos foram consultados para entender quais imagens encontravam-se disponibilizadas para compor as ilustrações das revistas.

Outro fator que também instigou a visitação a esses bancos de imagens foi a comparação com revistas pertencentes à mídia hegemônica de circulação nacional (revistas *Veja* e *Exame*) e revistas de cunho de distribuição gratuita. Foram utilizadas imagens reais, de crianças diagnosticadas com autismo, para ilustrar as reportagens relacionadas à temática do autismo, em contrapartida, as revistas que abordam integral e especificamente o tema do autismo não apresentavam imagens reais de sujeitos com autismo, salvo poucas exceções.

As análises das revistas foram organizadas pela ordem cronológica. Os conjuntos (imagem e escrita) que foram analisados, foram baseados primeiramente nas chamadas que aparecem na capa, pois visou-se a comparação do que é apresentado inicialmente para chamar a atenção do leitor e em seguida, o que é exposto no interior da revista. Isso foi realizado não na revista completa, a análise foi centralizada nas reportagens que foram base para as chamadas feitas nas capas. A imagem foi descrita, assim como o conteúdo informativo e depois comparados entre si.

3.3.1 Investigação dos bancos de imagens: Shutterstock e Getty Images

Após uma breve consulta dentre as páginas das revistas pertencentes à Editora Astral, cuja temática é o Autismo, percebe-se que, maioritariamente, as imagens usadas para ilustrar as respectivas reportagens correspondem a um padrão estereotipado do sujeito com TEA e são fontes de dois renomados bancos de imagens disponíveis na internet. A partir disso, achou-se válido investigar quais imagens estavam disponíveis nos dois endereços do banco de imagens

que constavam como fonte das ilustrações das revistas, ou seja, objetivou-se compreender quais possibilidades um editor/redator de revista com temática sobre autismo teria disponível ao buscar nos dois bancos¹⁴ usados para ilustrar as matérias: Shutterstock e Getty Images.

A busca foi iniciada utilizando a palavra-chave “autismo” na caixa de pesquisa do primeiro banco de imagens Shutterstock¹⁵. Como resultado, verificou-se mais de 22 mil fotos, vetores e ilustrações relacionados à palavra-chave. A partir de uma breve observação da primeira página de resultados¹⁶, percebeu-se imagens comuns, tais como: símbolo do autismo, crianças acompanhadas por um adulto e tristeza e isolamento.

Símbolo do autismo: segundo o site Autismo e Realidade, a cor azul e a fita de quebra cabeça são símbolos que representam o autismo. A cor azul está relacionada com a maior incidência de casos masculinos e a fita com o quebra cabeça foi adotada em 1999 como uma representação da conscientização a respeito do autismo, significando “a diversidade de pessoas e famílias que convivem com o TEA” (REALIDADE, 2019)¹⁷. O banco de imagens mostrou uma série de resultados diversificados com o quebra cabeça colorido, desde as fitas até o quebra cabeça formando um coração. Notou-se uma grande variação nos resultados, o que leva a concluir que deve haver um vasto público que procura imagens como essas e que podem ser usadas para formar logotipo de cursos, websites, plano de fundo e ilustração para um texto.

Crianças acompanhadas por um adulto: a segunda incidência de imagens foi compreendida pela presença de um adulto ao lado ou a frente de uma criança. Os adultos que aparecem nas imagens são apresentados de maneira a supor que são terapeutas (estão com prancheta, simulação de um ambiente semelhante a um consultório), os quais realizam uma sessão terapêutica com a criança, alguns observavam o progresso da criança, outros realizam a ação junto com ela.

Tristeza e isolamento: trata-se da terceira categorização percebida ao longo da pesquisa. Normalmente as crianças encontram-se de costas, cabisbaixas, abraçadas ou de mãos dadas em um urso de pelúcia e sem realizar alguma ação. Nesta parte foram observadas imagens similares que serviram de ilustração de reportagens e até mesmo das capas das revistas.

¹⁴ É importante destacar que esses bancos de imagens têm atualização diária, ou seja, ao abri-lo em dias diferentes podem não estar disponíveis as mesmas imagens, assim como a mesma ordem.

¹⁵ SHUTTERSTOCK. **Shutterstock**. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/>>. Acesso em: 2 maio 2019.

¹⁶ O acesso aos bancos de imagens foi realizado em diferentes dias. No caso citado o acesso foi no dia 2 de maio.

¹⁷ REALIDADE, Autismo e. **Os símbolos do autismo**. Disponível em:

<<https://autismoerealidade.org.br/2019/03/22/os-simbolos-do-autismo/>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

Além das três categorias descritas anteriormente, um fato que chama a atenção foi que a palavra-chave “autismo” fornece como resultado apenas imagens de crianças. Estas são brancas, vestidas com roupas arrumadas e limpas e a maioria é loira dos olhos claros. Há, ainda, uma maior incidência de imagens de meninos. O fato leva à reflexão sobre um dado que consta nas revistas, que as reportagens estão voltadas a tratar das crianças, sendo quase ausente os casos de adultos com autismo. Tanto quanto o resultado da busca no banco de imagens, quanto as revistas focam quase exclusivamente em crianças brancas com vestimentas arrumadas e organizadas, e esse é o tema de uma futura discussão.

Foi selecionado o primeiro resultado da página: a fotografia de um menino branco e loiro sentado sozinho no chão de costas para a câmera e de frente para uma parede azul, ele está cabisbaixo e ao seu lado tem um avião de brinquedo. Em seguida, o site foi direcionado para uma próxima página que mostra somente a imagem selecionada no topo e seus respectivos dados abaixo. O título é mostrado abaixo da imagem: “*Little boy sitting near dark wall in empty room. Autism concept – Imagem*” (tradução: Pequeno garoto sentado próximo a uma parede escura em uma sala vazia. Conceito de Autismo – Imagem).

Abaixo do título da fotografia, consta o nome do responsável pela produção “Africa Studio” e abaixo disso encontra-se “Palavras-chave relacionadas” (o produtor da imagem pode escrevê-las no momento que disponibiliza para o banco de imagens para terem alcance, funcionam como links que se relacionam) em que são disponibilizadas mais de 50 palavras-chave relacionadas. Tais palavras são destacadas e analisadas adiante: comportamento, *disorder*, psicologia, problema, sozinho, tratamento, mental, consciência, *spectrum*, abandonado, assistência, atendimento, cuidado, obscuro, desenvolvimento, dificuldade, vazio, saúde, doença, medicina, remédio, *neurology*, sinais, social, sintomas, síndrome, barreira. Ao final das palavras-chave, o site cita que a imagem pertence à categoria: “Pessoas”.

Ainda no site Shutterstock, ao retornar à página inicial e repetir o processo, utilizando a palavra-chave “tristeza + criança”, como resultado, foram encontradas imagens que seguem também um padrão estereotipado, da mesma forma quando a palavra-chave usada era “autismo”. A busca resultou em quase 185 mil resultados entre fotos, vetores e ilustrações, os quais eram imagens de crianças de costas, cabisbaixas, abraçadas em urso de pelúcia, sentadas no chão sozinhas e desanimadas. Instantaneamente, ao visualizar as imagens resultantes, o primeiro sentimento desencadeado é a depressão, e curiosamente é a mesma sensação gerada ao olhar algumas imagens ilustradas nas revistas, que reportam o autismo da mesma maneira que um veículo de comunicação hegemônico retrata/descreve uma tragédia, tristeza, vida “cinza” sem movimento.

Assim como no procedimento anterior, foi selecionada a primeira imagem da página, cujo título “*Sad little girl sitting on stairs – Imagem*” (Pequena garota triste sentada nos degraus – Imagem) ilustra uma criança menina, branca e loira sozinha, sentada em um degrau de uma escada, escondendo a face entre os joelhos e ao lado dela está seu urso de pelúcia. O produtor responsável pela imagem é “Africa Studio”, o mesmo da imagem selecionada anteriormente. Abaixo dos dados informados há mais de 50 “Palavras-chave relacionadas”. Estas servem de palavra-chave caso o usuário a selecione, abrindo automaticamente uma nova sessão de busca com a mesma palavra. Entre as 50 palavras que aparecem, destaca-se: triste, angústia, ansiedade, tensão, abandonado, deprimir, pressionar, solitário, infância, perda, sozinho, melancolia, fobia, medo, temer, proteção, experiência, formação, assustado, social, depressão, desespero, decepção, emoção, infeliz, vítima.

Constatou-se que duas palavras-chave se repetiram na primeira imagem, em que o menino está de costas e na segunda, que a menina está sozinha com seu urso de pelúcia: “sozinho” e “abandonado”. Essa relação entre as palavras pode ser percebida também no padrão da imagem, em que em ambas as crianças estão sozinhas com a companhia de um objeto. Além disso, as palavras da primeira imagem, onde foi usado “autismo” para fazer a busca, estão relacionadas ao campo da assistência e saúde (envolvendo tratamentos e cuidados), remetendo a um caso trágico. Na segunda imagem, quando usamos “tristeza + criança” para realizar a busca, as palavras foram relacionadas à solidão e perda, que também remete a um caso trágico. Ao fim, constata-se que tanto a primeira quanto a segunda imagem, mesmo utilizando palavras-chave diferentes, resultam a mesma sensação: tragédia.

O segundo banco de imagens utilizado pela Editora Astral é Getty Images¹⁸. Nele, foi repetido o mesmo processo de busca, primeiro com a palavra-chave “autismo” e depois com a palavra-chave “tristeza + criança”.

Utilizando, primeiramente, a palavra-chave “autismo”, foi observado, diferentemente do site Shattersockt, imagens bem coloridas e boa parte com presença de crianças. As imagens variaram bastante entre crianças com aspecto de tristeza e crianças felizes. Crianças realizando alguma ação e, também, com olhar desafixado ou rosto oculto. Também, ao contrário do primeiro site, a variação das imagens foi grande, logo não foi possível encontrar categorias que pudessemos enquadrar as imagens.

Então, foi selecionada a primeira imagem: um menino branco sentado sozinho no banco de uma praça, ele está cabisbaixo, a imagem está cortada na cabeça dele, logo, não é

¹⁸ IMAGES, Getty. **Getty Images**. Disponível em: <<https://www.gettyimages.pt>>. Acesso em: 13 maio 2019.

identificado. O site direcionou para uma nova aba no navegador, a qual aparece a imagem já descrita e abaixo o nome dela: *sad boy* (tradução: menino triste). Na parte inferior da página há mais de 30 palavras relacionadas, das quais se destacam: criança, tristeza, solidão, autismo, depressão – tristeza, reclusão, raiva – emoção negativa, cansado, preocupado, problema.

Repetindo o mesmo processo, porém alterando a palavra-chave para “tristeza + criança”, foram obtidas mais de 19 mil fotos e imagens de crianças chorando, sozinhas, cabisbaixas e rosto escondido. Algumas lembravam muito o estilo de imagem que ilustram as revistas.

Selecionou-se a primeira imagem: uma menina branca caminhando sozinha e cabisbaixa, a fotografia foi feita de cima e o cabelo tampa o rosto dela. Na nova página aberta, aparece abaixo da imagem o nome: *sad girl* (Tradução: Garota triste) e no final da página estão as palavras relacionadas, das quais se destacam: tristeza, solidão, chorar, andar, depressão – tristeza, pessoa irreconhecível, reclusão, emoção negativa, intimidar, preocupado, problema, tensão.

Apesar de não haver a palavra “autismo” nesta última imagem, há outras palavras que também apareceram anteriormente, como por exemplo: tristeza, solidão, depressão – tristeza, reclusão, emoção negativa, preocupado, problema. Ou seja, mesmo que não apareça explicitamente a palavra “autismo”, por meio das outras palavras, percebe-se que elas estão enquadradas nas mesmas categorias. Além disso, foi presenciado fortemente a questão de gênero na análise das imagens, como foi o caso da menina que estava acompanhada por um ursinho de pelúcia e o menino, por um avião de madeira. Em ambas as situações as crianças não se relacionam com o brinquedo e nos passa a impressão de que está ali apenas para enfeitar.

Com isso, pode-se concluir duas coisas: a primeira é que a escolha do brinquedo para acompanhar o menino e a menina foi baseada nos padrões de gênero sociais que presenciemos atualmente. Segundo, foi justamente o fato de o brinquedo aparecer ao lado das crianças sem a ação delas, o que intensifica a lógica hegemônica de que crianças autistas não se relacionam com nada nem ninguém.

4. ANÁLISE DAS REVISTAS

4.1 AS CAPAS

Ao entrar em um estabelecimento comercial, o consumidor é “disputado” pelos produtos a todo instante. Vamos imaginar a seguinte situação, queremos comprar pão em um supermercado de um país que não entendemos a língua e não conhecemos as marcas locais. Estamos em dúvida entre dois pães que custam o mesmo valor, um deles está embalado em um resíduo limpo, adequado ao produto e com design que tem a ver com o produto, o outro, está embalado em um embrulho com aparência velha e cheio de desenhos que não fazem sentido ao contexto. Qual pão você escolheria?

Segundo a pesquisa de Vivian Strehlau (1996), a embalagem produzida de forma atraente pode ajudar no processo de ser notada na prateleira e intensificar a ação de compra do consumidor. Além disso, ela pode influenciar “na formação de uma imagem para o produto, podendo influenciar também, o apelo do produto comparativamente a seus concorrentes” (p. 19). Considerando esta pesquisa apresentada, é quase certo que na situação do supermercado, o cliente se incline a escolher o pão com a embalagem mais elaborada, ou seja, considera-se que o cliente tome sua decisão influenciado pelos elementos expostos na embalagem, uma vez que ele não conhece o pão.

Pode-se dizer que há uma tendência de acontecer o mesmo com a escolha de revistas. As revistas são produzidas para veicularem informação, notícia e entretenimento. Comparando a revista a um alimento que é vendido em supermercado, podemos dizer que a capa da revista faz função da embalagem do produto, ou seja, é através da capa que o consumidor/leitor pode delinear a primeira expectativa do que encontrará no interior da revista. Sendo assim, é interessante que os editores invistam na elaboração das capas que contribuam para despertar a atenção dos leitores, pois é a partir desta primeira examinada que se iniciará o processo para a aquisição do produto.

A fim de conquistar o leitor, as capas apresentam elementos verbais e não-verbais, que combinados entre si, chamam a atenção do público-alvo. Sem entrar nas questões que justificam uma capa boa ou ruim¹⁹, no momento em que o leitor se sentir convencido pelas

¹⁹ Quero destacar que uma capa considerada boa pode conter elementos antiéticos, porém que garantirão a venda da revista, assim, é considerada uma boa capa perante ao olhar da empresa que a produziu. Entretanto, considerando uma capa que apresenta fatos e verdades, pode deixar de atrair a atenção dos consumidores, não garantindo a venda e circulação, assim, aos olhos da empresa que a produz pode ser considerada uma capa ruim (pois não terá sucesso em vendas). Também, sinalizamos que é relativo pensar em uma capa boa ou ruim, pois

informações previamente lidas, realizará o que a jornalista Karenine da Cunha (2007) chama de “contrato fiduciário”²⁰, garantindo a aquisição da revista. No mesmo trabalho, a autora ainda aponta que as consideradas “boas” capas podem não conter informações de qualidades e também não obedecerem às normais jornalísticas e aos valores éticos. Além disso, afirma o seguinte:

Os novos parâmetros estéticos das capas de jornais e revistas lançaram a diagramação com o uso de manchetes e títulos de diversos tamanhos – e, posteriormente, cores – para hierarquizar as informações apresentadas, fotografias, ilustrações e infográficos. Os blocos de textos integrais deram lugar a chamadas de poucas linhas e toques, que sintetizam a notícia que está no interior do jornal, ao mesmo tempo em que chama a atenção do seu conteúdo, assumindo uma função de promoção (CUNHA, 2007, p.8).

Os avanços tecnológicos na informática possibilitaram novas formas de pensar as capas de revistas, como apresenta a citação anterior. Ou seja, ao analisar as capas, é necessário levar em consideração que todos os elementos, incluindo a posição do texto, tamanho, fonte, cor e a imagem utilizada, são minuciosamente pensados para serem como são e estarem onde estão. Nada do que é encontrado na capa está presente sem intenção, pelo contrário, tudo é pensado para atrair a atenção do público-alvo, levando ao consumo da revista e, conseqüentemente, gerando mais lucros para quem a produz.

Associando a temática do autismo ao que foi dito anteriormente, buscou-se problematizar como a primeira impressão das capas de revistas que apresentam a temática sobre o autismo poderá influenciar ou produzir o olhar do leitor na construção do conceito do que é o transtorno do espectro autista ou reafirmar uma concepção tradicional já existente. Nesse momento, foi analisado o que os discursos presentes nas capas²¹ das revistas estão produzindo, quais conceitos, concepções e lugares de sujeito são colocados na ordem do discurso apresentado. Além disso, é importante, além do registro escrito, das palavras, tipos de letras, destaques, problematizar a relação do registro escrito aos elementos não-verbais, como as imagens e cores.

cada consumidor tem suas lentes de leitura e análise daquilo que considera bom ou ruim ao mesmo tempo em que as empresas/editoras visam um objetivo na elaboração das capas.

²⁰ Contrato fiduciário, mencionado por Karenine da Cunha, simboliza um acordo imaginário entre o consumidor e a empresa, estabelecido após o leitor ser atraído pela capa da revista e garantir a aquisição daquele exemplar.

²¹ Em momento posterior, em capítulo específico, o conteúdo que está indicado na capa também será analisado considerando os mesmos elementos destacados e problematizados na análise das capas.

4.1.1 As capas e os discursos: possibilidades de leitura

Conforme a discussão sobre a importância das capas, a seguir elas são analisadas. Primeiramente foi mostrada a imagem real da capa, possibilitando a absorção do conteúdo que o consumidor tem acesso quando visualiza a capa (antes de comprá-la). Posteriormente, detalhou-se uma descrição detalhada sobre os elementos textuais que a compõe, tais como os títulos, as chamadas e a imagem. Por fim, baseada na descrição da capa, analisou-se e problematizou-se seus elementos.

4.1.1.1 Conhecendo a Revista 1



Figura 2 – Imagem da capa da Revista 1
Fonte: Acervo da autora.

A revista Ler & Saber Autismo da editora Astral, ano 1, nº 1 de 2015²² possui 50 páginas e é estampada pela imagem de um menino branco, loiro, apoiado com a cabeça sobre uma janela, olhar que diz ao leitor entender que não está fixado em algum elemento específico, aparentando, pela feição, estar triste.

²² Esta edição foi produzida em dezembro de 2015, porém foi lançada em 2016.

4.1.1.1.1 Descrição de Capa 1

O subtítulo (AUTISMO²³) da revista de nome Ler & Saber ocupa a parte superior da capa, destacado com letras maiúsculas e com tamanho muito superior ao logotipo (nome Ler&Saber dentro de um retângulo vermelho), ficando abaixo deste. Contém uma chamada principal e quatro secundárias, respectivamente: “95 PERGUNTAS e RESPOSTAS Com consultoria de especialistas na área”, “‘Meu filho é autista. E agora?’ Saiba onde procurar ajuda”, “Eles vivem em um mundo paralelo? +10 MITOS E VERDADES”, “Alimentação PODE CAUSAR o autismo?”, “E AINDA: •Novas pesquisas •Como lidar com um autista •Depoimentos de pais”.

A imagem usada para ilustrar a capa é a fotografia de um menino branco, olhos claros, que aparenta ter aproximadamente quatro anos de idade. Sua cabeça está apoiada sobre uma das mãos, que toca a borda de uma janela de vidro. Para além da janela, o local onde o menino se encontra não tem nenhum outro objeto, sendo assim, não tem como o leitor imaginar em que local é esse (quarto do menino ou uma sala de aula). O menino está com o olhar disperso e aparentemente está triste e pensativo. A imagem tem uma vinheta preta bem destacada que envolve o entorno do menino, o que transmite uma sensação²⁴ fúnebre, de solidão, de depressão e tristeza.

4.1.1.1.2 Análise da Capa 1

A primeira edição da revista Ler & Saber Autismo do ano de 2015 possui três elementos que se destacam na capa, o subtítulo autismo no centro superior, a imagem da criança triste no centro da página e a chamada principal no rodapé: 95 perguntas e respostas, com consultoria de especialistas na área. A partir da leitura rápida destas três categorias, o leitor pode fazer uma possível conexão entre elas, como por exemplo, relacionar autismo com a imagem da criança triste, concluindo que sujeitos diagnosticados com autismo são pessoas tristes, depressivas. Uma vez que o leitor fez essa associação poderá entender que ao ler as 95 questões compreenderá o espectro. Vale ressaltar que, seguindo a lógica, a capa é a primeira interação com o leitor e, sendo assim, ele já seguirá a leitura dos conteúdos internos com a

²³ A maneira que estão escritas as palavras, em caixa alta ou negrito, estão da mesma forma como a revista destaca o termo ou os enunciados.

²⁴ Na primeira página da revista, acima do sumário, aparece novamente a foto da capa, porém sem a vinheta preta. Muda-se, completamente, a sensação da foto. Abaixo da imagem encontra-se o seguinte aviso: “As imagens são meramente ilustrativas e não indicam que as crianças retratadas possuam o transtorno.”

concepção estabelecida de que sujeitos com autismo são tristes, ou seja, na primeira leitura da capa, já construiu um conceito de autismo ou fortaleceu um conceito pré-existente.

As demais chamadas apresentam questionamentos e dois deles sugerem que as respostas sejam encontradas no interior da revista. A chamada “Meu filho é autista. E agora?” é expressa como se o autismo fosse uma tragédia, e não uma condição. Indica que ao saber que o filho tem autismo uma família fica sem saber o que fazer, fica desesperada e ao ler a revista, descobrirá quais relações, quais serviços, quais encaminhamentos deve seguir. Também transmite a ideia de que a descoberta do autismo acontece de repente, sem uma investigação profunda.

Não defende-se que o reconhecimento do autismo seja trivial ou algo tranquilo, até porque existe todo o processo da idealização de um filho por parte dos pais. Para as famílias que recebem qualquer diagnóstico em relação aos filhos, seja de deficiência ou transtorno, há um processo de elaboração dessa informação. Um processo que necessita múltiplos olhares de profissionais que possam fazer um diagnóstico pautados em um processo complexo de acompanhamento desse sujeito. No entanto, a maneira como a revista convida o leitor a “procurar ajuda”, dá a entender que os pais estavam totalmente desamparados e que ela trará a solução necessária.

Em outra chamada, a própria revista lança o questionamento sobre “Eles” viverem em um “mundo paralelo”. Oras, nós seres humanos habitamos o mesmo planeta, logo, vivemos todos no mesmo mundo, conseqüentemente não há possibilidade dos sujeitos diagnosticados estarem em outro mundo. O que não parece ser um pensamento tão óbvio, pois é recorrente esse discurso em diferentes meios de comunicação e até mesmo em nosso cotidiano quando alguém expressa o que pensa sobre sujeitos com autismo. Também, a revista utilizou “eles”, sem ao menos dizerem quem são “eles”.

Em relação ao subtítulo, entende-se que o termo “eles” está se referindo aos sujeitos com autismo, mas se recortássemos a chamada da revista, “eles” fica integralmente sem sentido, podendo se referir, inclusive, a extraterrestres. Supondo que algum possível leitor, leigo no assunto relacionado ao autismo, leia apenas a capa da revista, oras, é um tanto quanto assustador imaginar a ideia de que os autistas possam “viver em um mundo paralelo”, sem ao menos ler o interior da revista para verificar a resposta (considerando apenas a leitura da capa). Esse termo acaba fortalecendo a ideia de um isolamento por parte das pessoas com autismo, como se estivessem alheios ao que passa ao redor deles e sem condições de compreender as relações e acontecimentos do meio em que estão inseridos.

Em um dos anúncios sobre quais outros tópicos o leitor poderá encontrar na revista, observou-se um anúncio da seguinte maneira “como lidar com um autista”. Percebe-se aqui a tendência em generalizar o que é o autismo como se todos que tivessem esse diagnóstico compartilhassem das mesmas condições, mesmos modos de ser, pensar, se relacionar com o mundo.

A revista resume um sujeito na sua condição autista (como se essa fosse a única), e ainda promete ensinar como faz para lidar com ele, esquecendo que para além do autismo há um sujeito com todas suas particularidades, gostos e características. A maneira como a frase está expressa também está significando que depois da leitura da revista, as pessoas estarão prontas para lidar e conviver com qualquer sujeito com autismo, o que não é verdadeiro, pois volta-se a concepção da particularidade de cada sujeito, independentemente do seu diagnóstico.

A chamada principal compromete-se a apresentar 95 perguntas e respostas a partir de consultorias com especialistas da área. O leitor pode até imaginar que é um número elevado de respostas, porém, pela forma como a revista apresenta o anúncio, entende-se que todo o espectro autista está resumido em 95 respostas, que o TEA se manifesta da mesma maneira para todos os sujeitos diagnosticados e que após o leitor se apropriar das 95 respostas será um grande conhecedor do autismo.

O leitor pode esperar encontrar as mais diversas áreas, entretanto, após leitura integral da revista, pode-se concluir que não há nenhum profissional da área da educação. Todos os profissionais consultados pela revista são especialistas da área da saúde. Sabe-se que a alínea a) do inciso quatro, do artigo terceiro da Lei 12.764/2012, garante o acesso à educação e ao ensino profissionalizante para pessoas diagnosticadas com autismo. Entretanto dentro das 95 perguntas, nenhum profissional da educação foi consultado, ou seja, significa a ausência de professores dentro do grupo designado como especialistas da área. Se consideramos que um aluno diagnosticado com autismo passe 5 horas por dia, 5 vezes por semana dentro de uma escola, totalizando 25 horas semanais de convivência com professores, estes profissionais não são incluídos nos grupos de especialistas?

4.1.1.2 Conhecendo a Revista 2



Figura 3 – Imagem da capa da Revista 2

Fonte: Acervo da autora.

A revista Ler & Saber Autismo da editora Astral, ano 2, nº 3 de 2016 contém 18 páginas e é ilustrada com a imagem de um menino branco, loiro, sozinho sentado de costas para a câmera e ao lado de um avião de madeira de brinquedo.

4.1.1.2.1 Descrição da Capa 2

O subtítulo AUTISMO está escrito na maior fonte que há na capa da revista, de cor branca, atrás de um fundo azul. Abaixo do título vem uma mensagem “Tudo o que você precisa saber sobre o transtorno”, seguida da primeira chamada com título em azul e a frase na cor preta: “É autismo? Os comportamentos típicos que ajudam a identificar o TEA”. Depois há menção sobre a inclusão, as causas, os níveis do TEA e o papel da família. A chamada principal está escrita em cor amarela: “Como estimular o AUTISTA?”. Além disso há dois anúncios que chamam bastante atenção em vermelho: “2 revistas por R\$ 12,90” e “2 revistas com tudo sobre o AUTISMO”.

A imagem escolhida para ilustrar a capa é a de um menino branco sozinho que está de costas para a câmera, sentado no chão de uma sala sem sapatos e com a cabeça abaixada. Ao lado do menino há um avião de madeira de brinquedo sem que haja relação entre o objeto e o menino.

4.1.1.2.2 Análise da Capa 2

Abaixo do subtítulo, na capa da terceira edição da revista *Ler & Saber Autismo*, há um recado para o leitor dizendo que na revista ele encontrará “tudo” que precisa saber sobre o transtorno. Por meio desta frase, percebeu-se que o foco da revista é apresentar questões relacionadas ao transtorno e não aos indivíduos diagnosticados com TEA. Além disso, utilizar o termo ‘tudo que você precisa saber’ significa que o leitor não precisa se preocupar em saber nada além do que consta na revista, como se após a leitura da revista o leitor se tornasse um especialista no tema.

Considerando a ordem de leitura habitual, de cima para baixo, e os elementos que mais chamam atenção nesta capa respectivamente (na ordem de leitura): subtítulo autismo, imagem do menino sozinho sem ação, seguido pela chamada principal ‘como estimular um autista?’. Seguindo esta lógica, o leitor pode fazer a seguinte conexão: o autismo significa estar sozinho e sem ação, uma criança que não interage com o meio, então, a revista apresenta soluções de como estimular “o autista” e resolver essa situação que está ilustrada na capa.

Ainda sobre a imagem que ilustra a capa, ressaltam-se duas questões que estão relacionadas ao avião de brinquedo que está ao lado do menino. A primeira delas é o fato de o brinquedo estar sem uso, uma vez que não é manipulado, explorado pela criança e, aparentemente, ilustra uma possível falta de ação do menino (que não está brincando) porque está “isolado” em seus pensamentos, ou seja, não percebe o que há em seu entorno e não interage. E a segunda trata-se do fato do brinquedo pertencer ao padrão de brinquedos ditos de menino²⁵, seguindo a lógica relacionada às questões de gênero.

Uma das chamadas atenta o leitor sobre a relação da ‘inclusão’ com a ‘socialização’. Percebe-se que tanto o termo inclusão quanto a socialização estão descontextualizados, pois ao considerar a questão da inclusão na escola, torna-se tanto quanto problemático reduzir inclusão escolar à socialização, uma vez que a função principal da escola é fornecer condições básicas para que todas as crianças aprendam os conteúdos organizados científica e

²⁵ O caso fica mais evidente com a comparação desta revista com outras edições, que apresentam ilustrações de meninas na mesma situação ao lado de ursos de pelúcia.

historicamente, e por consequência, constituam relações sociais que irão compor essa gama de aprendizagens que a escola tem como objetivo oferecer. Ou seja, o objetivo principal da escola não é a socialização, ainda que ela esteja presente e seja de fundamental importância nas relações pedagógicas.

Ao considerar inclusão no contexto do âmbito profissional, não é possível reduzir trabalho à socialização. Na nossa sociedade capitalista, um sujeito, independente de ter diagnóstico ou não, troca sua força de trabalho, o resultado de suas ações, pelo salário. Sendo assim, essa chamada simplifica a possibilidade de reflexão sobre o que tem se considerado inclusão escolar, inclusão social, quais concepções, perspectivas, quais debates e estudos são produzidos pelos profissionais que estudam esses temas.

A chamada principal destaca a pergunta de como ‘estimular o autista’, ou seja, a ênfase é dada para o diagnóstico e não para o sujeito. Inclusive, o leitor só compreende quem é o autista na frase abaixo, que menciona ‘cuidados e terapias no desenvolvimento da criança’, ou seja, o estímulo mencionado está se referindo às crianças com autismo e reduzido a cuidados e terapias? Assim como em outros momentos, a revista se refere ao autista, dificultando mais ainda compreensão das particularidades de cada sujeito e aparentemente generalizando estímulos que podem dar certo para um e não ser benéfico para outro. Torna-se uma classe universal: O autista. Expropria-se o sujeito de ser criança, adolescente, adulto, idoso menino, menina, estudante, trabalhador, de ser humano.

Percebe-se que a palavra autismo/autista aparece quatro vezes na mesma capa, mas nenhuma das vezes estava acompanhada do termo sujeito, criança, jovem, o que implica na compreensão de autismo simplificado apenas ao transtorno, sem levar em consideração a individualidade de cada sujeito. O ‘autista’, representado nesta revista, trata-se de um corpo cheio de estereótipias, somente. Não tem nenhuma característica para além das que estão especificadas no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V (2014), são sujeitos que não sentem, não têm escolhas, não têm voz.

4.1.1.3 Conhecendo a Revista 3



Figura 4 – Imagem da capa da Revista 3

Fonte: Acervo da autora.

A revista *Ler & Saber Deficiência Intelectual* da editora Astral, ano 1, nº 1 de 2017 possui 34 páginas, apesar do tema principal ser deficiência intelectual o que mais se destaca é o termo autismo. A ilustração da capa é a imagem de uma menina branca, loira, sentada no chão de costas para a câmera e abraçada com seu urso de pelúcia.

4.1.1.3.1 Descrição da Capa 3

A revista *Ler & Saber* tem o subtítulo *Deficiência Intelectual* escrito em letras brancas, que se destacam no fundo preto da imagem. Abaixo do subtítulo há o lembrete: “tudo sobre autismo, Síndrome de Down e outras condições”. A chamada principal da revista “É AUTISMO?” está mais destacada que o próprio subtítulo da revista. Abaixo do destaque, o leitor é convidado a explorar as respostas no interior da revista: “Conheça as possíveis causas e os comportamentos que ajudam a identificar o transtorno”. As outras duas chamadas se referem à “QUALIDADE DE VIDA – Atividades que estimulam o aprendizado e garantem o bem-estar da criança” e “SÍNDROME DE DOWN – Mitos e verdades sobre essa condição”. Há uma nota dizendo: “E MAIS: Angelman, Síndrome de Asperger, X-Frágil”.

A imagem que ilustra a revista tem as bordas superior e inferior preenchidas com uma vinheta preta, apresenta tons escuros e cinzentos em sua totalidade, passando a sensação de solidão e tristeza. A menina branca está sentada sozinha de costas para a câmera, abraçada no seu urso de pelúcia, ambos de costas. Eles estão sentados no chão de madeira, que parece de um trapiche, porém, como o fundo está desfocado não é possível concluir onde é. Ou seja, a paisagem é uma névoa, não há paisagem. A menina, assim como a imagem na capa 2, não está brincando com o urso.

4.1.1.3.2 Análise da Capa 3

Diferentemente das outras revistas analisadas, esta pertence a outro grupo de temática em que a ênfase não é mais sobre autismo, mas sim deficiência intelectual, assim como aparece o subtítulo da revista (mesma editora, mas com o eixo diferente, que é Deficiência Intelectual e não autismo). Primeiramente, inicia-se a problematização, questionando o motivo pelo qual o autismo está englobado nesta revista, uma vez que é considerado um transtorno e não deficiência intelectual. Inclusive, a chamada ‘é autismo?’ está mais destacada que o próprio subtítulo da revista. Não é possível negar que existam casos de diagnósticos de autismo que possam englobar uma possível deficiência intelectual, porém, não é um fator determinante, ou seja, o fato de estar presente na capa de uma revista pode levar o leitor a fazer essa associação de que as pessoas com autismo têm deficiência intelectual.

O agrupamento dos elementos que mais chamam a atenção são: o subtítulo deficiência intelectual, a imagem da menina solitária e a chamada ‘é autismo?’. Ao unir essas três partes, o leitor pode associá-los e conectar os dizeres de que autismo está na discussão de deficiência intelectual (DI), logo, são sinônimos e quem tem autismo também possui a DI. Além disso, liga a imagem da menina solitária abraçada no seu urso de pelúcia ao termo que mais se destaca, que é o autismo. O leitor ainda pode perceber que a imagem tem tons frios, as próprias vinhetas nas bordas em preto transmitem a ideia de tristeza, fazendo a associação de que as pessoas com autismo são sozinhas e tristes. O fato da menina estar abraçada em seu urso de pelúcia também confirma o padrão estabelecido de brinquedos pertencentes ao grupo de meninas e que são diferentes dos brinquedos do grupo dos meninos. Além disso, não dá para saber se a criança tem autismo ou DI. Ou seja, supõe-se uma leitura mais aligeirada ou de quem não tem conhecimento sobre os debates em relação ao autismo e DI que se trata de um mesmo diagnóstico.

Abaixo do subtítulo deficiência intelectual, existe a mensagem do termo “tudo sobre” que passa uma impressão, novamente, de que a revista vai suprir todas as necessidades sobre informações que uma pessoa precisa saber. Isso induz os leitores a terem certa tranquilidade uma vez que podem entender que não é preciso buscar informações em outras fontes e que o autismo, síndrome de Down e outras condições se resumem a tudo o que está contido na revista.

Seguindo as chamadas secundárias, a revista cita que a qualidade de vida está associada “a atividades que estimulam o aprendizado e garantem o bem-estar da criança”. Oras, primeiro é necessário saber que o significado de garantir é *afirmar com segurança*, ou seja, a partir do momento em que a revista garante algo, ela afirma que em 100% dos casos essas atividades que serão apresentadas darão certo, e não esquece-se o fato de lidar com seres humanos não garante que se deu certo para uma pessoa, a mesma atividade dará certo para outra. Atrelado a esses dizeres, a revista pressupõe que somente essas atividades que estimulam a criança são sinônimas de qualidade de vida, sem considerar outras condições básicas como por exemplo, moradia, saúde e alimentação.

Sobre esse mesmo anúncio, ainda é possível concluir que somente as pessoas que tiverem poderes aquisitivos para investirem nas atividades apontadas, é que terão o bem-estar “garantido”. Para além do que Ferraresi (2017) cita em seu trabalho sobre o marketing do autismo “incorporados à lógica do consumo e convidados a usufruir das camisetas, canecas, viagens, bótons destinado as eles e a seus pais” (2017, p. 198), pode-se afirmar que há, nessa mesma lógica, um grande mercado de terapias e tratamentos que pleiteiam seus clientes, os sujeitos com autismo e suas famílias, a consumirem seus produtos (terapias). Assim como em outros aspectos da vida, percebe-se que, integradas aos anúncios dessas atividades, estão relacionadas fortemente a questões de classe. Quem são as pessoas que têm acesso às terapias propostas e anunciadas nessas revistas?

Por fim, a chamada principal se encarrega de prender a atenção do leitor, mais que as outras, por apresentarem um assunto que, normalmente, está em evidência. O grande questionamento que a revista apresenta, indagando o leitor sobre a possibilidade de ser realmente autismo, é solucionado abaixo com o convite ao leitor conhecer as possíveis causas e os comportamentos, para então identificar se é o transtorno ou não. Ou seja, algo muito perigoso, pois pode induzir ao leitor achar que tem condições de identificar sinais do transtorno com as informações prestadas pela revista.

O efeito disso para familiares, professores, profissionais de diferentes áreas e para uma concepção social sobre o TEA pode ser muito prejudicial. O modo como se constrói uma

mentalidade que rege o modo de olhar e as relações construídas com as pessoas que possuem o diagnóstico de TEA, uma vez que não possibilita questionar as “verdades” já estabelecidas sobre o diagnóstico, não permite desmistificar o olhar em relação a esses sujeitos como sendo dependentes, isolados, incapazes de estabelecer comunicação com o mundo que os cerca, aprender os conhecimentos construídos histórica e cientificamente.

Cria-se, desse modo, um pensamento pautado única e exclusivamente em sintomas que são considerados como aqueles que anunciam o transtorno e que apenas com tratamentos específicos, sobretudo na área da saúde, os sintomas podem ser minimizados possibilitando uma qualidade de vida aos pais e aos sujeitos com diagnóstico de TEA.

4.1.1.4 Conhecendo a Revista 4



Figura 5 – Imagem da capa da Revista 4

Fonte: Acervo da autora.

A revista Ler & Saber Autismo, ano 4, nº 8 de 2018 contém 15 páginas e tem ilustrada a imagem de uma menina branca, loira, sentada de costas para a câmera e está ao lado do urso de pelúcia sem interagir com ele.

4.1.1.4.1 Descrição da Capa 4

O subtítulo “AUTISMO” aparece em destaque com letras brancas e fundo azul, é tão destacado que parece o título da revista. Abaixo do subtítulo há uma mensagem “Tudo o que você precisa saber para compreender esse universo”, assim como nos volumes anteriores desta mesma revista. A chamada em destaque apresenta uma pergunta: “como estimular um autista?”, seguida de uma frase que fala sobre como a tecnologia ajuda na comunicação de pessoas com autismo.

As chamadas secundárias abordam questões voltadas a terapias: “O papel de cada especialista nos tratamentos”, identificação de sinais: “Saiba se seu filho pode ser autista”, conhecer os níveis do espectro: “Entenda o que é afetado de acordo com o grau do espectro”. Esta edição é dupla, são duas revistas diferentes juntas, então na capa existem dois anúncios: “2 revistas sobre os transtornos do cérebro” e “oferta! 2 revistas por R\$ 12,90”.

A imagem mostra uma menina branca com seu urso de pelúcia, ambos de costas para quem vê a imagem, sentados no chão de uma sala de frente para uma janela. Não é possível compreender muito bem o contexto da imagem, uma vez que não se reconhece a face da criança, porém a imagem transmite a sensação de solidão, pelo fato da menina estar sozinha em um ambiente que não se pode identificar e a falta de interação entre a menina e o urso de pelúcia, uma vez que o urso aparece na imagem, mas sem a menina se relacionar com o objeto.

4.1.1.4.2 Análise da Capa 4

O conjunto que mais chama a atenção do leitor, assim como nas outras revistas analisadas, é o subtítulo autismo, a fotografia da menina branca sentada de costas, que não interage com o objeto posicionado ao seu lado e a chamada principal que pergunta como ‘estimular o autista’? Esses elementos são muito similares aos que constam na *capa 2*, pois o subtítulo faz ligação com a imagem, que demonstra uma menina que está de costas para a câmera, ou seja, não quer ou não sabe interagir, além de conter um objeto ao seu lado sem que haja a relação entre as partes. Abaixo vem a questão de como estimular ‘o autista’ que conecta com o fato já descrito da menina que não interage com o urso de pelúcia. Ainda sobre a imagem é possível perceber que o objeto escolhido para compor a cena, pertence à gama dos brinquedos padrões, segundo às questões de gênero, que pertencem às meninas.

O fato de aparecer tantas vezes a questão do estímulo, pode levar o leitor a entender que a criança somente irá interagir se for estimulada de maneira adequada. Além disso, ainda apresenta o estímulo como sendo o único responsável por amenizar as características de um quadro patológico. É importante analisar que tipos de estímulos são esses e quem são as pessoas que podem ter acesso a eles, uma vez que a maioria dos anúncios apresentam terapias que são oferecidas, geralmente, por serviços particulares. Apesar dessa questão ser discutida com mais afinco no capítulo da análise das reportagens, vale sinalizar que é na capa que se inicia o imaginário de quem lê.

O recado que consta abaixo do subtítulo é composto pelos termos chave ‘tudo o que você precisa saber’ e ‘esse universo’. A palavra “tudo” nesta frase transmite a ideia de que a revista é completa em relação as informações sobre o “universo” autista e que se o leitor ler toda a revista, não precisará buscar outras informações. Ainda, incluem-se instrumentos mais seguros em relação à produção de conhecimento tanto sobre o diagnóstico de autismo, como sobre as pessoas com autismo tais como: teses, dissertações, pesquisas, publicações que possam apresentar a elaboração de conhecimento, não apenas informações.

A utilização de palavras como estas em revistas, pode representar um certo perigo, pois afirma que contém todas as informações necessárias, principalmente, se considerarmos que o público-alvo das revistas são profissionais, famílias, professores e pessoas que se interessam pela temática. Outro termo que também merece destaque na mesma frase é ‘esse universo’, pois a partir do momento em que se assume exista um universo para sujeito, deixa-se de compreender a diversidade humana, as particularidades e tomamos os rótulos e estigmas para criar uma visão preconceituosa e excludente em relação a certas categorias de sujeito.

Duas chamadas abordam questões parecidas, em que convida o leitor a conhecer os níveis do autismo e identificar os sinais. Em relação aos níveis, a revista trata de explicar o que é “afetado”. Geralmente, entende-se afetado, como uma tragédia, algo que foi danificado. Já a identificação dos sinais é abordada como uma possibilidade do filho ser autista ou não, ou seja, a partir das características expostas na revista os pais podem concluir se seu filho é ou não autista.

Veja bem, primeiro a revista utiliza a forma do verbo no imperativo, que expressa uma ordem: identificar. Depois do leitor fazer essa identificação, é dada a ordem, novamente, para que ele “saiba”, ou seja, a partir dos sinais que foram escritos na revista os pais já têm a conclusão do diagnóstico da criança, o que é arriscado em dois sentidos, caso a criança tenha autismo e não tenha diagnóstico. Caso tenha o diagnóstico e não seja identificado pelas instruções da revista, a família pode deixar de investir em um acompanhamento

multiprofissional e mais sistemático. Ou ainda, caso não tenha o diagnóstico, mas seja identificado pelas indicações dadas na publicação, a família começar a identificar sinais que não necessariamente são referentes ao autismo e já considerar que a criança tem esse diagnóstico. Além disso, a revista simplifica o processo de identificação de um diagnóstico que é tão complexo para ser construído, exige tempo, acompanhamento, olhares multiprofissionais e um processo longo de análise, problematizações sobre quem é esse sujeito.

O enunciado “como estimular o autista?” está totalmente voltado, novamente, à generalização dos sujeitos diagnosticados com autismo. Na frase, o objeto é ‘o autista’, entendido e resumido para sua condição, que é diferente quando comparamos ao que se compreende de um sujeito com suas características, particularidade e que se enquadram dentro do espectro autista. Além disso, entende-se que, por serem sujeitos diferentes, as formas de estímulos são diferenciadas também, além da dependência do contexto social e estrutural da família dessas crianças.

Considerando a análise das capas, foi possível identificar discursos recorrentes, totalizadores e que tendem a produzir uma exclusão desses sujeitos, sobretudo, de ambientes sociais, como a escola, por exemplo. Dentre esses discursos, destacamos: mundo próprio, como identificar o autismo, o autista, estímulos necessários, terapias e a busca incessante pelas causas do autismo.

Esses discursos remetem ao entendimento de que a qualidade de vida dos sujeitos com autismo só será possibilitada se seguir a lógica de consumo atrelado aos anúncios de novas terapias, estímulos e, até mesmo, o acesso aos profissionais anunciados nas revistas. Além disso, a partir do discurso presente nas imagens de crianças sozinhas, tristes, brancas e loiras, revelam que o autismo apresentado nas revistas representa um público específico. Esses discursos recorrentes fortalecem a ideia de visões simplificadoras e estereotipadas sobre sujeitos que têm, sim, suas particularidades.

Brevemente, destaca-se que as outras revistas, que fizeram parte do repertório inicial da pesquisa, mas que não foram analisadas detalhadamente como as anteriores, apresentam-se de maneiras bastante diferenciadas. As revistas *Veja*, *Época* e *Educar*²⁶ têm em suas capas, as fotografias reais de meninos com autismo (estão apresentados com seus nomes). As demais, apresentam imagens resultantes de edições fotográficas e imagens retiradas dos bancos de

²⁶ Revista local de Santa Catarina e é distribuída gratuitamente em escolas particulares da região.

imagens disponibilizados *online*. As chamadas também divergem, porém, encontrou-se termos recorrentes como ‘mundo do autismo’, ‘talentos’, ‘terapias’ e ‘diagnósticos’.

Pode-se concluir que todas elas têm dois pontos em comum, o fato de apresentarem, assim como as revistas analisadas, o foco no diagnóstico, excluindo as características próprias dos sujeitos e apresentarem apenas crianças, pois todas as capas são representadas por crianças, levando-nos à reflexão de que, de uma forma geral, todas as revistas estão direcionadas a um mesmo público e, possivelmente, objetivam fortalecer a lógica patologizante, clínica e orgânica do sujeito diagnosticado com autismo.

4.2 OS DISCURSOS

Depois de expor os conteúdos que aparecem na capa, é o momento de observar o que aparecem nas reportagens que estão no interior da revista. Será que os conteúdos apresentados nas capas aparecem da mesma forma quando estão na parte interna? Destaca-se que desta parte em diante, foi considerado que o leitor tenha adquirido o exemplar da revista, assim tem o acesso as matérias. Porém, salienta-se que muitas pessoas olharam as capas apresentadas anteriormente, mas não obtiveram o produto, logo, as concepções oferecidas a essas pessoas foram apenas aquelas que estavam apresentadas na capa.

4.2.1 Revista 1

A revista *Ler & Saber Autismo* da editora Astral, ano 1, nº 1 de 2015 possui 50 páginas e é estampada pela imagem de um menino apoiado com a cabeça sobre uma janela, olhar não fixado e sentindo tristeza.

4.2.1.1 *“Meu filho é autista. E agora?” Saiba onde procurar ajuda*

A reportagem, cujo título inicial é “Convivendo com o autismo” e subtítulo “Após o diagnóstico, muitos pais se sentem desamparados, mas essa sensação pode ser driblada ao procurar ajuda” tem quatro páginas (p. 32 à 35), foi escrita a partir de nove perguntas e respostas e possui duas imagens, ambas retiradas do banco de imagens Getty Images, que buscam ilustrar o que foi escrito. A reportagem está inserida na categoria nomeada de

auxílio²⁷ e para responder a essas perguntas foram consultadas quatro profissionais sendo duas nutricionistas e duas psicólogas, ou seja, duas áreas relacionadas à saúde.

A primeira imagem ocupa uma página inteira e antecede o texto que será desenvolvido. Apresenta uma mulher branca, loira, que aparenta ter em torno de 40 anos, sorrindo, vestida com roupa social, segurando a cabeça de um menino também branco e loiro contra seu peito. O menino faz um bico com a boca e está com sua testa franzida. Sobre esta imagem encontram-se o título e o subtítulo, os quais fazem uma ligação direta com a imagem através das palavras “convivendo”, o que leva à interpretação de que esses dois sujeitos vivem juntos, “os pais se sentem desamparados”, leva à conclusão de que a imagem retrata uma mãe e um filho e que após o diagnóstico essa mãe se sente desamparada com seu filho (autista). O sorriso da mulher pode ser interpretado como a satisfação tida após a (“sensação pode ser driblada ao procurar ajuda”) o encontro da ajuda citada no subtítulo. Entende-se que criança está incomodada com o abraço, o que remete a várias reportagens que são anunciadas como crianças com autismo não tendo afinidade com contato físico.

A segunda imagem ocupa as páginas 34 e 35, mostra um quadro com várias imagens de objetos e no final dele há uma frase em inglês que diz *break time!* (intervalo!), além disso, na frente do quadro há uma tabela que nomeia as imagens também em inglês *flower* (flor), *beetle* (besouro), abaixo das suas respectivas imagens. O quadro descrito é usado para uma atividade, a qual está sendo executada sozinha por uma menina branca e loira que está de costas para a câmera, mas que não aparece totalmente porque a imagem foi recortada. Essa imagem resulta na visualização apenas de sua bochecha, ombro, uma parte do braço e sua mão (que segura a imagem de uma estrela branca sobre o fundo amarelo). Aparece uma legenda sobre a imagem que diz: *Atividades lúdicas que exploram a visão podem ser empregadas para contribuir na comunicação do autista*. Esta imagem faz referência a uma das perguntas que indaga *De que forma posso explorar a habilidade visual do meu filho?*. Esse questionamento foi respondido expondo que os responsáveis podem demonstrar como se faz certa atividade ao invés de apenas falar e que fotografias ou desenhos simples podem ajudar o “portador de autismo” a pedir aquilo que eles desejam, apontando as figuras com os dedos.

Ao longo da reportagem, evidencia-se que a expressão “portador do transtorno” repetiu-se cinco vezes, sendo duas delas relacionadas a uma resposta que citou a Lei 12.764,

²⁷ Estou denominando como categoria as palavras que ficam no cabeçalho da página indicando que um mesmo assunto, no caso autismo, é discutido a partir de diferentes categorias tais como: diagnóstico, tipos, enigma, comportamento, distúrbios, ciência, auxílio, saúde, depoimentos, tira-dúvidas, referências. No entanto, essas categorias não são padrão em todas as revistas.

de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Ressalta-se na escrita da própria lei foi usado o termo *portadora* para se referenciar unicamente a seguinte menção: “é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela *portadora de síndrome clínica* caracterizada na forma dos seguintes incisos (grifo nosso)”.

A palavra portador significa, segundo o dicionário Dicio²⁸: a) Pessoa que carrega ou que conduz alguma coisa; carregador; b) Pessoa que porta germes e que os transmite; ou seja, os significados declaram algo que possa ser carregado, levado de um lugar inicial até o final e transmitido. No que se refere ao autismo, sabe-se que o transtorno não é curável e que não é transmissível, conseqüentemente o termo portador não se encaixa para se referir às pessoas diagnosticadas com autismo. Além disso, sempre que se anuncia portador, não se refere a pessoa, a criança, ao sujeito.

A primeira pergunta indaga: “Qual é o primeiro passo?”. Inicialmente a reportagem inicia dizendo que após o diagnóstico, independentemente de ser um neurologista, psicólogo ou um terapeuta, eles podem indicar outros especialistas que auxiliam no tratamento. Em nenhum momento desta resposta é citado ou indicado o auxílio de um pedagogo ou é feita alguma referência à educação da criança ou à instituição de ensino, o direcionamento é que sejam procurados profissionais (já especificados acima) e terapias.

Na continuidade da matéria a psicóloga consultada diz que os pais não devem ter receio de questionar o funcionamento do medicamento receitado, o que leva o leitor a acreditar que necessariamente após o diagnóstico, a criança deverá ser medicada. Duas perguntas à frente em que se questiona “Quem eu devo procurar na minha cidade?”, é sugerido aos pais que busquem auxílio além da “equipe de profissionais especializados, como médicos e terapeutas”, sendo relevante procurar por associações de pais e amigos de autistas. Conclui-se, mais uma vez, que não há indicação da busca de professores, de pedagogos e de escolas (regulares), pelo contrário, o caminho indicado é direcionado às áreas da saúde e instituições assistencialistas. Não são mencionadas outras possibilidades que produzem a convivência com outras crianças como: clubes, atividades extracurriculares, saídas como cinema ou teatro.

“O que as associações voltadas aos autistas oferecem?” é respondida pela psicóloga da APAE de Bauru, explicando que nesta associação é realizado o acolhimento da família, a orientação e a *capacitação* para que os sujeitos diagnosticados com autismo possam receber

²⁸ PORTADOR. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/portador/>>. Acesso em: 28 set. 2019.

auxílio ao longo de seu desenvolvimento. Percebe-se aqui o uso da palavra capacitação que pode ser interpretado pelo leitor como um ato indispensável após o recebimento do diagnóstico, levando os integrantes da família de sujeitos com o TEA a pensarem que eles só poderão interagir e cuidar do indivíduo se tiverem tido treinamento suficiente ou habilitação adequada.

Enfatiza-se que uma família com mais conhecimento acerca do que é o autismo pode interagir de forma mais eficaz com uma criança diagnóstica com TEA por entender suas condições, entretanto, isso não significa que seja necessária uma capacitação da família específica em autismo. Além disso, pode-se entender o termo capacitação, como uma necessidade de capacitar a pessoa com autismo a viver em sociedade, ou seja, construir estratégias para que as ações consideradas como efeitos do autismo sejam minimizadas, o que muitas das reportagens enfatizam.

No desdobramento da próxima resposta, que é relacionada à pergunta de como lidar com as crises nervosas, é sugerido que se entenda quais fatores desencadeiam as crises, para que elas possam ser evitadas e que muitas vezes elas são provocadas pela dificuldade na comunicação com a criança com autismo. Para além de conhecer os fatores, é necessário que se conheça e entenda como eles afetam cada criança, pois cada uma tem um jeito diferente, então pode ser que esses fatores aconteçam em um indivíduo, e no outro, sejam ausentes.

Em seguida o leitor pode ler “Como qualquer criança, os autistas também sentem fome e cansaço, e costumam se irritar ao não terem suas necessidades atendidas”. A parte principal da frase “autistas também sentem fome e cansaço”, apesar de apresentar uma informação inegável, foi escrita de uma forma lamentável, que praticamente leva o leitor a concluir que “os autistas também” são seres humanos e que podem “se irritar ao não terem suas necessidades atendidas”. Oras, qualquer ser humano pode se irritar por não ter suas necessidades atendidas, sejam elas relacionadas às necessidades básicas biológicas, ou sociais.

O modo como a seguinte pergunta é apresentada já traz indicativos de que a alimentação da criança com autismo é um problema para a escola e essa relação da dieta da criança na escola é um assunto para a família administrar. A pergunta é feita da seguinte maneira: “Como manter hábitos alimentares restritos quando a criança frequenta a escola?”. O uso da palavra *quando* permite interpretar a frase de duas maneiras. A primeira com a palavra *quando* significando uma condição, refere-se à possibilidade da criança frequentar ou não a escola por conta da condição de uma pessoa que tem TEA, ou seja, como se fosse possível as crianças em idade escolar não estarem matriculadas em instituições educacionais, sendo que

isso não é uma opção, mas sim um direito garantido pela Lei 12.764, de 2012. Além disso, também está prevista na Constituição Federal de 1988. A segunda possibilidade de interpretação é o termo *quando*, classificado como advérbio temporal, significando a ocasião em que a criança está com a idade adequada para estar na escola, a partir de *quando* iniciar a escolarização. Considerou-se a segunda opção para análise, pois a primeira é indiscutível.

A nutricionista consultada faz a indicação de que sejam incentivados os alimentos saudáveis e naturais, descartando os industrializados e informando os professores e coordenadores sobre as restrições alimentares. Até aqui é perceptível que as indicações servem para todos os pais que se preocupam com a saúde de suas crianças, sejam elas diagnosticadas com autismo ou não. Ou seja, a questão alimentar refere-se a uma discussão importante para todas as famílias. Para finalizar, a nutricionista conclui “Assim, o autista também pode usufruir de atividades como piqueniques da escola”. Nota-se que nesta frase a criança com autismo não é vista como um aluno da escola, mas sim como o autista. Qualquer outra criança poderia participar do piquenique, até mesmo aquelas que possuísem alergias alimentares (com antecedência poderiam ser preparados os alimentos adequados), porém, no caso da criança com autismo, muitas questões parecem servir de empecilho para incluí-las nas atividades. Será mesmo que o desafio é a comida?

Além disso, a conclusão da nutricionista deve-se ao fato de que se os pais enviarem comidas saudáveis e os professores forem avisados sobre as restrições, a criança poderá participar da atividade de piquenique. Caso contrário sua alimentação se torna tão problemática que ela não terá como participar de atividades como piquenique. Não estará no padrão de alimentação dos demais estudantes. Ainda podemos sinalizar outra questão que, apesar de não ser foco de nossa análise, é bastante importante. Não é incomum crianças com deficiência ou com transtornos do espectro autista serem impedidas de atividades que são previstas no calendário escolar, portanto, atividades que elas têm o direito de participar, pois contabilizam dias letivo e carga horária obrigatória.

A reportagem é finalizada com a pergunta “Posso ajudá-lo a interagir com outras crianças?”, que é inicialmente respondida com a afirmação sobre o quão difícil é sair para festas, restaurantes, viagens ou parques com a criança autista, mas que é preciso “ensiná-los” a conviver nesses locais. Desta introdução, encontrou-se uma similaridade entre o fato de “ensiná-los” a conviver nesses locais e o movimento integracionista de pessoas com deficiência nas escolas e na sociedade, caracterizado pela adaptação desses sujeitos às normas e aos padrões sociais para que pudessem participar de diferentes espaços, para além das instituições assistencialistas e o âmbito familiar. Ou seja, indica-se que não são as

mentalidades que regem a nossa sociedade sobre normalidade/anormalidade que devem mudar, que a acessibilidade dos espaços precisa ser pensada, mas que o sujeito precisa mudar para ser “aceito”.

Diante dessa conjuntura, a responsabilidade de adaptação é do sujeito com autismo e não uma questão social um processo coletivo e de mudança de paradigma. Responsabiliza-se o sujeito por seus desafios de convívio social com base em seus comportamentos que são considerados desviantes, inadequados, problemáticos. Ainda, segundo esta fala, não se faz referência ao que se espera de uma sociedade que se pretende ser inclusiva, em que se olha para o sujeito, suas singularidades e potencialidades para além dos transtornos ou condições relacionadas aos transtornos. A resposta à pergunta apresentada é finalizada pela seguinte frase: “É possível encorajar os pequenos a convidarem o autista²⁹ para participar da brincadeira, o que pode fazer com que se sinta feliz ao ser incluído.”, que é repleta de questões complexas.

Dentro do contexto da frase, entende-se que o uso da palavra “pequenos” refere-se às crianças que não tenham o diagnóstico de autismo. Segundo o dicionário Dicio³⁰, o substantivo pequeno significa: os fracos, os pobres, os humildes; ou seja, a palavra usada como sinônimo de criança expressa inferioridade. No entanto, na reportagem pode ser entendido como um termo que remete a um modo carinhoso para se referir as crianças sem o diagnóstico de autismo. Percebe-se que na frase “encorajar os pequenos a convidarem o autista” há sugestão do incentivo de uma tomada de decisão e não da conscientização sobre o ato de incluir, relacionar-se, estar com o outro. Isso torna a ação de convidar uma obrigação daquele que não tem o transtorno e não um convite que demonstra o interesse das crianças em brincarem juntas, estarem juntas, conviverem. Além disso, a revista enfatiza que o autista (o rotulado) deve ser convidado para brincar e não a criança com suas características, seu jeito, sua individualidade, que está na fase de desenvolvimento em que o brincar é importante e também está incluída no Espectro Autista seja convidada para brincar ou convide para brincar.

O fato de haver encorajamento sem a conscientização de que as pessoas tem características diversas, mas que também tem semelhanças, ainda que sejam consideradas suas singularidades, torna os convites uma obrigatoriedade e pode implicar na situação oposta a que se pretende (convivência, inclusão), na exclusão da criança com autismo, uma vez que a

²⁹ Interessante reparar que “os pequenos” são as crianças, o “autista” é o autista.

³⁰ PEQUENO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pequeno/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

solicitação para brincadeira só será feita a partir da fala de um adulto que encoraja/obriga o convite.

Para finalizar, a revista apresenta como consequência desse convite (encorajado), a possível felicidade da criança com autismo por ser incluída “o que pode fazer com que se sinta feliz ao ser incluído.”. Convidar uma criança com autismo apenas por ela ter autismo seria o mesmo que fazer um convite a alguém considerando uma de suas características. Algo como uma atitude caridosa, benemérita. Como se alguém nos dissesse: convide aquela mulher para a festa, porque ela tem cabelos ruivos. Oras, o que a cor do cabelo tem a ver com o motivo do convite? Nesse sentido, fica a reflexão sobre se de fato uma criança com autismo ficaria feliz ao ser convidada para uma brincadeira, a partir do encorajamento (que é diferente de convite espontâneo) por causa de sua condição.

4.2.1.2 *“Eles vivem em um mundo paralelo? +10 MITOS E VERDADES”*

O título da reportagem é “Mitos e verdades” e tem o subtítulo escrito da seguinte forma: “11 questões que ajudam a entender melhor o TEA”. As páginas ocupadas pela matéria são 46 e 47, conforme mostram as figuras 6 e 7, e a matéria está enquadrada na categoria chamada tira-dúvidas.

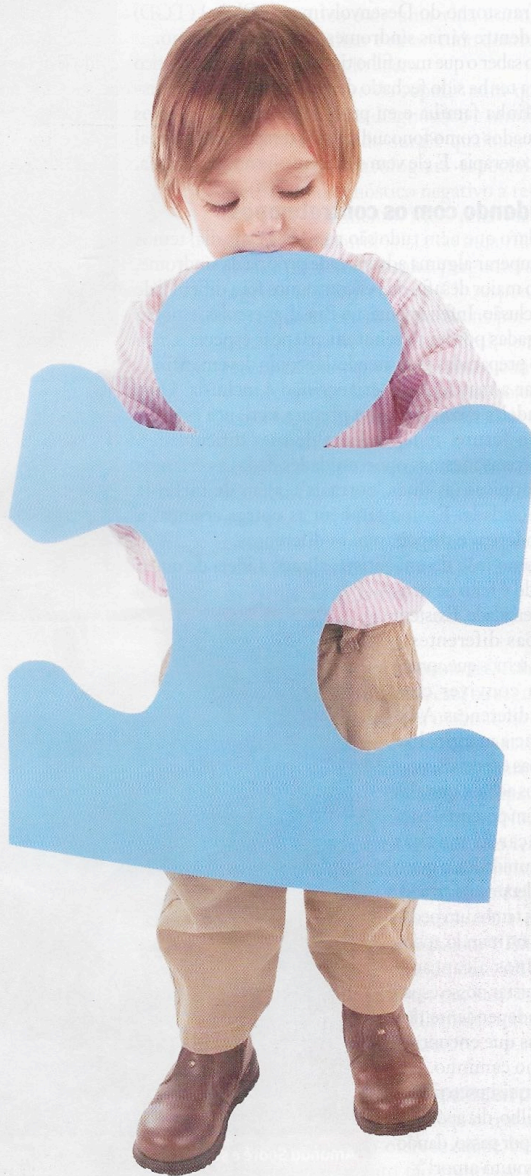
Foram consultadas três profissionais: uma psiquiatra e duas psicólogas, ou seja, ambas as áreas pertencentes à saúde. As perguntas foram as seguintes: “Autistas são mais inteligentes? (mito)”, “Autistas se dão bem com os animais? (verdade)”, “A idade da mãe e do pai tem relação com o nascimento de filhos autistas (quanto mais velhos, mais casos)? (depende)”, “Antigamente o autismo era mais raro? (depende)”, “Deve-se internar o autista em uma instituição especializada? (mito)”, “O autista grita e esperneia por birra? (mito)”, “O transtorno surge devido à rejeição materna? (mito)”, “O autista vive em um mundo à parte? (mito)”, “A sociedade está vivendo uma epidemia de autismo? (mito)”, “Autistas não gostam de carinho? (mito)” e “Quem tem TEA é psicopata? (mito)”.

TIRA-DÚVIDAS

Mitos e verdades

11 questões que ajudam a entender melhor o TEA

TEXTO E ENTREVISTAS NATÁLIA NEGRETTI



Autistas são mais inteligentes?

MITO. De acordo com a psicóloga Maria Helena Keinert, esta afirmação não é unânime em relação aos portadores de autismo. Na verdade, há uma variedade, como em qualquer grupo de pessoas: “existem autistas com inteligência média, outros acima ou abaixo da média. Também existem alguns com altas habilidades, como existem outros com retardo mental”, afirma a especialista. No caso de portadores da síndrome de Asperger, há estudos que apontam que eles teriam, sim, uma inteligência excepcional (saiba mais na matéria da página 18).

Autistas se dão bem com animais?

VERDADE. Realmente há muitos relatos de crianças e adultos autistas que criam uma forte conexão com animais, não só de estimação, mas com de grande porte, como cavalos e golfinhos. “Normalmente, os animais com os quais se identificam são dóceis, gostam de crianças e aceitam bem o contato”, destaca Maria Helena. Inclusive, alguns deles fazem parte de terapias que estimulam o desenvolvimento dos autistas, como explica a psicóloga: “normalmente, o animal nada exige em troca, e a comunicação é por meio do toque, o que, para algumas crianças, é mais confortável”. Ainda de acordo com a profissional, o cuidar do animal é também muito importante, reforçando o vínculo afetivo: “essa relação pode estimular a criança a se relacionar com pessoas”, afirma.

A idade da mãe e do pai tem relação com o nascimento de filhos autistas (quanto mais velhos, mais casos)?

DEPENDE. É certo que alguns estudos destacaram uma correlação entre a idade dos pais durante a

Imagem: iStock.com/Getty Images

46 | Ler & Saber AUTISMO

Figura 6 – Imagem da reportagem “Eles vivem em um mundo paralelo? +10 MITOS E VERDADES”
Fonte: Acervo da autora.

concepção e gestação, principalmente da mãe (acima dos 35 anos), e o desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista nas crianças. No entanto, não se pode considerar este fator como único determinante para o desenvolvimento do autismo. “Atualmente se discute que as causas são multifatoriais, inclusive com interferência de variáveis ambientais como poluição e uso de agrotóxicos. Estudos vêm sendo realizados, mas ainda não sabemos exatamente qual ou quais dessas variáveis envolvidas pode ser a principal responsável no desenvolvimento do transtorno”, destaca a psicóloga e psicopedagoga Helen Cazani.

Antigamente o autismo era mais raro?

DEPENDÊ. Esta questão é difícil de ser respondida, já que com o passar dos anos, pesquisas sobre o autismo evoluíram, bem como os costumes de grande parte da sociedade se alterou. Algumas mudanças no campo na medicina também são bastante relevantes para o quadro de diagnósticos, como as ocorridas na terminologia de autismo para o espectro do autismo e as mudanças ocorridas na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), como explica Cazani: “o DSM é um manual médico que descreve os critérios para que seja diagnosticado o TEA. Nele, foram feitas alterações importantes que passaram a englobar mais indivíduos que antes não eram classificados como autistas”. Outra hipótese importante que deve ser considerada é que as crianças têm sido encaminhadas para avaliação mais cedo, a maioria antes dos cinco anos, de acordo com a profissional.

Deve-se internar o autista em uma instituição especializada?

MITO. Os cuidados de uma equipe profissional são imprescindíveis, no entanto, o contato e o afeto dos familiares são muito importantes para o bom desenvolvimento dos autistas, sejam crianças, jovens ou adultos. O afastamento de pessoas próximas e o isolamento social que algumas instituições propõem não são benéficas aos autistas.

O autista grita e esperneia por birra?

MITO. Os portadores do transtorno têm dificuldade em se comunicar como a maioria das pessoas está acostumada; além disso, mudanças na rotina não fazem bem a eles. Por isso, quando não se sentem bem e não conseguem ser compreendidos, acabam usando formas mais bruscas de comunicação, como gritos e contorcer o corpo. É algo normal à maioria dos autistas e é preciso sem enfrentado com calma. Ficar bravo, nestes momentos, não adianta nada.

O transtorno surge devido à rejeição materna?

MITO. A ideia de que a forma como a mãe trata seu filho antes e após o nascimento poderia influenciar o surgimento do autismo na criança não passa de rumor. No início dos

estudos sobre o transtorno, quando ainda se sabia muito pouco, pesquisadores acreditavam que a frieza e a rejeição materna poderiam fazer com que o filho também fosse avesso ao afeto. Porém, nunca houve comprovações científicas.

O autista vive em um mundo à parte?

MITO. O universo autista é o mesmo de todas as pessoas. Contudo, o indivíduo com o transtorno sente e interage com seu entorno de uma forma diferente devido à sua sensibilidade sensorial alterada, que o faz se isolar socialmente, dando a impressão de “viver em outro mundo” (saiba mais sobre o assunto na página 10).

A sociedade está vivendo uma epidemia de autismo?

MITO. A evolução da ciência permite o diagnóstico precoce, além de que um maior número de pessoas passaram a ter acesso ao atendimento especializado. “Além disso, as equipes de médicos e especialistas têm se apresentado mais capacitadas e com instrumentos mais adequados para avaliação”, salienta Cazani. Apesar do maior número de indivíduos autistas diagnosticados nos últimos anos, falar em epidemia é um exagero.

Autistas não gostam de carinho?

MITO. Uma das características do autismo é a hipersensibilidade. Por isso, se incomodam facilmente com toques, como abraços, chegando a gritar e serem arremidos, pois o contato físico realmente faz mal a eles. Entretanto, não é uma regra geral. Na realidade, gostam de carinho, mas têm dificuldade de expressar isso e de receber da maneira mais comum entre as pessoas.

Quem tem TEA é psicopata?

MITO. Um distúrbio não tem nada a ver com o outro. Apesar de autistas e psicopatas aparentarem antipatia, a psicopatia trata-se de um transtorno de personalidade antissocial. “Os transtornos de personalidade não são doenças, mas anormalidades da psique, quando há uma dissonância do afeto e da emoção. Na psicopatia, existe uma falta de empatia e de emoção em relação ao outro. Quando há uma exacerbação desta insensibilidade, estes indivíduos são classificados como sociopatas ou psicopatas”, esclarece a psiquiatra Andrea Kraft. Egocentrismo, incapacidade de seguir uma plano de vida, inexistência de remorso ou vergonha e manipulação extrema são outras características dos sociopatas que vão até às últimas consequências para conseguir o que querem.

CONSULTORIA Andrea Kraft, psiquiatra; Helen Cazani, psicóloga e psicopedagoga na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Bauru (SP); Maria Helena Jansen de Mello Keinert, psicóloga da Self Center Espaço Terapêutico, em Curitiba (PR).

Figura 7 – Imagem da reportagem “Eles vivem em um mundo paralelo? +10 MITOS E VERDADES”
Fonte: Acervo da autora.

Como pode-se perceber, em nenhum momento da matéria há uma introdução ou uma explicação sobre a contextualização das perguntas, como foram criadas, se são dúvidas dos pais, dos especialistas, baseadas em pesquisas, o surgimento delas, em que local ou grupo

circulam-se dúvidas como as que foram respondidas pela revista. Nota-se que as perguntas enfatizam as causas do autismo e dúvidas sobre as características do transtorno.

Das 11 perguntas, nenhuma refere-se à relação das pessoas com autismo nas escolas ou aborda questões de aprendizagem ou ainda envolvimento com situações da vida cotidiana, com lazer. Salientamos que mesmo que se tratem questões sobre pessoas diagnosticadas com autismo, nenhum sujeito autista foi consultado, nem mesmo para responder à pergunta sobre a satisfação em receber carinho. Percebeu-se que os sujeitos com autismo não têm espaço para falarem, nem mesmo quando o assunto lhes diz respeito, o que acaba sendo um prejuízo para quem tem interesse em conhecer e entender melhor o autismo, uma vez que deixam de ouvir sobre o transtorno palavras ditas por quem o tem.

Para ilustrar a reportagem, foi usada a imagem que aparece antes da escrita, retirada do banco Getty Images, de um menino em pé que aparenta ter aproximadamente três ou quatro anos, posicionada no lado esquerdo da primeira página. O menino é branco, tem cabelos ruivos, está olhando para baixo, veste uma camisa social, calça jeans e uma bota. Ele está segurando com a boca uma grande peça de quebra-cabeça azul, a qual tampa o menino da boca até os joelhos. A escolha da peça do quebra-cabeça pode ter sido feita para fazer referência com o símbolo do autismo, que é uma fita colorida com peças de quebra-cabeças, mas essa é apenas uma leitura dentre tantas possíveis de serem realizadas. O modo como leem-se as imagens está relacionado com nossas referências teóricas, culturais e sociais, nossa relação com o mundo. No entanto, muitas imagens podem remeter a um pensamento muito semelhante entre as pessoas considerando que há uma produção social do autismo. Então ao ver a imagem de uma criança que está com olhos e sobrancelhas direcionadas para baixo, feições de seriedade, pode-se entender como uma criança triste, deprimida.

A primeira pergunta questiona se as pessoas com autismo são mais inteligentes e foi respondida por uma psicóloga que considera se tratar de um mito. Ela justifica que há uma variedade de casos, sendo que há pessoas com autismo com inteligência acima ou abaixo da média e casos em que são na média. A psicóloga afirma “existem alguns com altas habilidades, como existem outros com retardo mental”, a partir desta frase fica evidente uma contraposição de comparação entre dois extremos, como se fossem dois opostos. Enfatiza-se a questão de um diagnóstico, não da diversidade de compreensão do autismo por considerar que os sujeitos são múltiplos e em constante transformação. Para finalizar, a especialista defende que “há estudos” que apontam que pessoas com síndrome de Asperger teriam uma inteligência “excepcional”, acima da média, e seriam mais inteligentes que aqueles com diagnóstico de autismo. Em nenhum momento a psicóloga cita o nome de algum estudo

científico/pesquisa ou refere onde estão as fontes de investigação. Passa-se a ideia de credibilidade quando o profissional indica um estudo, mas neste caso ela apenas citou de maneira genérica, sem especificá-lo.

No caso da próxima pergunta, sobre a relação da idade dos pais e os casos de autismo, que foi respondida como depende, a psicóloga diz que há um estudo (sem fazer nenhuma referência sobre ele) que faz essa relação entre a idade dos pais e a incidência do autismo. Adiante, ela cita novamente outros estudos, sem referenciar nenhum, para mostrar que estão sendo pesquisadas outras variantes que podem causar o autismo. Ou seja, nada fica especificado e a pergunta não fica respondida considerando que não há um consenso entre os especialistas na área da saúde sobre as causas do autismo.

O que se percebe é a incidência na citação de que estudos estão sendo desenvolvidos, mas sem referendar nenhum deles. Sobre isso, não se pode afirmar se a própria redação da revista retirou a referência da matéria ou se realmente não foi detalhada, mas o fato é que um leitor com mais interesse não terá acesso e não saberá quais estudos são esses especificamente. É importante destacar que nesse discurso há uma estratégia importante de fortalecer uma ideia, cita-se um estudo para dar credibilidade, status de verdade, mas não se indica ou refere-se a fonte. Conseqüentemente, dificulta-se mais ainda o acesso a novas pesquisas e outras opiniões para além daquelas que estão na revista e assim, o leitor pode se sentir satisfeito apenas com as informações apresentadas nelas.

O questionamento “Deve-se internar o autista em uma instituição especializada?” foi respondido como sendo um mito. Antes da resposta, a pergunta já indica que há essa possibilidade ou que há essa mentalidade de haver necessidade de internação. A justificativa na resposta foi de que é indispensável os cuidados de vários profissionais, mas que o isolamento social e a distância da família que algumas instituições propõem, não são benéficas para os autistas. Prestando atenção à resposta em que é defendida que o tratamento de *algumas* instituições não é benéfico, abre-se a brecha para o leitor interpretar que outras instituições consideradas como aquelas que não incentivam o isolamento nem a distância da família podem ser uma opção possível. Na própria pergunta foi usado o verbo internar, que automaticamente remete à casos ligados à área da saúde, relacionando com o tratamento de doenças e problemas psicológicos. Como já dito anteriormente, é necessário lembrar que autismo não é doença, é um transtorno, portanto não há cura e não deve ser “tratado” como uma enfermidade.

A pergunta que aborda o tema relacionado à irritação foi escrita no seguinte formato: “O autista briga e esperneia por birra?”. Nesta pergunta não há como identificar quem é o

sujeito ao qual a revista se refere, se é uma criança, um jovem, um adulto ou um idoso, pois o enunciado retrata “o autista”, e “o autista” é uma pessoa, logo, pode ser qualquer uma das possibilidades já apresentadas. Seguindo a lógica da revista, que foca a maior parte das matérias em crianças com autismo, foi considerado que a pergunta estava relacionada a uma criança com TEA.

Na fase do desenvolvimento infantil, as crianças entram em contato com novos sentimentos e emoções, assim, faz parte desse processo que algumas crianças tenham dificuldade em lidar com tantas sensações diferentes e possam se expressar através de comportamentos como espernear e gritar. Essa é uma maneira de comunicação, de manifestação muito comum na criança. A revista, ao registrar a resposta, desconsidera esse comportamento como algo comum às crianças, mas que a partir da escrita, torna-se uma conduta generalizada em relação a criança com autismo e além disso, produz uma patologização dos comportamentos humanos³¹. Não é considerado que a criança com autismo seja uma criança e, por isso pode apresentar, também, birra e gritos pelo fato de ainda não saber lidar com novas emoções.

“O autista vive em um mundo à parte?”, respondida como mito, é muito similar à pergunta que aparece em uma das chamadas secundárias, na capa da revista, “Eles vivem em um mundo paralelo?” e que anuncia exatamente a reportagem que está sendo analisada, logo, pode-se inferir que essas duas perguntas, apesar de estarem escritas com palavras diferentes, querem dizer a mesma coisa. A resposta para a pergunta que aparece na matéria é respondida de maneira bastante objetiva: “O universo autista é o mesmo de todas as pessoas”. Posteriormente a justificativa inicia-se com a conjunção adversativa “contudo”, que caracteriza uma contradição de ideia. Oras, é indiscutível que não existe outro mundo para os autistas, porém o uso da conjunção adversativa mostra a resistência em aceitar este fato. Ainda, é necessário considerar que o aparecimento recorrente em diversas capas e matérias desses dois tipos de frase não ocorre sem intenção, pelo contrário, a intencionalidade de cada palavra é pensada para e de acordo com o público que se quer atingir, e a venda do produto e de um tipo de conceito sobre o autismo.

Na sequência, a pergunta “A sociedade está vivendo uma epidemia de autismo?”, apesar de ser respondida como um mito e apresentar uma justificativa de que a evolução na

³¹ Este trabalho não tem como objetivo discutir a questão da patologização dos comportamentos infantis, mas para quem interessar esse debate, pode pesquisar em: CHRISTOFARI (2014), UNTOIGLICH (2014).

ciência permite o diagnóstico precoce³² e que mais pessoas estão tendo acesso ao atendimento, é finalizada com a seguinte frase: “falar em epidemia é um exagero”. Segundo o dicionário Michaelis³³, a palavra epidemia é um substantivo que significa: a) “agravamento do número de casos que apresentam qualquer anormalidade; e na área da medicina”, b) “enfermidade temporária que ataca muitas pessoas ao mesmo tempo em certa localidade”, c) “aparecimento repentino de vários casos de uma doença infecciosa em uma população e/ou região”. Percebe-se que o significado desta palavra está parcialmente ligado à área da medicina e, ainda indica o aumento de casos de anormalidade, o que nos leva a concluir a consistência do enunciado que relaciona autismo com doença. Não há uma problematização sobre o porquê desse aumento, quais critérios de identificação, se atualmente se utilizam os mesmos recursos e critérios que nos anos de 1940, 1950 de identificação e construção do diagnóstico. Sabe-se que é simplificador considerar que os índices que mostram um aumento de caso são construídos com bases em muitas variáveis e que não se referem única e exclusivamente a um aumento de pessoas que têm o autismo.

“Quem tem TEA é psicopata?” é a pergunta que finaliza a matéria sobre as dúvidas a respeito do transtorno, sendo respondida como um mito. A justificativa da psiquiatra é que “apesar de autistas e psicopatas aparentarem antipatia, a psicopatia trata-se de um transtorno de personalidade antissocial” e na sequência ela, continua a explicação sobre o que é a psicopatia, que segue até o final da resposta como se o foco fosse a explicação do transtorno de personalidade antissocial e não o TEA. O leitor que adquire a revista está interessado na temática do autismo, contudo, naquele momento, a discussão do TEA é aparentemente deixada de lado, porque entende-se que há também certa intenção de fazer essa ligação entre autismo e psicopatia, apesar da resposta ser negativa. Mas o que traz de sintoma da psicopatia, muitas vezes a revista reverbera a partir das imagens que mostram crianças isoladas e que podem ser entendidas como antissociais.

A característica desta edição é que todas as matérias são apresentadas como respostas às perguntas anunciadas, entretanto, observa-se uma tênue linha de separação entre as perguntas e o que poderiam ser afirmações, caso fosse excluído o ponto de interrogação no final da frase. Na última parte, se tirássemos o ponto de interrogação, o questionamento se transformaria em um grave enunciado: quem tem TEA é psicopata. Um leitor distraído que

³² Sobre diagnóstico precoce e os riscos desse movimento, ler a tese de Anié Coutinho (2017), Identificação precoce de sinais de risco de autismo: o risco do risco.

³³ EPIDEMIA. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epidemia/>>. Acesso em: 03 out. 2019.

não perceba de imediato que o enunciado se trata de uma pergunta (e não uma afirmação), poderia, facilmente, ser convencido sobre o (equivocado) enunciado lido, pois a resposta apresenta uma longa explicação sobre a psicopatia, o que poderia reforçar a lógica do leitor distraído.

Retomando o início desta análise, não são conhecidas a origem e a escolha dessas questões, entretanto, mesmo não sabendo onde circulam, os meios em que são produzidas essas dúvidas, considera-se que sejam de senso comum. Orlandi (2001) explica que antes mesmo de existirmos, já havia discursos que estavam em processo e, conseqüentemente, quando nascemos, estamos inseridos nesse processo discursivo, ou seja, ele não é originado socialmente. Desta forma, quando observa-se com atenção todas essas perguntas/dúvidas, percebe-se que muitas delas não fazem sentido no ponto de vista científico. Porém, justamente pelo fato de serem dúvidas, mesmo que não saibamos seu público ou local de circulação, são questões que uma vez já foram tidas como verdades e que apenas por serem questionadas entram no campo discursivo, ou seja, produzem subjetividades, produzem aquilo ao qual se referem. Para isso, Orlandi também expõe que:

O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados (ORLANDI, 2001, p.32).

Por isso compreende-se e problematiza-se a importância de romper com discursos hegemônicos que mantêm uma lógica social de exclusão de determinados grupos e, que são baseados no senso comum sem que haja uma reflexão mais aprofundada sobre o modo como são produzidos que. Inclusive, retornando ao pressuposto deste trabalho, no qual defende-se que a mídia promove discursos que produzem verdades, construindo sujeitos tipificados e fortalecendo o senso comum. Ao invés de rompê-los, as empresas responsáveis por veicular informações e entretenimento os fortalecem, pois elas sabem o que o público pensa ou o que quer continuar pensando e que o conteúdo deve ser atrativo incentivando o consumo, logo, vender informações que serão bem aceitas é favorável para essas empresas pensando em sua lucratividade.

4.2.1.3 Alimentação *PODE CAUSAR o autismo?*

A reportagem ocupa as primeiras páginas da revista (6 e 7) com o título “As origens do autismo³⁴” e o seguinte subtítulo: A ciência ainda não identificou as reais causas do transtorno, mas existem diferentes hipóteses sobre fatores ambientais e genéticos. Para auxiliar a escrita da matéria, foram consultados quatro profissionais especializados nas áreas de biologia, neurologia e genética, que aparecem entre as sete perguntas que compõem a reportagem. E a figura que ilustra as duas páginas foi retirada do banco de imagens Shutterstock.

É perceptível que a palavra ‘autismo’ colorida no título está relacionada com a ilustração da reportagem, que é a fita de peças coloridas (azul, amarelo e vermelho) de quebra-cabeça que estão encaixadas. A imagem posicionada no canto superior esquerdo da primeira página apresenta uma legenda que tenta explicar resumidamente o significado, afirmando que o “laço de quebra-cabeça foi eleito como símbolo do mistério e complexidade do transtorno”. A própria legenda da imagem já seria capaz de justificar a palavra “origens” no título, pois é justificada como “mistério” e, de acordo com o dicionário Dicio³⁵, significa: “Tudo cuja causa é oculta, desconhecida, incompreensível, inexplicável; enigma”, ou seja, o leitor poderia inferir que a origem do autismo ainda não foi identificada. É interessante que ao longo dessa pesquisa, considerando as inúmeras leituras e análises, pode-se identificar muitas reportagens que indicam saber qual a causa do autismo, entretanto, nenhuma delas chega a uma conclusão, ou seja, a chamada na capa indica que existe uma causa, porém no interior da revista, é revelado ao leitor que ainda não foi descoberta.

A escrita do título está apresentada de uma forma em que a pessoa que lê pode interpretar, facilmente, que já se conhece a origem do autismo e que será exposta na matéria. Nota-se que somente no subtítulo é explicitado que as causas ainda não foram identificadas mas que se tem várias hipóteses para explicar a origem. A partir de um dos destaques, escrito em vermelho, que se refere à fala de um biólogo molecular, o qual diz que há “centenas de genes implicados no autismo”, mas a ciência só conhece 1% dos aproximados “30 mil genes humanos”, o leitor pode confirmar que existem hipóteses, mas não há certezas acerca da origem e das causas do autismo. Assim como nas outras partes da reportagem, em que são citadas várias especulações que não passam de hipóteses.

³⁴ As letras da palavra autismo estão escritas com a fonte colorida.

³⁵ MISTERIO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/misterio/>>. Acesso em: 12 out. 2019.

Algumas partes da matéria são tão genéricas, que poderiam rapidamente atender a qualquer outro diagnóstico de transtornos, de doenças ou síndromes. Como foi o caso do questionamento “remédios ingeridos pela gestante, antes do nascimento e na fase de amamentação, causam o autismo?”. Essa frase foi respondida pelo biólogo: “existem diversas substâncias que, quando consumidas durante a gestação, podem colaborar para o surgimento do autismo”. Ele ainda cita que pode ser o consumo de álcool, infecções por vírus e bactérias, remédios e antibióticos consumidos de forma errada. Oras, já é sabido que qualquer uma dessas situações citadas anteriormente, na gestação, pode interferir diretamente na saúde do bebê, sendo o diagnóstico de TEA ou não.

Outro ponto que deve ser pensado, ainda sobre a ênfase nas questões biológicas, é que ele afirma que “existem diversas substâncias que, quando consumidas durante a gestação, *podem colaborar para o surgimento do autismo*”. Oras, a matéria inteira apresenta hipóteses, ideias que nunca foram comprovadas, porém a forma como sua está escrita, é perceptível que há uma (falsa) comprovação na afirmação, que leva o leitor a acreditar que realmente alguma daquelas substâncias vão causar o autismo, mas nada, até o dia da escrita deste trabalho, foi comprovado. Fazendo uma analogia, se é real a afirmação do biólogo, então poderia ser afirmado, também, que o tipo de oxigênio respirado ou o chocolate comido também “*podem causar*” o autismo. Como não há comprovação e evidências até o momento, por isso muitos fatores caberiam nesta afirmação, uns com maior chance e outros com menor.

Somente a penúltima pergunta da reportagem se encarrega de abordar a indagação apresentada na capa “*Alimentação PODE CAUSAR o autismo?*”, entretanto a reportagem não discorre sobre qualquer alimentação (como escrito na capa), mas enfatiza a ‘alimentação nada saudável’ (“E a alimentação nada saudável pode interferir?”). Na resposta, o leitor pode se surpreender ao não encontrar elementos condizentes com a pergunta sobre alimentação não saudável, pois a única referência feita ao alimento encontra-se na seguinte frase: “alguns pesquisadores acreditam que certos alimentos, por exemplo, glúten, podem causar algum tipo de inflamação no intestino”, mas isso não significa que a presença de glúten nas refeições seja sinônimo de alimentação não saudável, como apresentado no enunciado.

A parte final da revista apresenta, para cada diferente enunciado (em forma de pergunta), desfechos similares que não são conclusivos: “No entanto, não se sabe exatamente como a desregulação dos níveis de bactérias pode influenciar nas atitudes desses indivíduos.”, “Contudo, nada é comprovado, e o importante é continuar a investigação das diferentes hipóteses até encontrar as causas exatas.”, “[...] o estudo não sugere que esta seja uma causa

do autismo. No entanto, os resultados devem ser levados em consideração na busca pela origem”.

Fica a reflexão então, se realmente é relevante apresentar informações, além de serem bastante genéricas, que não apresentam conclusões expressivas e que deixam vagas uma série de questões que são importantes nessa discussão sobre como estamos considerando e classificando o autismo. Reforçamos a importância da divulgação científica e dos estudos que tangem a investigação do autismo, porém, a forma na qual as informações foram veiculadas nesta edição, pode incitar o leitor a tomar decisões baseadas em estudos inconclusivos e sem especificação de como foram produzidos.

Como já discutido, especificamente nesta edição, em que a revista inteira foi escrita por meio de pergunta e resposta, se o ponto de interrogação for retirado, as perguntas se transformam em afirmações, o que resultariam em afirmações bastante equivocadas. Por exemplo, a pergunta “As vacinas podem gerar autismo?” sem o ponto de interrogação se transformaria na afirmação: as vacinas podem gerar autismo. Sabe-se que há bastante polêmica em relação a esse tema. Uma leitura desatenta do leitor poderia promover um discurso justamente oposto ao que a revista responde.

4.2.2 Revista 2

A revista *Ler & Saber Autismo* da editora Astral, ano 2, nº 3 de 2016 contém 18 páginas e está ilustrada com a imagem de um menino branco sozinho sentado de costas para a câmera e ao lado de um avião de madeira de brinquedo.

4.2.2.1 É autismo? Os comportamentos típicos que ajudam a identificar o TEA

A matéria se encontra na categoria Sinais, nas páginas 14 e 15, com o título: Comportamento excêntrico³⁶ e subtítulo: As características que ajudam a identificar os casos de autismo. A escrita foi baseada na consultoria com dois profissionais, um neurologista e uma profissional da área da saúde, que é fonoaudióloga e psicopedagoga, e está estruturada em três partes intituladas: conexão própria; sensibilidade alterada; e a síndrome de Asperger. A ilustração do texto trata-se de uma fotografia retirada do banco de imagens Shutterstock, que ocupa praticamente a página 15 inteira.

³⁶ A palavra excêntrico está escrita em destaque, com letras maiúsculas: EXCÊNTRICO.

A ilustração é a imagem de um menino branco, loiro e com olhos claros que está sozinho, olhando algo através de uma janela, com a cabeça encostada no vidro. Na imagem, a expressão no rosto do menino aparenta estar triste e preocupada, além disso as configurações da imagem estão ajustadas em tons frios (cores azuladas) e com pouca saturação, o que transmite a sensação de uma cena fúnebre e depressiva. Os dois elementos que mais chamam a atenção nas páginas são o título e a imagem, levando o leitor a assimilar o comportamento excêntrico (título) com a representação da imagem.

Buscando o significado da palavra excêntrico em dois dicionários diferentes, temos dois resultados parecidos: a)³⁷ De atitudes e pensamentos fora dos padrões comuns; extravagante; b)³⁸ Que age de modo estranho ou incomum; que não se enquadra em padrões considerados normais; que pensa de modo extravagante. Em ambos resultados obtivemos o mesmo significado relacionado à comportamentos fora do padrão. Quando o leitor assimila o significado do título com a imagem do garoto sozinho, uma das possíveis conclusões é que a conduta do menino está fora do padrão, logo, é um comportamento excêntrico, anormal e então o menino tem autismo. A partir disso, o leitor pode construir a imagem (estereotipada) de um sujeito com autismo antes mesmo de iniciar a leitura da matéria. Além disso, é necessário lembrar que a construção da figura estereotipada de uma pessoa com TEA não resulta apenas da ação do garoto, mas também das características físicas do indivíduo na fotografia (uma criança, um menino branco de olhos e cabelos claros).

Na primeira frase, após a introdução, foi dito o seguinte: “é importante saber que o termo ‘mundo autista’ é um equívoco, pois o autista não vive em outro mundo, como se fosse um ‘extraterrestre’”. Esta frase, inclusive, contradiz uma das proposições do sumário desta mesma revista: “Saiba mais – Obras para se aprofundar no *universo do autismo* (grifo nosso)”. A partir desta observação, fica reflexão em relação a como os enunciados carregam potencialidades consigo, pois mesmo que tenha sido escrito com todas as letras que o termo “mundo autista”, é errado. A própria revista escreve e veicula este termo (usou-se uma palavra sinônima de mundo, que é universo).

Seguindo ainda na mesma seção intitulada como ‘conexão própria’, a matéria explica que os enunciados sobre a falta de empatia e o mito da possível falta de afeto, na verdade, é a dificuldade de demonstrar esses sentimentos (empatia e afeto). A matéria é finalizada

³⁷ EXCENTRICO. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/excentrico/>>. Acesso em: 04 out. 2019.

³⁸ EXCENTRICO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/excentrico/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

justificando esse acontecimento devido à dificuldade que eles têm em se relacionarem, que é uma característica do TEA. Conectando o título e a imagem a esse excerto, percebe-se que esses elementos se reafirmam ao descreverem a característica da dificuldade de se relacionar e, ainda, expor a imagem de uma criança que está sozinha, observando alguma coisa de longe. Não é objetivo deste trabalho concordar ou discordar da revista, porém, aproveita-se esse espaço para incluir a reflexão sobre a forma na qual essa característica é abordada, principalmente tendo como base as revistas analisadas. Nesse trabalho discute-se o que as revistas estão produzindo.

Considerando que ocupamos papéis sociais, somos ensinados a nos enquadrar aos comportamentos já estabelecidos nela, assim como os discursos explicados por Orlandi (2001), que já existem antes mesmo de nascermos. Quando o sujeito apresenta comportamentos diferenciados dos já definidos como padrão em dada sociedade e tempo, é classificado como uma pessoa excêntrica. Em relação aos sujeitos diagnosticados com autismo, constata-se a mesma lógica, de que comportamentos diferenciados dos padrões, são excêntricos.

O questionamento que é feito é se a dificuldade de se relacionar é realmente dos sujeitos diagnosticados com autismo ou se é uma dificuldade social em aceitar formas comportamentais diferentes das consideradas normais e saber lidar com elas, como por exemplo, comunicarmos por outros meios que não sejam apenas a fala. O que se apresenta é o discurso de que “é preciso que as pessoas que convivem ao seu redor tenham em mente a necessidade de compreender suas limitações. Ainda, na medida do possível, trabalhar para que ele desenvolva as habilidades comuns aos outros indivíduos” (citação retirada do final desta seção – conexão própria), ou seja, são sempre os indivíduos com autismo que precisam se adequar aos padrões e não rever os padrões sócias e debate-los sobre como e por quais razões são construídos.

Continuando com a matéria, a seção que apresenta a síndrome de Asperger, inicia informando o leitor de que o transtorno se estende aos diversos níveis, então é citada, como um dos níveis do autismo, a síndrome de Asperger. “Uma forma classificada pela literatura médica como leve, pois *conseguem*³⁹, na maior parte das atividades, *conviver bem socialmente*⁴⁰ – diferentemente dos casos graves de autismo”, “a comunicação e a memória *são muito boas*⁴¹ [...]. *São capazes*⁴² de assistir a um filme e verbalizar por várias vezes frases

³⁹ Grifo nosso.

⁴⁰ Grifo nosso.

⁴¹ Grifo nosso.

dele”, “*conseguem*⁴³ ler um livro e contar o que há em determinada página”, “têm um funcionamento cerebral *extremamente importante*⁴⁴”. A argumentação continua, porém, agora apresentando uma ressalva, de que por mais que eles tenham “algumas facilidades de convivência, o autista Asperger também possui sinais marcantes [...]” e que isso pode torná-los “em vítimas de bullying”.

No parágrafo anterior foram destacadas algumas palavras para facilitar a explicação, pois nota-se que a maneira de apresentar o sujeito que tem a síndrome de Asperger e falar sobre ele, salientando que a síndrome está contida dentro do TEA, é diferenciada se comparada à forma de quando se fala sobre um sujeito diagnosticado com autismo. Em relação à síndrome de Asperger, foram usadas palavras que reforçam e expressam a potencialidade do sujeito, assim como a importância social de suas características. Em contrapartida, quando o texto aborda o assunto relacionado ao autismo, os enunciados focam em suas limitações, como por exemplo, em alguns termos retirados da seção anterior, conexão própria: “falta de habilidade”, “falta de contato visual” e “compreender suas limitações”. Por fim, sinaliza-se que, por mais que as duas seções apresentem o mesmo transtorno do espectro autista, as maneiras de enunciarem são distintas e opostas.

4.2.2.2 INCLUSÃO *Como tornar a socialização mais fácil*

A chamada acima corresponde à matéria escrita na categoria Inclusão, nas páginas 11, 12 e 13, cujo título é “Meu filho é AUTISTA. E agora?” e subtítulo “Com a descoberta do transtorno, especialistas apontam a importância de reunir informações e buscar escolas para favorecer a inclusão da criança”. Na página 11, a ilustração ocupa metade da página e nas páginas 12 e 13 também. Elas foram retiradas do banco de imagens Getty Images. A matéria foi estruturada em três eixos a partir da consultoria com dois profissionais, uma pedagoga que é especializada em educação especial e um psicopedagogo.

A ilustração da primeira página é uma grande peça azul de quebra-cabeça, segurada com as duas mãos de uma pessoa branca (só aparece as mãos). Nas duas páginas seguintes, a ilustração é o desenho de quatro peças de quebra-cabeça nas cores azul, amarela, verde e vermelha, todas elas seguradas pelas mãos de pessoas brancas. O símbolo do autismo é a junção de peças de quebra-cabeça, significando a complexidade e os diferentes graus que se

⁴² Grifo nosso.

⁴³ Grifo nosso.

⁴⁴ Grifo nosso.

encaixam formando o espectro. A ilustração pode fazer referência ao título, em que apresenta uma pergunta sobre o autismo e uma peça de quebra-cabeça, e nas duas páginas seguintes, em que ocorre a escrita da maior parte da matéria (e a possível resposta para a pergunta no título), usou-se quatro peças, podendo representar as respostas. Em todas as páginas, as peças estão sendo seguradas pela mão de uma pessoa. Esse fato pode representar a possível assistência de outra pessoa ou amparo.

O título da matéria não faz relação com a chamada apresentada na capa da revista, pois na capa, refere-se ao processo de inclusão e na reportagem é apresentado com o questionamento do que é feito depois que os pais sabem que o filho é autista. A sentença “Meu filho é autista. E agora?” expressa desespero e aparenta estar sendo anunciado uma tragédia, ao invés do autismo. O questionamento “e agora?” possibilita uma infinidade de respostas e só no subtítulo o leitor consegue ter uma ideia do que se trata e que a inclusão referida na capa é relacionada à escola, pois na capa está escrito apenas inclusão e esse processo poderia ser em uma empresa, em um clube, em uma viagem ou qualquer outro espaço.. Ainda, no subtítulo, o leitor é aconselhado a buscar informações e procurar escolas “para favorecer a inclusão da criança”. Segundo o subtítulo da matéria, o objetivo da instituição escolar é a inclusão e não as potencialidades proporcionadas pela aprendizagem do indivíduo e desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais, culturais e históricos.

A primeira parte da matéria expõe que, após a descoberta do diagnóstico, a família precisa procurar o tratamento e que, conforme a pedagoga consultada, para que o tratamento seja mais eficiente, é necessário contar com o auxílio de “psicólogos, fonoaudiólogos, psicomotricista, terapeuta ocupacional e mediadora escolar”. Nota-se que esta indicação engloba diversos profissionais, porém o professor, que também é essencial no processo de ensino e aprendizagem da criança, não pertence ao grupo especificado por ela. Além disso, considerando que a criança permaneça em uma escola regular por aproximadamente 25 horas semanais, o professor/pedagogo não é considerado no grupo de profissionais “que melhoram a eficiência do tratamento”, mesmo quando o assunto tange a educação escolar. O psicopedagogo consultado defende que a “pouca informação provoca o desconhecimento, que traz a discriminação e o preconceito”.

Nos últimos anos, o acesso à informação ficou mais fácil e rápido, permitindo que mais pessoas possam se manter informadas. Inclusive, atualmente chegamos a um ponto em que sofremos com o excesso de informação, pois as pessoas sabem muitas informações, mas não têm conhecimento daquilo que está sendo apresentado. Quando o autor afirma que a discriminação e o preconceito (em relação ao autismo) são causados pela “pouca

informação”, acrescenta-se uma reflexão em relação ao que nos dizem essas poucas informações. Considerando a lógica do psicopedagogo, a solução para sanar o preconceito seria encher as pessoas de informações, e sabe-se que o quadro não se resolve desta forma. Pelo contrário, dependendo dos enunciados e discursos veiculados nas (muitas) informações, pode acarretar o reforço e o agravamento do preconceito, ocasionando a discriminação.

Na sequência, o mesmo profissional afirma que para a inclusão se efetivar de acordo com as legislações, é necessário que as políticas públicas saiam do papel e “se interiorize no coração das pessoas”. Seguindo a mesma lógica, a pedagoga sugere que o transtorno seja encarado de forma positiva, pois os avanços alcançados por essas crianças são de uma grandiosidade “que nos trazem, cada vez mais, o sentido de fazer o bem, o sentimento de ser útil a alguém e uma troca de carinho que não temos com outras crianças”. Neste último trecho, em que a pedagoga cita que os avanços no trabalho com crianças com autismo resultam em trocas de carinho singulares, ocorre automaticamente a comparação de carinho entre crianças com e sem autismo. Isso pode levar o leitor a pensar que essa generalização é válida para todas as crianças com autismo, o que não é verdadeiro, porque antes do sujeito ser autista, ele é uma criança (ou adulto) com suas particularidades, podendo retribuir o carinho ou não, ou seja, não é o fato de ele ser diagnosticado com autismo que resultará na afirmação da pedagoga.

É evidente que os enunciados anteriores, de ambos os profissionais, carregam discursos explícitos de benevolência e caridade, como se esses sujeitos não tivessem direito ao exercício de sua cidadania, como se tivessem direito a serem “tutelados”, “tratados”, “curados”. Uma ideia que remete ao olhar de coitadismo relacionado a determinados grupos, como se não tivessem condições de se desenvolver, de serem desafiados, de serem potencializados em suas condições.

Ao tomar como exemplo o caso de uma empresa, na maioria das vezes, a contratação de pessoas com deficiências é realizada apenas para cumprir o número mínimo da reserva estabelecida através da lei para que ela possa funcionar, e não porque o responsável pela contratação internalizou a política pública em “seu coração”. Ou exemplificando os atendimentos preferenciais, que não são atos de boas ações, mas procedentes, sim, dos direitos das pessoas com deficiência, assim como para idosos e gestantes. Discursos como esses devem ser examinados cuidadosamente pelos leitores, pois a leitura pode conduzi-los a pensar que os direitos das pessoas com autismo não vieram de boas ações e/ou caridade, mas sim, através de enfrentamentos vividos ao longo da história.

No eixo intitulado como ‘educação adequada’ é mencionado que é difícil encontrar escolas capazes de atender todas as necessidades, porque muitas delas têm “projetos de inclusão apenas no papel”. Em nenhum momento se aprofunda o porquê das escolas não estarem tendo êxito nos processos de escolarização e não apenas de sujeitos com autismo, mas da maioria dos estudantes. Em seguida, é mencionado que, para o psicopedagogo, é necessário verificar alguns aspectos, “além de investigar sobre a *integração* (grifo nosso)”. Na matéria, esse trecho não aparece com aspas, o que significa que o termo destacado, *integração*, possa ter sido usado como sinônimo de inserção pelo responsável por escrever a matéria, porém, é necessário salientar que esse termo é um amplo conceito dentro da educação especial e que o uso dele neste contexto tem um significado⁴⁵ para além da inserção.

O conselho dado pelo psicopedagogo é que os pais procurem pelas escolas que tenham “algum projeto para autistas e se há profissionais formados”. Uma ideia que também pode remeter a procura de espaços segregados, específicos para sujeitos com autismo. O enunciado deixa o leitor sem a explicação sobre qual é o tipo de formação que o psicopedagogo se refere, pois já se é esperado que a escola disponha de um corpo docente que tenha formação apropriada para atuar com os estudantes.

Inclusive, em cursos de graduação em pedagogia qualificados, espera-se que o profissional formado saiba lidar com as questões de desenvolvimento infantil e aprendizagem de crianças e adultos, logo, se o sujeito com autismo é uma criança, deveria, sobretudo, estar contemplado neste grupo. Isso não significa que não seja benéfico que o profissional tenha mais conhecimento especializado na temática do autismo, mas não deve ser um fator exclusivo na contratação dos serviços escolares pelo motivo citado anteriormente.

A matéria é finalizada com os dizeres de que é essencial acompanhar o desenvolvimento das crianças de perto e uma forma de fazer isso é participando de todas as reuniões pedagógicas. Ainda, a psicopedagoga aconselha os pais a pedirem às instituições, os relatórios do comportamento da criança nos aspectos sociais e pedagógicos. Este enunciado, por estar dentro de uma revista que aborda a temática do autismo, é relacionado às crianças diagnosticadas com TEA, entretanto, não é dito ao leitor que essa indicação é válida para todos os pais que tenham filhos que frequentam instituições escolares. A participação da família nos processos educacionais é essencial, sendo a criança diagnosticada autismo ou não e para além de questões comportamentais, mas sim de aprendizagem e desenvolvimento.

⁴⁵ Integração foi o movimento, anterior à Declaração de Salamanca (1994), da inserção das pessoas com deficiência desde que houvesse a adaptação dessas pessoas às instituições e não o oposto, como é esperado na nova perspectiva da inclusão escolar, em que espera-se que tanto o sujeito quanto a instituição encontrem uma forma de associação para que trabalho possa acontecer.

Perceptivelmente, a revista é escrita para atingir o público de pais, familiares e professores que tenham alguma relação com crianças diagnosticadas com autismo. Porém, não há como deixar de discutir que a ausência de texto que aborde a educação de adultos com autismo é, também, um exemplo de discurso.

Orlandi (2001) explica que as palavras não-ditas são subsidiárias às palavras ditas, “sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam (p.82)”. Por isso, por meio desta análise, é importante expor que mesmo que haja políticas públicas que garantam o acesso de pessoas com autismo à educação e ao ensino profissionalizante, elas não são, ao menos, lembradas e comentadas pelos profissionais que foram consultados (que são especializados em educação). Ao mencionaras inúmeras possibilidades de um sujeito com autismo se constituir, se manifestar e estar no mundo, abre-se possibilidade da ênfase em modos únicos de ser, totalizantes, simplificadores. Eles direcionaram a fala apenas às crianças, mas fica aqui o lembrete de que as crianças crescem e tornam-se adultas.

É necessário refletir o motivo pelo qual os adultos encontram-se distantes das matérias apresentadas, uma vez que a capa desta revista apresenta o seguinte aviso ao leitor: “Tudo o que você precisa saber sobre o transtorno”. Então significa pensar que os adultos com autismo, que não são apresentados na revista, não fazem parte do que é necessário o leitor saber? E os idosos com autismo? A revista traz como se apenas houvesse crianças com autismo.

4.2.2.3 Como estimular o AUTISTA? Cuidados e terapias que fazem toda a diferença no desenvolvimento da criança

A última matéria analisada desta revista é a chamada principal na capa, entretanto, não aparece destacada das outras reportagens no interior da revista. É uma matéria curta, que ocupa as páginas 16 e 17, com duas ilustrações diferentes (cada uma situada em uma página), retiradas do banco de imagens Shutterstock. O título da matéria é o mesmo que aparece na capa da revista e o subtítulo é um pouco diferenciado: “As terapias e os cuidados essenciais no desenvolvimento comportamental e comunicativo da criança com TEA”. A escrita foi estruturada em três eixos: o papel da fonoaudióloga; a galope; em casa; e para o desenvolvimento da escrita foram consultadas duas profissionais, uma fonoaudióloga e uma terapeuta do Instituto Horsoul (terapias com cavalos).

As duas imagens que ilustram a reportagem apresentam similaridade, pois as duas crianças estão executando uma atividade, diferente da maioria das outras ilustrações presentes na revista, em que as crianças aparecem com o olhar desviado da local onde está. A primeira imagem mostra uma criança branca, um menino de aproximadamente seis anos de idade, sorrindo, com cabelos castanhos, de frente para a câmera. Na frente do menino, que está com os cotovelos apoiados em uma mesa, aparecem os braços de um adulto, supostamente um terapeuta, que faz um gesto com as mãos e a criança imita. Pela imagem, não é possível compreender qual é o tipo de terapia que está acontecendo, porém, pela expressão da criança percebe-se que ela está se divertindo. Esta fotografia pode ter sido usada para fazer relação com título que apresenta uma pergunta de como estimular a pessoa com autismo e logo abaixo o leitor pode identificar uma forma de estimulação.

A segunda imagem que compõe a ilustração da reportagem é a de um menino branco e loiro, que aparenta ter aproximadamente quatro anos de idade. Ele está sozinho no chão, sentado na frente de cubos coloridos de brinquedo, segurando um cubo na mão. O menino está sorrindo e pela sua expressão, pode-se entender que ele está gostando da brincadeira. Esta imagem pode fazer relação com um trecho da terceira parte da matéria em que a fonoaudióloga defende que a realização de tratamentos adequados auxilia na autonomia da criança e, logo abaixo o leitor se depara com a criança brincando sozinha. Outra possível leitura das imagens é que primeiro, o leitor observa a imagem da criança passando por uma terapia/estimulação e depois, na imagem ao lado, a criança é vista brincando sozinha. Ou seja, a partir disso, o leitor pode deduzir que a terapia mostra bons resultados.

A primeira parte da matéria apresenta o papel da fonoaudiologia e é nesse momento em que a profissional responsável por essa área defende que seu papel é promover habilidades comunicativas e diferentes formas de expressão. Não há dúvidas sobre a importância das diferentes metodologias usadas nos encontros com os profissionais especificados, porém é necessário lembrar, e talvez isso não seja entendido pelo leitor, que há outros espaços que também favorecem as habilidades comunicacionais. Exemplo disso é a escola, que é amparada nas mediações adequadas para o sujeito, pois é um espaço cheio de possibilidades para a criança com autismo ao lidar com pessoas e situações diferentes, e também, para as pessoas que têm possibilidade de entrar em contato com a criança, ao aprender novas formas de comunicação e expressão.

Seguindo a matéria da parte intitulada “a galope”, o leitor pode esperar que a leitura tenha relação com cavalos. A ideia pode ser comprovada com a primeira explicação da técnica de equoterapia (terapia utilizando cavalos). É citado um estudo que ocorreu no Reino

Unido sobre os benefícios desse tipo de terapia, porém não são informadas as fontes e nome do estudo. A terapeuta consultada segue dizendo que a “percepção do outro é uma das coisas que mais tem ganho. Assim o paciente se sente como ‘não-sozinho’ no mundo, que é uma das grandes dificuldades dos autistas”. Se este enunciado for observado com atenção, percebe-se que a terapeuta induz e afirma que as pessoas com autismo se sentem sozinhas e que isso é uma dificuldade. O leitor pode concluir que esse sentimento é normal e continuar reforçando que as pessoas com autismo são sozinhas e não há nada para modificar. Outro ponto deste enunciado é que ele foi feito pela terapeuta e não por um sujeito diagnosticado com autismo. Por que os sujeitos com autismo não são entrevistados para saber o que eles mesmos pensam? O que sentem e como se sentem nas diferentes relações que estabelecem? Nenhum profissional saberia mais do que o próprio sujeito que fala com todas as propriedades sobre ele mesmo.

Na sequência, a terapeuta finaliza a consultoria informando o leitor de que a “equoterapia pode ser praticada por crianças e adultos autistas de diferentes graus de comprometimento”. Apesar de no subtítulo estar escrito que as estimulações das terapias apresentadas são direcionadas para a “criança com TEA”, a terapeuta incluiu o público adulto em sua entrevista, ou seja, a partir desta fala, o leitor pode inferir que as pessoas adultas com TEA também podem fazer a terapia para ajudar em seu bem-estar. De certa forma, essa informação, apesar de não contradizer diretamente o subtítulo, apresenta ao leitor, uma nova possibilidade de grupo que pode ser beneficiado com as terapias, os adultos, que não foram mencionados em nenhuma das matérias desta revista anteriormente analisadas.

4.2.3 Revista 3

A revista *Ler & Saber Deficiência Intelectual* da editora Astral, ano 1, nº 1 de 2017 possui 34 páginas, apesar do tema principal ser deficiência intelectual o que mais se destaca é o termo autismo. A ilustração da capa é a imagem de uma menina branca, loira, sentada no chão de costas para a câmera e abraçada com seu urso de pelúcia.

4.2.3.1 QUALIDADE DE VIDA Atividades que estimulam o aprendizado e garantem o bem-estar da criança

A reportagem, identificada na capa com a mensagem acima, está localizada na categoria chamada educação. Tem o título: “Estimulando o aprendizado” e subtítulo: “Mesmo

se tratando de uma condição incurável, existem diversas ações práticas a serem adotadas no ambiente familiar ou escolar para o bem-estar dos portadores⁴⁶ de deficiências intelectuais”. Ela ocupa as páginas 8 e 9 com um fundo verde, lembrando a cor de uma lousa escolar. Em torno do título há um balão de pensamento desenhado com giz pertencente a uma menina, que está pensativa. Esta menina é branca, loira, usa um vestido florido e uma tiara na cabeça. A imagem, como tantas outras, foi retirada do banco Shutterstock Images.

O fundo da reportagem está exposto como se fosse uma lousa e a escrita da reportagem dá a entender que é o conteúdo escrito nesse objeto. A menina que está posicionada no centro da reportagem, ocupando parte das duas páginas, pode estar representando uma estudante que está pensativa. Sua vestimenta é casual, não aparentando ser um uniforme escolar, porém, há um balão de pensamento desenhado com o traçado de giz, que faz o leitor relacionar a figura da menina com a de uma estudante em uma sala de aula.

Embora esta parte da revista aborde um assunto relacionado à escola e à educação, que é um ambiente vivo e cheio de pessoas e crianças, a imagem apresenta apenas uma menina sozinha, sem outras pessoas por perto, nem ao menos a figura de um professor. Este fato pode induzir o leitor a associar a solidão com a deficiência intelectual, que é o tema discutido, pois não há outras pessoas para compor a cena e a menina não está em interação. Além disso, também é perceptível que não há objetos que remetem a uma sala de aula, com exceção da cor verde ao fundo.

Uma das possibilidades desta ilustração é fazer relação com uma parte da reportagem, que diz o seguinte: “O foco da escola, assim como dos pais, deve ser os avanços nos conceitos gerais, nas habilidades de convivência e autocuidado ao invés dos assuntos relacionados às matérias regulares”. Tal excerto é preocupante, pois está em consonância com a ideia de que para as pessoas com deficiência não se precisa pautar em conteúdos históricos e científicos produzidos pela humanidade. Entende-se que para elas é possível pautar em um currículo de cuidados para a vida.

A citação anterior é tema de diversos debates relacionados às políticas de inclusão escolar. A própria legislação apresenta textos que se contradizem ou não são precisos o suficiente, possibilitando mais de uma interpretação. A orientação da psicóloga consultada é contraditória ao primeiro artigo da sessão do direito à educação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), que dita o seguinte:

⁴⁶ Esse termo está em desuso, mas a revista utiliza-se dele repetidamente.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, Art. 27).

No momento em que a psicóloga afirma que o foco da escola para a criança com deficiência intelectual deve ser conceitos gerais e não as matérias regulares, ela está incentivando a negligência do acesso ao desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais, prescritas no Art. 27 da Lei 13.146/2015. Afirma, nesse sentido que a criança com deficiência não precisa ter acesso aos conhecimentos científicos produzidos ao longo da história da humanidade. Escola como depósito, a criança está lá para socializar. Não que isso seja um problema, mas não pode ser o fundamental.

Afinal, qual o papel da escola? Se o leitor desta revista for a família de uma criança com deficiência intelectual pode ser que, ao realizar a leitura, aceite que a escola faça somente atividades de conceitos gerais, convivência e autocuidado. Ou ainda, caso o leitor seja um professor, pode ser que a leitura influencie nas suas práticas pedagógicas, limitando-se ao que foi dito pela profissional consultada.

Outra questão que aparece na reportagem é a responsabilização do professor diante da criança com deficiência, pois no enunciado “além de contar com o acompanhamento de profissionais como psicólogos e fonoaudiólogos, *os professores devem se valer de muita dedicação e sensibilidade* para conhecerem a criança e adquirirem a percepção de ritmo, limites, necessidades e estratégias que funcionem ou não” (grifo nosso). Percebe-se que os professores precisam fazer além do seu trabalho, precisam se dedicar muito e ter sensibilidade extra.

A formação docente prepara o profissional para lidar com as questões de aprendizagem de indivíduos, e não um manual de instruções para cada caso, assim, está intrínseco no trabalho docente a necessidade de conhecerem os sujeitos com os quais trabalham para proporem estratégias que sejam significativas para eles e que estejam em consonância com as singularidades e diversidade que se encontra em uma sala de aula. Sensibilidade e dedicação podem ser entendidas como dom, e no campo da educação, trata-se de uma área que se dedica a construir conhecimento sobre os processos de ensino e aprendizagem, o que exige muito estudo, não sensibilidade extra. Quanto à dedicação cabe a pergunta: o que se entende por um professor dedicado?

A dedicação extra e a sensibilidade adicional para trabalhar com o sujeito com deficiência, proposta pela psicóloga, também remete à discussão sobre em que momento esse

profissional buscará tempo e condições de se dedicar para além do que já faz parte do seu ofício. A realidade é que, infelizmente, as condições de trabalho e remuneração para um professor são tão precarizadas, que, por mais que o professor queira realizar um trabalho diferenciado com a criança, as condições físicas, de recursos humanos, de barreiras atitudinais, muitas vezes podem não permitir que isso se efetive na prática. Por isso, a indicação da psicóloga passa para um viés romantizado da profissão docente do que uma sugestão viável de trabalho.

Apesar de apresentar a temática relacionada à aprendizagem e estar categorizada na sessão de educação, a matéria foi escrita a partir da consultoria exclusiva com uma psicóloga, ou seja, uma profissional que não é especialista em educação foi consultada para falar sobre um assunto que poderia ser discutido por uma professora, por exemplo. A intenção não é desmerecer ou desqualificar a psicologia, até porque não podemos deixar de mencionar sua importância nas condutas escolares. Porém, enfatiza-se que o profissional que mais tem propriedade para falar sobre educação é aquele quem estudou integralmente a educação e não psicologia. Além de que, o psicólogo deveria desenvolver um trabalho considerando o que os professores têm a dizer. Oras, quando uma revista apresenta uma matéria sobre saúde ou doenças, parece ser um processo adequado procurar profissionais que lidam com o assunto diretamente, como médicos, pois seria estranho um advogado ser consultado neste caso.

Esta não foi a primeira reportagem em que este fato ocorreu, casos similares analisados anteriormente confirmam a situação de que pedagogos e professores foram pouco consultados, mesmo que os assuntos estivessem relacionados à educação. Esses episódios mostrados nas revistas confirmam a escassez da voz e falta de autoridade de professores/pedagogos frente aos profissionais da área da saúde, que tem se construído como área com pensamento hegemônico sobre os sujeitos e seus processos. Pode-se afirmar que essa situação também acontece cotidianamente na vida de professores. Em uma saída de estudos⁴⁷, certo dia presenciei a fala de uma pedagoga: “O menino chegou aqui com diagnóstico de autismo dado pelo médico, mas ao longo dos encontros percebi que o menino tinha problemas de audição, e não autismo. Mas quem sou para discordar de um médico?”. É evidenciado que:

[...] os saberes médicos passam a permear todas as esferas sociais e constituem-se como relações de poder. Estas práticas conduzem, movimentam, se espalham, funcionam como uma maquinaria social que não está situada em um lugar e se dissemina por toda a estrutura social. Os saberes médicos foram historicamente

⁴⁷ Saída de campo realizada na Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), na disciplina de Políticas e Práticas Pedagógicas Relacionadas a Educação Especial, no dia 10 de outubro de 2018.

produzindo discursos, resistências, formas de saber e de poder (CHRISTOFARI; FREITAS; BAPTISTA, 2015, p. 1085).

A fala dessa professora, bem como a ausência de um profissional da educação para discutir a matéria, comunicam a soberania e a autoridade do discurso médico (e das áreas da saúde) diante do discurso pedagógico. No cotidiano, os professores, principalmente os profissionais da educação especial, têm muitas experiências escolares para compartilhar, mas nenhum deles foi consultado nessa matéria.

Percebe-se, ao longo da escrita, que as indicações e orientações dadas pela psicóloga para discutir questões escolares são superficiais: “as atividades pré-escolares e lúdicas auxiliam muito no desenvolvimento, pois estimulam criatividade, funcionamento executivo, psicomotricidade, habilidade motora fina, memória, percepção, dentre outras”. Ou seja, tudo o que foi descrito anteriormente, narra os objetivos da educação infantil (e outros que não foram citados) para todas as crianças, mas que, na reportagem, foi referido apenas aos alunos/crianças com deficiência intelectual (e que na reportagem, em diferentes momentos, parece como sendo sinônimo de autismo).

Ao longo da análise, verificou-se o status de verdade que ganha o discurso de um profissional da saúde em relação ao profissional da educação, que esteve alheio à discussão, mesmo de tratando de questões escolares. Atrelado a isso, percebeu-se que as indicações feitas pela psicóloga contradizem questões que aparecem na legislação, como é o caso do Art. 27 da Lei 13.146/2015. Essa lei tratado acesso à educação, além de algumas serem complexas e dependerem de fatores que vão para além do trabalho docente.

Finaliza-se esta parte da análise questionando o fato pelo qual o peso da dedicação, frequentemente, é maior para um professor do que para um médico, psicólogo ou fonoaudiólogo. Como a própria indicação profissional consultada diz: “além de contar com o acompanhamento de profissionais como psicólogos e fonoaudiólogos, os professores devem se valer de muita dedicação e sensibilidade [...], ou seja, psicólogos e fonoaudiólogos precisam fazer o trabalho deles, porém, os professores precisam se dedicar muito para alcançarem o objetivo no trabalho?

4.2.3.2 É AUTISMO? Conheça as possíveis causas e os comportamentos que ajudam a identificar o transtorno

A matéria, cuja chamada ocupou a maior parte da capa, tem o título ‘Notando o ambiente’, e é acompanhada do subtítulo: Influenciado por fatores genéticos e ambientais, a

manifestação do autismo altera a compreensão social dos portadores. Foi produzida em quatro páginas e o nome da categoria é autismo. A primeira parte da reportagem foi ilustrada com a fotografia de um menino, que aparece antes mesmo da escrita. Ao virar a página, encontra-se a segunda parte, que tem a fotografia do mesmo menino, mas agora ela aparece posicionada no final da matéria, depois da escrita. Ambas imagens foram retiradas do mesmo banco, Getty Images. O texto foi escrito com base na consultoria com uma fonoaudióloga e uma neuropsicóloga.

Tanto na primeira quanto na segunda imagem, é apresentada a mesma criança e com o mesmo semblante. Trata-se de um menino branco, loiro, tem os olhos azuis e aparenta ter aproximadamente seis anos de idade. Além disso, o menino está sozinho e não é mostrado realizando alguma ação, com exceção do fato de ele estar olhando para frente na primeira, e olhando para fora de uma janela na segunda. As duas imagens foram configuradas com tonalidades que remetem a uma sensação de frieza.

A primeira imagem ocupa uma página inteira e aparece antes do texto escrito, tornando improvável o olhar do leitor para qualquer outro aspecto antes de observar a imagem. Assim, o leitor pode olhar para a fotografia de um menino que está encarando a câmera com a feição de que está triste, zangado ou chateado. Ele está vestindo um casaco grosso e tem o capuz. Aparentemente está em uma estação de trem, mas o fundo está desfocado, impossibilitando afirmar com certeza. Acima desta imagem, está escrito o nome da categoria, que é autismo. Então o leitor pode ver cada detalhe da imagem e relacioná-la com a palavra autismo, contextualizando a primeira associação do transtorno com os estereótipos de que a criança com autismo é triste e solitária.

A segunda ilustração, na última página desta sessão, aparece ao lado direito da reportagem. Esta imagem é muito similar à da primeira capa da revista analisada neste trabalho. O menino observa o que parece ser uma janela e seu olhar, diferente da primeira, está desviado da câmera. Ao lado desta imagem há um enunciado em destaque: “Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) já começam a demonstrar sinais nos primeiros meses de vida: elas não mantêm contato visual efetivo e não olham quando você chama. A partir dos 12 meses, por exemplo, elas também não apontam com o dedo. No primeiro ano de vida, demonstram mais interesse nos objetos do que nas pessoas e, quando os pais fazem brincadeiras de esconder, sorrir, podem não demonstrar muita reação”.

O leitor, quando chega nesta parte da leitura, pode fazer a relação da imagem com o destaque apresentado anteriormente (além de todas as outras informações lidas ao longo da matéria). A criança, na imagem, não está olhando para a câmera, podendo ilustrar a parte que

diz que “elas não mantêm contato visual efetivo e não olham quando você chama”. Também, o fato da criança aparecer isoladamente na imagem, pode comprovar o momento em que a neuropsicóloga enuncia que elas “demonstram mais interesse nos objetos do que nas pessoas”.

Essa série de associações produzem discursos consolidados, em que o leitor pode não só ler nas palavras, como também pode ler nas imagens e relacioná-las. Nessa composição são criadas e fortalecidas muitas verdades que uma vez produzidas, torna-se muito difícil refutá-las. A exemplo da ideia de que as pessoas com autismo vivem em um mundo alheio, o “mundo azul”, pois se não olham quando são chamadas, não mantem contato visual, são pessoas alheias ao que passa em seu entorno, logo isoladas do mundo e enclausuradas em um mundo que lhes é próprio.

Ainda sobre o destaque da neuropsicóloga, mencionado anteriormente, nota-se a negatização das frases quando a profissional descreve as crianças com autismo. Sobre todas as ações descritas, apenas uma delas é afirmação. Segundo a profissional, a criança não mantém contato visual, não olha, não aponta, não demonstra reação. A única ação que a criança realiza, descrita por ela, é demonstrar mais interesse em algum objeto. A criança acaba sendo vista e descrita conforme aquilo que ela não faz, não conforme suas potencialidades, mas sobre fragilidades e limitações que muitas vezes são enfatizadas por um discurso que subjetiva o sujeito como sendo da falta, da falha.

Ao final desta leitura, pode-se resumir a criança com autismo como uma criança negação, pois todas as ações são antecedidas por um não. Então, fica aqui o questionamento sobre como seria descrita uma criança com autismo se não pudesse utilizar a palavra não. Seguindo na lógica dessa profissional, existiria uma descrição viável para ser utilizada? No entanto, não é apenas o uso da palavra NÃO que chama atenção, mas, sobretudo, a expressão de um olhar que ainda se destina a classificar o outro conforme aquele que ele não faz, não executa. Não se trata apenas da descrição, mas da expressão de uma mentalidade que se baseia em algo que pode ser um desafio para a criança e não necessariamente um problema ou limitação.

O objetivo da reportagem é apontar as causas do transtorno, bem como suas características. Como ainda não se encontraram explicações capazes de serem comprovadas pela ciência, a matéria apresenta algumas sugestões e hipóteses que têm sido estudadas. É mencionado, pela neuropsicóloga, que atualmente, a Síndrome de Asperger faz parte do Transtorno do Espectro Autista, juntamente com o autismo. Ela justifica que é uma mudança

positiva, pois “é melhor redefinir o diagnóstico por gravidade do que ter um *rótulo* completamente separado” (grifo nosso).

Rótulo é um substantivo masculino que, segundo o dicionário Dicio⁴⁸, significa “peça geralmente de papel, com inscrição ou letreiro, que serve para informar sobre o objeto em que é fixada; dístico, letreiro, etiqueta”. O termo utilizado pela profissional é tema de discussões que envolvem as consequências da prática de rotular pessoas de construir etiquetas considerando suas características. Por exemplo, nos espaços escolares: “Expropriadas de sua normalidade, muitas vezes as crianças incorporam a ideia da doença, de que são fracas, têm falhas e são incapazes. Na luta pela sobrevivência na escola, incorporam o rótulo e carregam o peso do estigma” (CHRISTOFARI; FREITAS; BAPTISTA, 2015, p. 1096).

Ao se rotular um sujeito, automaticamente este se torna estigmatizado pelas suas características, comportamentos ou aparência. Infelizmente, esta é uma prática que, cada vez mais, tem sido disseminada. O que se torna curioso, é o fato de que a profissional (neuropsicóloga) faça o uso desta palavra para, possivelmente, referir-se ao termo ‘diagnóstico’ como sinônimo, sendo isso um contrassenso se pensarmos na luta que se tem tido em romper com a lógica diagnóstica tomando-a como protagonista.

Posteriormente, na reportagem, justifica-se o aumento de casos diagnosticados, sem mencionar o período desse aumento, devido à inclusão da Síndrome de Asperger ao TEA, pois “o diagnóstico se tornou mais abrangente. Desta forma, o autismo seria, atualmente, o grau moderado ou grave dessa categoria de transtornos”. A partir desse enunciado apresentado na revista, sutilmente, percebe-se que a Síndrome de Asperger é apresentada ao leitor como uma forma leve de autismo, de não haver tanta preocupação se relacionada com outros casos de autismo. Em contrapartida, quando é mencionado o autismo, diz-se que é encontrado em grau moderado ou grave. Assim, mesmo dentro da área médica, percebe-se que há distinção de diagnósticos e que a síndrome de Asperger é mais tranquila que o autismo, apesar de estarem no mesmo espectro.

Seguindo na mesma racionalidade da neuropsicóloga, a outra profissional consultada, fonoaudióloga, aparece discorrendo sobre o “quadro”. Ela explica que a criança com autismo “tende a alinhar objetos e passar longos períodos de tempo brincando de *maneira característica*” (grifo nosso). Segue esclarecendo que “ao menor sinal de *inequação*’ e/ou *comportamentos diferenciados* na criança, os pais ou cuidadores devem procurar uma avaliação com um neurologista ou psiquiatra infantil” (grifo nosso).

⁴⁸ ROTULO. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rotulo/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Há uma tendência em avaliar sujeitos com autismo (ou até os que não têm o diagnóstico) pelos seus comportamentos, tanto que a fonoaudióloga afirma que existe uma maneira padronizada das crianças com autismo brincarem. Além disso, sugere que essas crianças sejam levadas, não para o pediatra, mas sim, para os médicos que são aptos a elaborar o diagnóstico. Ou seja, a criança precisa ser diagnosticada quando apresenta inadequações de comportamento, ou comportamentos diferenciados. Mas o que seriam comportamentos diferenciados? A palavra diferenciada refere-se à comparação a um padrão, pois se difere algo que é dado como modelo.

Outro termo que chama atenção é “ao menor sinal”. Como ler o que seriam sinais de uma patologia, de uma inadequação sem que questões morais e subjetivas atravessem esse tipo de análise?

Ao final da leitura, é possível que se tenha uma sensação de desamparo em relação às famílias ou profissionais que tenham contato com pessoas com autismo, pois a escrita tem uma tendência em destacar aspectos que são anunciados de maneira pejorativa e as imagens apresentam os semblantes entristecidos das crianças expostas. Associadamente a isso, observa-se que a escrita negativada e simplificadora acerca desses sujeitos são acompanhadas por orientações para procurar especialistas: “[...] se não houver acompanhamento”, “o acompanhamento médico teve ter início o quanto antes”, “devem procurar uma avaliação com um neurologista ou psiquiatra infantil”, “é melhor buscar um especialista”, “não hesite em procurar um fonoaudiólogo” e “procure um fonoaudiólogo infantil para uma avaliação”.

Sem desqualificar a importância de procurar um especialista, questiona-se o excesso das indicações para consultas no campo da saúde são para o melhor desenvolvimento da criança ou para vender os serviços desses profissionais, uma vez que vivemos inseridos na lógica capitalista?

4.2.3.3 E MAIS: Síndrome de Asperger

A matéria que ocupa duas páginas da revista (16 e 17) tem o título “Ainda sem explicação” e subtítulo “Incurável e causada por fatores desconhecidos, a Síndrome de Asperger provoca sintomas mais leves que o autismo, e seus portadores podem ser autossuficientes”. Foi escrita a partir da consultoria com a neuropsicóloga (a mesma entrevistada na reportagem anterior) e tem a ilustração centralizada ao fundo, que foi retirada do banco Getty Imagens, ocupando as duas páginas do texto escrito.

A imagem apresentada é bastante diferente das demais descritas anteriormente. Há um menino branco aparentando ter aproximadamente cinco anos de idade, com um grande sorriso no rosto, está ajoelhado sozinho sobre uma mala antiga de viagem, usando um óculos antigo de aviador, um gorro na cabeça que cobre as orelhas e o pescoço, e tem uma bolsa de câmera fotográfica antiga em seus braços. Pela posição da bolsa, que aparenta estar flutuando no ar, dá a entender que o menino está “nas alturas”, voando pelo céu e muito feliz. Além disso ele aponta, com seu dedo indicador, para alguma direção.

Observando inicialmente os dois elementos que mais chamam a atenção do leitor, a parte do título e a imagem, é possível fazer automaticamente uma relação entre elas. No subtítulo “[...] a Síndrome de Asperger provoca sintomas mais leves que o autismo, e seus portadores podem ser autossuficientes” é inevitável não estimar a Síndrome de Asperger pois está acompanhada da palavra autossuficientes e, quando comparada ao autismo, passa-se a ideia de que ela é glorificada, ou seja, as pessoas diagnosticadas com Asperger são vistas como seres superiores.

É associando a imagem ao texto que o leitor pode intensificar suas concepções sobre a Síndrome, pois quando olha para o menino que está expressamente feliz e lê a palavra autossuficiente relaciona os dois significados, portanto, rapidamente o leitor já pensa ter uma ideia sobre o que vai encontrar, antes mesmo de iniciar a leitura. Ou seja, ele inicia a leitura esperando encontrar mensagens que confirmem a sua concepção inicial, de que a síndrome de Asperger é vantajosa.

A escrita mostra uma breve apresentação sobre a síndrome de Asperger, bem como maneiras de identificar e acompanhar esses sujeitos. Apesar de pertencerem ao mesmo espectro, na reportagem, a síndrome de Asperger é frequentemente comparada ao autismo, entretanto, com a intenção de fortalecer a ideia de que o autismo é significativamente mais acentuado que ela. Inclusive o destaque, ao lado da imagem, traz a seguinte mensagem da neuropsicóloga: “A apresentação clínica dos indivíduos do espectro autista é *heterogênea*. Na Síndrome de Asperger, agora denominada *TEA leve*, não há presença de *Deficiência Intelectual* e as *crianças, jovens e adultos são verbais*” (grifo nosso).

O destaque anterior mostra a ênfase em apresentar que o espectro é diferenciado (o que ocorre com menos frequência quando a temática é o autismo), é heterogêneo e que ainda, não há presença de DI, levando o leitor a associar que no caso do autismo os sujeitos tenham sempre DI. Depois, novamente, há o lembrete de que quem tem a síndrome de Asperger não tem DI, afirmação que não pode ser afirmada com tanta certeza, uma vez que qualquer pessoa pode estar sujeita a ter deficiência intelectual. A menção feita ao sujeito criança, jovem e

adulto, quase não aparece nas reportagens que abordam o autismo, diferentemente desta, que além de apresentar o indivíduo, cria perspectivas de que a criança passará pelas fases de desenvolvimento e alcançará a vida adulta.

De uma forma geral, é importante salientar que esta revista analisada tem como temática a Deficiência Intelectual, ou seja, apesar do autismo e síndrome de Asperger não se encaixarem na temática de deficiência intelectual, já que esta não é uma condição que, necessariamente se encontra em sujeitos com autismo ou Asperger, são amplamente apresentados como se fizessem parte. Não se nega as situações em que o sujeito tem TEA e, também, deficiência intelectual, pois pode acontecer, mas não é a regra. Por isso, a maneira como o TEA está sendo apresentado, incluindo o contexto da revista, pode induzir o leitor a pensar que autismo e DI são sinônimos ou que, obrigatoriamente quem tem autismo também terá DI. Seria importante frisar essas questões, entretanto, os conteúdos apresentados mostram-se alheios a essa preocupação.

Enfim, considerando a análise das reportagens dessa revista, é possível destacar que o olhar voltado ao que o sujeito não consegue, é percebido como definidor das práticas que se desenvolvem com o sujeito com autismo e, também, limitador. A exemplo disso, conforme problematizado anteriormente, negar o acesso aos conteúdos escolares para uma criança com TEA, é o mesmo que tirar os direitos dela, pois cada uma tem sua especificidade e formas de aprendizagem diferenciadas. Além de que, a revista supervaloriza a síndrome de Asperger, comparando-a frequentemente com autismo, de uma forma que o fragiliza e o intensifica, como se fossem dois acontecimentos opostos, embora sejam considerados o mesmo transtorno, apenas em graus diferentes, e não contrários.

4.2.4 Revista 4

A revista *Ler & Saber Autismo*, ano 4, nº 8 de 2018 contém 15 páginas e é ilustrada com a imagem de uma menina branca, loira, sentada de costas para a câmera e está ao lado do urso de pelúcia sem interagir com ele.

4.2.4.1 CONHEÇA OS NÍVEIS - Entenda o que é afetado de acordo com o grau do espectro

A matéria, cujo título é “Diferentes graus” é acompanhada pelo subtítulo “O autismo se manifesta em diversas intensidades. Saiba como diferenciá-las”. Ela está apresentada dentro da categoria “tipos” e é uma reportagem curta, tendo apenas duas páginas (páginas 6 e

7). As duas páginas estão cobertas pela imagem de um menino branco sentado de costas para a câmera, ele está centralizado e a escrita configurada ao seu redor. A ilustração foi retirada do banco de imagens Getty Images ou Shutterstock⁴⁹. Os profissionais consultados foram uma psicóloga e um coordenador de uma universidade de Goiás.

A imagem mostra um menino sentado de costas para a câmera e de frente para uma parede azul. Ele é branco, loiro, está cabisbaixo e sozinho. Além disso, ao seu lado, há um brinquedo e um avião de madeira, entretanto, o menino não se relaciona com ele, ou seja, o brinquedo aparece apenas para compor o cenário. Ao analisar criticamente a cena, pode-se interpretar que o fato do menino não interagir com o brinquedo pode transparecer que essa é uma característica do autismo, que o menino não brinca, não interage e não tem ação. Em um momento da escrita, o leitor é informado de que o autismo pode aparecer em diferentes graus, do leve “com pouco comprometimento de interação social, até graus mais graves, que podem apresentar comportamentos compulsivos”, assim, ele pode fazer relação desse discurso com a imagem.

Na segunda página da matéria há um quadro informativo que mostra as principais características de cada nível, apesar de resumido, é similar à tabela 2, retirada do DSM-V, no Capítulo 2. O quadro é dividido em três níveis, o primeiro é “exigindo apoio”, o segundo “exigindo apoio substancial” e o terceiro “exigindo apoio muito substancial”, além disso, cada nível está subdividido em características ligadas à comunicação e ao comportamento. É interessante perceber que, apesar da responsabilidade da conclusão do diagnóstico ser competência do médico, principalmente porque o parecer médico é requisitado para fazer uso dos direitos apontados nas leis, o próprio título diz capacitar o leitor de realizar esta função, quando utiliza a palavra ‘saiba’ como sinônimo de ‘aprenda’, ou seja, trocando as palavras temos a frase: “aprenda a diferenciá-las”.

Torna-se contraditório, pois na matéria anterior a essa, há uma afirmação em que diz que o diagnóstico só pode ser dado por um neurologista ou um psiquiatra, ou seja, ambos com graduação em medicina. No momento em que a matéria incita o leitor a diferenciar os graus e ainda apresenta um quadro, similar ao do DSM-V, está quase pedindo para que o leitor faça um diagnóstico. Se os leitores são pais de crianças com suspeita de autismo, eles recorrerão a um médico que possa dar o diagnóstico. Se são pais que já tenham o diagnóstico, eles possivelmente já saberão diferenciá-los e saberão como seu filho se comporta. Mas em se

⁴⁹ Nenhuma das imagens nesta edição possuem a fonte especificamente para cada imagem. Apenas nas informações técnicas é que este dado está disponibilizado na seguinte configuração: “**Imagens:** Getty Images e Shutterstock Imagens.

tratando de um professor. Se a função da sua profissão é realizar intervenções pedagógicas considerando a multiplicidade de seus alunos, qual seria a diferença de um professor saber que a criança é nível um ou nível dois?

A intensão não é desconsiderar as informações acerca da condição da criança, mas sim, de problematizar, quando por exemplo, em uma escola, o diagnóstico chega aos olhos do professor antes da criança e se torna totalizador ou definidor das práticas. Qual é a chance de um professor não ser influenciado pelo diagnóstico? Anteriormente, no Capítulo 2, foi apresentado o caso da profissional que não quis contradizer o diagnóstico do médico mesmo sabendo que a criança não tinha autismo, mas sim, deficiência auditiva. Conhecer o diagnóstico e tomá-lo como orientador da relação antes de conhecer o sujeito pode interferir no trabalho dos professores, pode impossibilitar um melhor aproveitamento de atividades pedagógicas e limitar o desenvolvimento do sujeito, pois como apresenta o quadro da matéria analisada, a criança “tem dificuldade, tem problema, tem complicações e tem pouco interesse”.

Ao lado do quadro tem uma parte intitulada como “Melhorando a interação”, em que é apresentada a consultoria com o coordenador do curso de Pedagogia e Letras de uma universidade privada. Ele aponta que independentemente do nível diagnosticado, é necessário que haja o acompanhamento com especialistas. Percebe-se que a fala é bastante generalizada e que, segundo o que a revista registra, o “especialista” não tem sua formação especificada.

Posteriormente, a próxima e última parte é intitulada como “Síndrome de Asperger” e apresenta um breve histórico informando ao leitor que depois da atualização do DSM-V, a síndrome de Asperger pertence ao espectro autista. Contudo, a escrita é concluída com o seguinte apontamento: “sendo caracterizada como um grau de autismo de alto funcionamento”. Ou seja, primeiro a escrita aponta que Asperger pertence ao TEA e depois ressalta que mesmo isso acontecendo é considerado com alta funcionalidade, como se pertencer ao TEA fizesse transparecer um problema, como se fosse uma catástrofe.

4.2.4.2 IDENTIFIQUE OS SINAIS - Saiba se seu filho pode ser autista

A matéria é intitulada com o questionamento “Será que é autismo?” e tem como subtítulo uma frase que incentiva o leitor a procurar indícios na criança de algum sintoma: “Identificar os sinais na infância é importante para buscar um diagnóstico correto”. Assim como a anterior, esta é uma reportagem curta, que ocupa apenas duas páginas da revista (p. 4 e 5) e está categorizada no tópico de “diagnosticar”. Os dois profissionais que sustentaram a

matéria tratam-se de um neurologista e um psicólogo. Para ilustrar o texto escrito foi usada uma imagem retirada do banco Getty Imagens ou Shutterstock, que aparece a silhueta de uma cabeça posicionada de perfil e coberta com peças coloridas de quebra-cabeça, fica atrás de um fundo todo amarelo.

A imagem utilizada ocupa a primeira página da matéria e está posicionada abaixo do título e subtítulo, assim o leitor tem acesso à imagem antes da escrita. Como já foi discutido anteriormente, uma das explicações é que as peças de quebra-cabeça simbolizam a complexidade e diversidade do transtorno, bem como famílias que convivem com pessoas com autismo. Entretanto, não há nenhuma contextualização ou explicação da imagem para o leitor e como a matéria se trata de informações que se referem aos sinais de autismo na infância, é possível que o leitor não tenha compreensão do que aquela imagem possa representar.

Apenas no meio da escrita é que é mencionado a palavra peça, talvez esteja aí a explicação para o uso dessa ilustração. “A comunicação, portanto, é uma peça importante para entender melhor a criança e desconfiar de um possível transtorno”, ou seja, a partir dessa frase o leitor por interpretar que, se a comunicação é uma das peças, as outras que compõe a face ilustrada, significam áreas diversificadas que também interferem no diagnóstico. Porém, são suposições acerca das inúmeras possíveis interpretações.

Inicialmente o neurologista apresenta um dado que pode deixar o leitor bastante preocupado, que alguns traços autísticos “podem ser percebidos desde cedo, a partir dos *dois meses* de idade” (grifo nosso). Essa informação é reforçada pela fala do psicólogo que defende “quanto antes o transtorno for detectado e confirmado, melhor, pois possibilita um início rápido de tratamento”. Contudo, nenhum dos profissionais indica quais sejam os tipos de sinais que um bebê pode fazer que indique o autismo, eles falam de questões comportamentais e comunicacionais em crianças, indicam terapias multidisciplinares, mas não retomam como os pais podem perceber o autismo em um bebê de dois meses, assim o leitor é informado de maneira simplificada e insuficiente.

A fim de defender, mais uma vez, o diagnóstico o mais cedo possível, o neurologista afirma, considerando o sujeito com suspeita de autismo, que “essas pessoas ainda podem ser rotuladas como antissociais ou rípidas, pela falta do diagnóstico”. A reflexão que é permitida fazer nesse espaço é sobre esse enunciado, de que se as pessoas com diagnósticos definidos como TEA, realmente deixam de ser rotuladas depois que os tem? Outras edições da mesma revista apresentam o “universo autista” ao leitor, ou seja, as pessoas com autismo são rotuladas pelos seus diagnósticos. Assim, se é um fato comprovado que a falta de diagnóstico

rotula esses sujeitos, então a presença de diagnóstico deveria inviabilizar a rotulação, o que de fato não é visto cotidiano social e escolar.

Na última parte da matéria, o psicólogo afirma que é muito importante a orientação dentro da escola, mas que muitas escolas nunca receberam uma criança ou não têm profissionais preparados, e então, posteriormente, sugere que haja uma conversa com “profissionais da saúde e os educadores”. O psicólogo não usa palavras explicitamente para indicar que os educadores entrem em contato com profissionais da saúde, mas essa relação pode ser feita (e parece que há esse propósito) pelo próprio leitor, no momento em que se depara com a sugestão para conversar com ambos os grupos.

Conforme o exposto, de que escolas podem não saber como receber uma criança com autismo é sugerido uma conversa com profissionais da saúde, ou seja, é notável que há uma intensificação do discurso da saúde e médico em detrimento do discurso pedagógico da educação, pois poderia ter sido sugerido que as escolas propusessem cursos de formação para os educadores e uma relação interdisciplinar e multiprofissional.

4.2.4.3 TERAPIAS - O papel de cada especialista nos tratamentos

Esta é a maior matéria da revista, em que apresenta a função de diversos especialistas/profissionais para lidarem com a criança. Intitulada como “Acompanhamento” e com o subtítulo “Como buscar a qualidade de vida e bem-estar do autista”, a matéria ocupa quatro páginas (p. 8, 9, 10 e 11) e está categorizada no tópico de terapias. As duas imagens que compõe a matéria são similares, aliás, é a mesma imagem apenas com a posição da criança diferente e foram retiradas de um dos bancos Getty Imagens ou Shutterstock. Os profissionais consultados na matéria foram: uma coordenadora do curso de pedagogia, uma psicopedagoga e uma coordenadora de faculdade privada.

As duas imagens apresentadas na revista mostram a mesma criança, uma menina de aproximadamente dois anos de idade, branca, loira, sentada no chão sozinha brincando com peças de montar, que se encaixam. Ao fundo branco, não parece ter nada além de uma escada. A diferença entre as duas imagens é que na primeira a menina aparece montando uma torre das peças que se encaixam, enquanto na segunda imagem, a torre da imagem anterior está montada ao seu lado e ela aparece montando uma segunda torre, porém, tudo continua da mesma forma, inclusive o cenário ao fundo. O fato da menina estar sozinha pode remeter mais uma vez ao leitor de que o autismo é sinônimo de isolamento e reforçar essa ideia. Essa imagem é recorrente. Na imagem, não é possível identificar em que ambiente a menina está

inserida, se é em uma clínica/consultório, em uma escola ou em casa. Não há crianças ao seu redor, mas a menina parece brincar muito bem sozinha.

Toda a matéria se respalda em informar as características e as funções de cada profissional. No início o leitor é informado de que é unânime a defesa dos especialistas de “uma equipe profissional multidisciplinar que deve fazer parte da vida do autista desde o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e para a vida toda”. Ou seja, sem desqualificar nenhum dos profissionais, será mesmo que o sujeito com autismo necessita de acompanhamentos assim para a vida toda? Com essa afirmação, infere-se que todas as pessoas com autismo nunca poderão ter uma vida sem que tenham acompanhamentos específicos em relação ao seu diagnóstico. A matéria não diferencia as demandas que a infinidade de casos do espectro pode apresentar e coloca todos os sujeitos com TEA na mesma condição, de que precisam de acompanhamento “para a vida toda”.

Os profissionais e terapias aparecem apresentados brevemente, sendo apontados pela revistas, através de pequenas frases: pediatra, neuropediatra, fonoaudiólogo, terapeuta educacional, fisioterapeuta, pedagogo, educador físico, psiquiatra e psicoterapias. Um fato interessante em relação a isso é que apenas uma das profissionais consultadas aparece falando sobre esses profissionais. A escolhida para isso é a coordenadora de um curso de pedagogia de uma instituição privada. Ela fala sobre o fonoaudiólogo, o terapeuta ocupacional e o pedagogo. Este seria um momento propício para cada profissional, agora com a presença de um pedagogo tendo a oportunidade de se manifestar, falar sobre o seu trabalho e estratégias, entretanto apenas a coordenadora de um curso de pedagogia consultada para dialogar sobre temáticas bastante diferenciadas e específicas de cada profissional.

A apresentação de psicoterapias aparece à parte, pois “além de auxiliar o autista, o psicólogo também ajuda os familiares, uma vez que o TEA impacta emocionalmente, e de forma intensa, as pessoas ao redor do autista”. Apesar da revista afirmar que a psicoterapia tem dupla função: auxiliar pessoas com autismo e os familiares, a matéria apresenta apenas os métodos terapêuticos (ABA, PECS e TEACH) para intervir com as pessoas com autismo, deixando o leitor sem explicação sobre como funcionam as psicoterapias para as pessoas que estão “ao redor do autista”. Essa afirmação também nos remete a ideia do trágico, ou seja, as pessoas que convivem com quem tem autismo, segundo a matéria, necessitam de psicoterapia para conseguirem conviver com alguém que tem esse diagnóstico.

A importância do pedagogo é apresentada na revista de maneira simplificadora, considerando que esse profissional “auxilia os pais e cuidadores a realizar atividades e estímulos em casa”. Um pensamento bastante restrito, pois apresenta o pedagogo como um

técnico uma vez que a coordenadora do curso de pedagogia, aponta o olhar pedagógico como “indispensável no processo escolar, afinal é o pedagogo que fará as adaptações curriculares e dos materiais necessários para que a criança possa ser inserida em uma classe de ensino regular”. Além disso, a fala dela está pautada apenas em crianças que frequentam a escola de ensino regular, pois não se pronuncia em relação às experiências dos professores no ensino superior.

Percebe-se que em ambos enunciados a proposta do papel pedagógico está voltada amplamente para a execução de atividades, o que induz o leitor a pensar que a escola pode ser resumida em um ambiente que é reprodutor de atividades. Isso despreza as atribuições das medições docentes frente às relações interpessoais e da riqueza de diferentes contextos sociais, ou seja, expropria-se a atuação pedagógica como uma prática que deve, constantemente, entender a escola como um organismo vivo, crítico e de formação humana.

Retomando a imagem, destaca-seo enunciado apresentado junta a ela, em que afirma-se que: “é possível estimular habilidades de comunicação e de aprendizagem, [...] desenvolvendo a interação social e garantindo, a cada dia, a melhora das funções”. Ou seja, o enunciado ao lado da imagem pode ser entendido como sendo uma estratégia para “amedrontar” o leitor caso não se invista nas terapias, indicando que a criança permanecerá da forma como ilustra a foto, isolada, alheia ao mundo. Assim, induz-se o leitor a pensar que as terapias oferecem a garantia de redução ou eliminação dos sintomas do autismo, fazendo a criança “melhorar suas funções”.

4.2.4.4 COMO ESTIMULAR UM AUTISTA? O uso da tecnologia favorece a comunicação de pessoas com autismo

A última matéria da revista ocupa as três páginas finais da revista (p. 12, 13 e 14), tendo como título: “Dispositivos aliados” e subtítulo: “É possível explorar a tecnologia para promover a educação e a socialização de crianças autistas”. A matéria está categorizada no tópico de “tecnologia” e tem a escrita embasada na consultoria com três profissionais: um administrador de uma empresa que produz conteúdo educativo infantil, uma mantenedora de um colégio e um neurologista. A matéria está ilustrada com duas imagens, ambas de um menino que está utilizando um dispositivo digital móvel, um *tablet*. E as fotografias foram retiradas de um dos bancos Getty Imagens ou Shutterstock.

A imagem utilizada nas primeiras e na terceira página são bastante similares, mostram a mesma criança, realizando a mesma ação, porém, fotografada em posições diferentes. A

primeira foto ocupa as duas páginas da frente e apresenta um menino branco e loiro, deitado de bruços no chão, ele está sozinho em um ambiente que parece ser uma casa e está mexendo em um *tablet*. Na segunda imagem, o menino continua mexendo no aparelho, entretanto a imagem foi feita de cima da criança, ou seja, aparece com mais destaque o aparelho eletrônico.

De uma forma geral, a matéria aparenta fazer propaganda, sutilmente, da empresa que produz os conteúdos educativos infantis e do colégio que faz uso de tecnologias da sala de aula, representado pela mantenedora. Em ambas as situações, são apresentados os serviços detalhadamente e depois é enfatizada a importância para o uso com as crianças, e só então, é mencionado o benefício dos serviços utilizados por crianças com autismo. É defendido que tanto os recursos tecnológicos do colégio, quanto o aplicativo com conteúdo educativo, melhoram as interações sociais, com a ressalva de que o colégio precisa ter a mediação com o professor e o aplicativo deve ser monitorado pelos os adultos. Questiona-se, são as tecnologias que favorecem melhores condições de interação social ou se são as mediações (dos professores e dos adultos) entre as tecnologias e os sujeitos com autismo que realmente apresentam melhorias?

As tecnologias aparecem na revista como salvadoras e potencializadoras da interação, entretanto, indicam que para se efetivarem, deve haver as devidas mediações. Oras, realizar a leitura de um livro de papel com uma criança (com diagnóstico de autismo ou não) também não induz à interação? Brincar, desenhar, cozinhar, caminhar, conversar, seja qual for a atividade, se houver intervenção, haverá interação, portanto, ajudará no processo social da criança, independentemente do diagnóstico de autismo ou não.

O que se tenta dizer com isso é que a afirmação de que uma ferramenta necessita de mediação não se restringe às pessoas com autismo, mas é condição *sine qua non* para que ocorra a aprendizagem em todas as pessoas. Além disso, não se trata apenas das tecnologias, ainda que estas tenham seu papel e sua importância no desenvolvimento das pessoas com autismo, dependendo da maneira como são usadas, mas de problematizar como a matéria aborda essa questão reduzindo às tecnologias as possibilidades de qualificar a interação das pessoas com autismo com o mundo.

Um contraponto que merece ser destacado, é o fato de que a matéria defende que haja a mediação de um adulto no que tange ao uso das tecnologias. Entretanto, em ambas as imagens, a criança aparece solitária, fazendo o uso de uma suposta tecnologia sem a presença de um adulto. A imagem mostra o que, atualmente, se presencia com frequência, que é o uso de aparelhos tecnológicos sem a supervisão dos pais ou adultos responsáveis. Se a revista

propõe que deve haver a mediação para, então, haver a interação, a imagem reproduz exatamente o oposto. Uma criança mexendo sozinha em uma tecnologia, sem interação com outro sujeito e que parece estar gostando bastante, parece interessada no que faz, ao contrário de outras imagens em que as crianças geralmente aparecem sem interagir com os objetos que estão com elas.

Para finalizar a matéria, é apresentado um quadro nomeado com o título “interação e inclusão” destacando a fala do neurologista. Ele defende que a “inclusão deve ser feita por meio de *estratégias adaptativas e treinamento* desses profissionais [...]” (grifo nosso) e propõe que a adaptação, por exemplo em uma escola, seja em torno da criança com autismo. Usa o exemplo de que é a criança com diagnóstico que precisa sentar ao lado de alguém mais comunicativo, para melhorar a interação. O que ele sugere, apesar de ter a intenção de ajudar a criança com autismo é contrário ao movimento que sugere a inclusão, de que todo o ambiente e a mentalidade das pessoas precisam ser modificados, entendendo que as pessoas devem ter acesso ao ensino e aprendizagem equitativamente. A partir da linguagem usada pelo neurologista, pode-se pensar em uma concepção de ensino tecnicista que se baseia nas estratégias adaptativas e no treinamento (e não formação continuada) dos profissionais da educação e professores.

Considerando o processo de inclusão no sentido não apenas do acesso e permanência, mas de direito a aprendizagem, participação e formação humana crítica, o neurologista poderia ter enfatizado a conscientização do autismo e da multiplicidade dos modos de estar no mundo, de se expressar, de aprender. Isso seria uma possibilidade de favorecer que a criança com autismo seja, também, protagonista do processo. Além disso, destaca-se que é um neurologista falando de inclusão na escola. Uma dinâmica bastante comum atualmente. A área da saúde se manifestando quanto às questões pedagógicas.

Como dito anteriormente, essa reportagem lembra bastante um folheto de publicidade, cheio de benefícios sobre o produto e o convencimento para adquiri-lo. Além do que, a revista inteira, tem a presença de profissionais que deixam bastante evidenciado as instituições privadas em que trabalham. Coincidentemente ou não, são empresas que fornecem serviços, seja oferta de cursos graduações, terapias ou aplicativos para dispositivos digitais. A partir disso, pode-se concluir que concomitantemente com as informações expostas nas revistas que abordam o autismo, há um processo de comercialização de serviços.

O uso das imagens escolhidas para ilustrar as matérias também podem influenciar o leitor na decisão de adesão aos serviços, pois elas elucidam situações que, supostamente, acontecem sem o uso das comodidades oferecidas. Depois de ler o conteúdo, o leitor pode

relacionar as soluções apresentadas através das terapias ou aplicativos que facilitem a comunicação como uma necessidade indispensável para evitar de vivenciar as situações expostas através das revistas, tais como: as crianças que aparecem isoladas ou aquelas que não interagem/brincam com o brinquedo. Assim, fazendo uso da ideia de que experienciamos “a ciência reduzida à mídia, que se autoriza a fazer também do autismo uma mercadoria” (FERRARESI, 2017, p. 198), os leitores também são influenciados na aquisição de produtos e serviços, justamente o que compõe a lógica capitalista e do consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crianças sentadas de costas para a câmera, sem mostrar a face. Crianças brancas, maioritariamente loiras. Crianças sozinhas. Crianças com semblante entristecedor. Crianças ao lado de brinquedos sem interagir com eles. Crianças sem voz. Crianças que brincam sozinhas. Crianças que olham para o horizonte. A representação do autismo nas revistas analisadas pode ser rapidamente apresentada a partir desses enunciados. Considerando as produções das revistas em questão, supõem-se que há um entendimento de que o autismo ocorre apenas em crianças. Em pouquíssimos momentos foram mencionados os jovens, os adultos e os idosos com autismo, bem como as características destas fases da vida, como mercado de trabalho, relacionamentos amorosos, formação de família, independência financeira ou outras questões que tangem o acontecimento da existência humana.

Fica explícito, em todas as análises, para qual público as revistas estão direcionadas. A maioria das matérias estão dirigidas aos familiares, mais especificamente aos pais, mas também há casos em que o público objetivado são profissionais que trabalham com crianças, como é o caso de professores. No entanto, não se trata de qualquer família. Há uma pressuposição de que as famílias tenham condições financeiras que as permite sustentar terapias e serviços, pois a todo momento, são indicados e apresentados profissionais de instituições privadas, que podem ser contratados para qualificar o desenvolvimento do sujeito. Essas indicações levam o leitor a entender que precisa investir um valor alto para oferecer ao seu filho (autista) melhores condições de vida e desenvolvimento. Em alguns momentos, foi possível comparar a revista com um catálogo de produtos para crianças autistas, veja bem, para crianças apenas, pois, como já dito, em raros momentos foi apresentado algum “serviço” para pessoas com autismo em outras fases da vida.

Com o decorrer do trabalho, percebe-se que as imagens, diferente dos textos, comunicam a mensagem de maneira instantânea, de modo que criam uma ideia antes mesmo da leitura do título, que normalmente aparece destacado. Já diz o ditado, “uma imagem vale mais que mil palavras”. Considerando a importância da comunicação pelas imagens, problematizamos cada uma delas detalhadamente, objetivando, a todo momento, entender as possíveis interpretações que um leitor poderia fazer, mesmo que cada pessoa, ao ver uma imagem, tenha suas próprias concepções de acordo com suas experiências.

Ficou evidente que as imagens seguem um padrão em todas as revistas analisadas. Dessas imagens, 100% mostram crianças brancas, quase sempre loiras. A maior parte aparece com olhares vagos, sozinhas ou, quando acompanhadas, estavam sendo assistidas pelos pais

ou profissionais. Além disso, não foi evidenciado o uso de imagem de criança com autismo, uma vez que todas elas foram retiradas de bancos de imagens disponíveis na internet e muitas, inclusive são usadas para diferentes temáticas como: tristeza, depressão, solidão. Ou seja, essas são as representações hegemônicas do autismo veiculadas por revistas que chegam, de maneira muito acessível, ao alcance de muitas pessoas.

Ainda sobre as imagens, foi possível perceber que elas (re)produzem, também discursos vinculados aos debates das questões de gênero, sobretudo no que tange às esferas hegemônicas e tradicionalistas. As meninas estavam acompanhadas ou abraçadas com ursos de pelúcia, que passavam a ideia de fragilidade e sensibilidade, enquanto os meninos apareciam ao lado de aviões de madeira de brinquedo, emitindo a sensação de brincadeiras temáticas, cujos profissionais ligados às representações (no caso do avião, piloto) são majoritariamente homens.

Durante a edição de uma revista tudo é escolhido com cuidado, com intencionalidade, inclusive, a ausência de elementos é proposital. Ou seja, ao não vermos crianças negras, jovens, adultos, idosos representados nas revistas, percebemos uma concepção homogeneizadora e reducionista acerca dos sujeitos com autismo. Nega-se as especificidades e a multiplicidade, reduzindo os sujeitos com autismo a um estereótipo. Por isso, quando problematizamos as representações dessas imagens, automaticamente se faz referência, também, aos discursos que a mídia tem interesse em produzir ou fortalecer, por exemplo, o fato recorrente de ser apresentada apenas imagens de crianças brancas. O que isso tem a nos dizer?

Percebe-se o predomínio, em todas as revistas analisadas, da fala, da consultoria de profissionais da área da saúde, como psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogos, psiquiatras e pediatras. Essa análise nos permite relacionar a concepção apresentada pelas revistas sobre o autismo, baseada em uma concepção médico-clínica em que a ênfase é dada sobre questões orgânicas e, conseqüentemente, indicando serviços terapêuticos que possibilitem esses sujeitos a se modificarem para serem aceitos pela sociedade. Foram raras as vezes em que apareceram profissionais da educação e a problematização de situações cotidianas como: brincadeiras, aprendizagem, atuação e participação social.

Assim, evidencia-se que a percepção sobre o autismo encontra-se acentuada nas questões biológicas, sustentadas pelo olhar médico, permanecendo quase esquecidas e inexistentes as questões sociais que se preocupam o integralmente com os sujeitos autistas. Além disso, percebe-se ainda uma relação dessas questões médicas com uma concepção

moral quando aparecem questões comportamentais como um problema a ser tratado, organização das famílias como fundamental ao desenvolvimento saudável da criança.

Nessa mesma lógica, não constatou-se nenhum momento, uma pessoa com autismo falando sobre suas condições, suas vontades, seus planos. As revistas, que anunciavam apresentar “tudo sobre o autismo”, “esqueceram” de um detalhe muito importante: dar voz às pessoas com TEA para que pudessem se expressar, afinal, o que seria mais construtivo do que ter um sujeito com autismo falando sobre ele mesmo, sobre sua visão de mundo? Mas, ao contrário, a nós leitores, foram apresentados discursos produtores de uma visão trágica em relação ao autismo, e pior, o autismo foi apresentado como uma “epidemia”, um “universo”, sem que tivéssemos acesso, de fato, aos pensamentos e ideias de pessoas com autismo.

O uso do termo inclusão foi recorrente em todas as revistas, entretanto, esse uso mostrou-se apenas representando um termo utilizado sem nenhuma sustentação dando a impressão de se tratar de um modismo quanto a sua utilização. Afinal, o que se entende como inclusão quando os sujeitos a serem incluídos precisam ter seus comportamentos “adequados” à, dita, normalidade? A esse movimento, se fosse para pensar em um conceito, o da integração seria mais adequado a essa necessidade de mutabilidade das pessoas para serem aceitas e poderem conviver em sociedade. Contudo, o que foi visto foram discursos de motivação para terapias que adequam os sujeitos para ter “até uma vida independente”.

Destaca-se que as terapias, assim como o acompanhamento com profissionais especializados, são importantes para o sujeito com autismo, entretanto, a forma como os enunciados foram apresentados mostram-se muito mais interessados em neutralizar o autismo, do que, propriamente, inserir esses sujeitos na sociedade com suas particularidades. Com isso não estamos falando que as diferentes terapias não sejam importantes, no entanto, reduzir o desenvolvimento do sujeito com autismo a elas, é um pensamento perverso e perigoso, pois, além de individualizar o autismo (o sujeito precisa ser tratado), mascara as barreiras sociais, a construção de uma mentalidade que ainda enfatiza os limites ao invés de analisar as possibilidade coletivas de construção de pensamentos outros sobre a diversidade humana.

Retomando o objetivo geral que foi proposto ao iniciar esse TCC, de analisar e problematizar os discursos produzidos sobre o autismo em revistas impressas, foi possível, a partir das análises das capas e das reportagens das revistas, validar o pressuposto inicial deste trabalho. Enfatiza-se que a mídia é produtora de discursos, e que esses discursos produzem sentidos e estão em constante processo da construção de verdades que, ao não serem sustentadas teoricamente e se basearem no senso comum, produzem sujeitos estereotipados, sujeitos que são reduzidos ao seu diagnóstico e reconhecidos pelos seus rótulos. Para além da

pressuposição inicial deste trabalho, ainda ficou evidente que as revistas analisadas se oferecem como um catálogo de terapias, serviços e produtos, ou seja, aproveitam-se da veiculação das informações para promover profissionais, centros clínicos, cursos de especialização e serviços.

Concluindo, a mídia, através dos veículos de comunicação, fez-se importante desde o início de sua propagação tornando-se cada vez mais indispensável para o funcionamento da sociedade, considerando o processo de globalização em que se encontra o mundo. Nessa lógica, destaca-se que a mídia nunca foi e nunca será neutra. Todo discurso, por ela veiculado, é carregado de concepções e visões de mundo.

Há um campo epistemológico, ainda que não anunciado e não sustentado, que reverbera o que poderíamos chamar de epistemologia hegemônica aplicada na medicina a qual é caracterizada por um paradigma médico-clínico. Por isso, defende-se que os conteúdos devem ser analisados criticamente, não apenas interiorizados sem criticidade, principalmente quando a temática é relacionada ao autismo. A exemplo disso, temos as quatro revistas analisadas, em que a temática foi criada (e veiculada) com uma visão de autismo adequada à lógica mercadológica (e médica, considerando que os serviços e fármacos estão relacionados a esse campo). Na maioria das situações, foram indicadas terapias particulares, não sendo observado o debate sobre as leis que dão direitos às pessoas com autismo, e, principalmente, pouco se discutiu as possibilidades múltiplas de ser sujeito vivendo a condição do autismo.

Enfim, considera-se que as formas de representação do autismo em revistas pertencentes à mídia hegemônica, pautam-se em discursos médicos, orgânicos e que simplificam a integridade dos sujeitos com autismo ao seus respectivos diagnósticos. O que indica que o discurso da mídia está em consonância com o DSM-V, refletindo uma lógica recorrente de que o sujeito está definido em seu organismo. Visão essa simplificadora e que tem sido potencializada em diferentes esferas sociais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, p.67-82, abr. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BIALER, Marina. A inclusão escolar nas autobiografias de autistas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.485-492, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193876>.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p.71-98, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-33522011000200004>.

BOAS, Sergio Vilas. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, SariKnopp. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 19, p.20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei no 13.146 de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BRASIL, **Presidência da República**. Lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm> Acesso em: 21 de nov. 2019.

CHRISTOFARI, Ana Carolina; FREITAS, Claudia Rodrigues de; BAPTISTA, Claudio Roberto. Medicalização dos Modos de Ser e de Aprender. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p.1079-1102, 25 ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623642057>.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. Capas na mídia impressa: a primeira impressão é a que fica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** . Santos: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. p. 1 - 11.

FERRARESI, Vanessa. **Do organismo ao corpo: um estudo sobre a representação do autismo nos meios de comunicação.** 2017. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11042018-122744/publico/VANESSA_FERRARESI.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 7-80.

IANNI, Octavio. **A sociedade global.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KEDAR, Ido. **Ido in Autismland.** Disponível em: <www.idoinautismland.com>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo – Ação! A representação do autismo nas séries de TV. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 17, n. 193, p.13-22, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33887/19454>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MEDINA, Cremilda. **NOTÍCIA: Um Produto à Venda.** 5. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MÓDOLO, Cristiane Machado. **Infográficos na mídia impressa: um estudo semiótico na revista Mundo Estranho.** 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

ORLANDI, Eni P.. **Análise De Discurso.** 3. ed. Campinas, Sp: Pontes, 2001.

RÊGO, Ana Paula Monteiro. **Autismo: discurso médico e discurso analítico.** 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1345>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

RIOS, Clarice et al. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 19, n. 53, p.325-336, 27 fev. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>.

STREHLAU, Vivian Iara. **A EMBALAGEM E SUA INFLUÊNCIA NA IMAGEM DO PRODUTO**. 1996. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Eaesp-fgv, São Paulo, 1996.

TEMPLE GRANDIN. Eua: Hbo Films, 2010. P&B.